



Sociedade das Ciências Antigas

FORÇAS MÍSTICAS E CONDUTA DE VIDA

POR

PAUL SEDIR



TRADUÇÃO FEITA A PARTIR DO ORIGINAL FRANCÊS

FORCES MYSTIQUES ET COMPORTEMENT DE VIE
PARIS - 1916

SÃO PAULO - BRASIL
DEZEMBRO - 2018

ÍNDICE

Advertência	03
Forças Místicas e Conduta de Vida	04
Misticismo Teórico	10
Misticismo Prático	17
A Iniciação Crística	25
A Oração	33
As Curas de Cristo	41
As Tentações de Cristo	47
Os Espíritos deste Mundo e o Espírito Santo	55
Os Fantasmas Noturnos e as Visões Sobrenaturais	62
As Bênçãos da Morte	70
Os Mestres da Força e o Cão do Pastor	78
O Apostolado	86

ADVERTÊNCIA

A presente edição conta com alguns esclarecimentos sobre o texto original. As “Forças Místicas” e “a Conduta na Vida” são efetivamente coisas diferentes. O trabalho é duplo para o homem que deseja alcançar o Céu: por uma parte, serve-se de forças absolutas como o amor ao próximo, a fé, a oração, o sacrifício, a morte, o exemplo de Cristo; por outro lado, não deve servir-se de forças e métodos que tem com as primeiras apenas semelhanças aparentes, como a vontade, o esoterismo, o iluminismo, os entretenimentos da vidência, da taumaturgia, da impassibilidade. Em outras palavras, desejei indicar de todas as formas possíveis, o que é preciso fazer e o que não é para fazer, o que é preciso acreditar ou não, o que é preciso desejar e do que é preciso apartar-se para tornar-se menos indigno de receber o dom de Deus.

A fim de destruir todo equívoco no espírito do leitor, completei os títulos destas doze conferências, talvez demasiadamente concisas e dei ao longo do texto algumas definições, reforçando algumas afirmações. Se meus antigos e fiéis leitores gostarem desta nova edição, peço que a divulguem em seu meio. Não trabalhamos para nós mesmos, certo? Estas páginas foram escritas em Sua memória. Dele só se pode receber a força persuasiva e a Luz.

FORÇAS MÍSTICAS E CONDUTA DE VIDA

**“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos
em meu nome,
aí estou eu no meio deles”
(Mat.18,20)**

Meu propósito é falar de um tema muito antigo, ainda que sempre novo; nos próximos anos este tema se tornará de uma atualidade apaixonante. É sobre nosso Amigo eterno, o Cristo, a quem tentamos lembrar juntos, ainda que só consigamos balbucear. Ninguém conhece o Cristo a não ser Ele mesmo, o Pai que lhe envia e o Espírito que lhe serve. Algumas criaturas, entendam o que digo, apenas algumas puderam não mais que entrevê-Lo. O olhar minucioso dos mestres de teologia, o coração inflamado dos santos, a meditação dos filósofos só tem colhido um dos mil raios que rodeiam Sua aréola cósmica. O Beato Angélico se preparava com jejum para pintar suas figuras celestes e as traçava com pranto de amor e compaixão. Por quantas ardentes penitências, por quantas lágrimas de adoração não deverão passar aqueles que pretendem falar do íntimo do Verbo?

Estarei abaixo do meu dever, certamente. Necessito de vossa ajuda. Também – ainda que sem comparação – Jesus fez poucos milagres em Nazaré, porque seus compatriotas eram incrédulos.

Compreendam que é a vossa fé que reinvidico. Vossa fé, não em mim, mas no que eu digo; não no que faço, mas Nele, de quem quero vos falar. Se, desde que me ponho em vossa presença, assumo certas responsabilidades, sobretudo a de vos ser útil, vós também, pelo simples fato de virem até mim, contraem alguns deveres, ou melhor, algumas obrigações para com o ideal, que é nossa preocupação comum. Há aqui uma reciprocidade mútua como colaboradores. Se eu tenho a audácia de conversar sobre realidades eternas, vos faço uma promessa tácita de tornar-vos mais sensíveis, vivos, de dar-lhes corpo, de fazê-los tocar suas presenças imanentes sob os véus das banalidades cotidianas.

É necessário que tornem possível o descobrimento de novos modos de pensar, de amar e de atuar. É necessário que paisagens desconhecidas se implantem em vós. É necessário que vos leve de uma terra a outra, que mergulhes na embriaguez do Céu, que ardas como tochas vivas, inextinguíveis; que a sede de Cristo vos sequem, que a fome de sacrifício vos consumam, enfim, que algo se eleve em vossos corações e que cada um de vós grite: “Servir, servir, este é o meu voto”.

Mas, serei capaz de provocar este impulso? E se uma força tal responde à minha indigna oração, seu efeito durará quando tiver passado este umbral? Não importa, o esforço deve ser tentado, mesmo que seja visto como pouco duradouro.

*

Os deveres do orador são tão pesados, como podem ver, que a ajuda de seu público lhe é necessária.

Aqui se abrem dois caminhos.

Eu poderia primeiramente elogiar a inclinação inata dos homens pelo maravilhoso e, muito suavemente, pouco a pouco, leva-los ao gosto pelas coisas eternas.

Ou poderia atacar abertamente a magia, as iniciações, os saberes esotéricos, mostrando suas bases precárias e seus estreitos horizontes, para depois construir sobre estas ruínas um novo templo e uma nova capela.

O primeiro método me parece pouco correto e quanto ao segundo, sei que o Céu ama mais o que se destrói. Quando uma criatura ou uma instituição se tornam inúteis, caem por si mesmas. O que farei então, caso vossos desejos não correspondam aos meus? Proponho-lhes um esforço, vejam:

O que vou lhes dizer é mais simples do que aquilo que a religião ensina. Não esperem de mim mais do que umas noções conhecidas, embora esquecidas, sepultadas dentro de vós sob inúmeras camadas. Algumas destas ideias lhes parecem inacreditáveis, é possível, mas porque vossa alma já as ouviu outras vezes, no umbral da eternidade anterior, acreditem, tão duramente como se golpeassem as formas atuais de vosso mental.

Peço agora vossa atenção.

Quando escutam um professor, um artista, que não seja mais que um homem de talento, vossa boa vontade de aprender e de compreender bastarão. Mas se quiserem que se abra o santuário interior com os ecos das harmonias divinas é preciso mais do que uma disposição mental. É vosso coração que deve se entregar. Vá até ele, que fala, ainda que sejas indigno, como a voz exteriorizada de vossa consciência. Vós e ele formam um par de forças; que vossos desejos ascendentes e seus esforços descendentes se unam, se conjuguem, a fim de que desta união nasça um filho espiritual.

Por outro lado, se estou aqui é porque vós me chamastes. O momento presente é sempre filho de inumeráveis desejos desconhecidos. Talvez, sem que vossa memória recorde, vosso coração tenha gritado numa noite de desamparo intelectual ou moral e a forma deste grito esteja ainda estampada no rosto de muitos de vós.

Tiveram inquietudes, o ideal em vós buscou o ideal fora de vós e, como todo desejo trabalha em si mesmo e termina por criar sua satisfação, vosso desejo, depois de muitas corridas no invisível, muito cansaço, muitos desenganos, acabou por nos reunir.

Muitas vezes o relaxo vos oprimiu, uma inapetência sem causa. Era a busca ansiosa de vosso espírito entre estes mundos transbordantes que se estendem onde se perde a imaginação no oculto do Mais Além, onde somos apenas pó.

Bem! O desejo comum do Céu que nos reuniu fará com que compreendas, se é verdadeiramente o Céu do qual falo. Pois, se vós desejais a Deus e eu quisesse vos conduzir até o paraíso do ocultismo ou do esoterismo, não nos compreenderíamos. Inclusive – e aqui está a armadilha onde nossos impulsos mútuos podem se romper – se vos falo do Pai, do Filho, do Espírito, de tal maneira que a Luz profunda em vós sabe bem quem são Eles, enquanto vosso *Eu*, vossa inteligência, vossa vontade não tem sede mais do que pelo maravilhoso e não pelo divino, então meu desejo e vosso desejo, correrão em sentidos diferentes, não se reencontrarão, nem darão frutos.

*

O que tenho a pedir em seguida é simplicidade. Uma hora por semana, uma única hora, e vos tornareis simples. Entrando nesta sala cuja atmosfera vibra com a agitação dos anjos, que vossos corações recuperam a ingenuidade da infância. Esqueçam o que sois e o que fostes. Sábios, esqueçam vossas ciências; filósofos, esqueçam vossos numerosos saberes; todos, esqueçam vossos vícios, pois, todos somos criminosos, podemos ter sido ou poderemos ser amanhã.

Ao escutar-me tentem não dizer: “Isso é de Plotino, aquilo é do hinduísmo”. Aprender é uma arte, esquecer também. Portanto, esqueçam: mulheres: vossas dores e vossas paixões; homens: vossas ambições; jovens: vossos fanatismos; anciões: vosso cansaço. Digo-vos, por uma hora, voltem a ser mais ignorantes, mais cândidos, menores, mas ainda que eu não seja nada, não saiba de nada, não possa nada, quem sabe, por que não? – a Certeza, a Paz, a Beatitude tenham descido sobre vós, a poucos instantes, sob o abrigo de minhas frases insípidas e torpes.

Eu vos digo duas vezes, cem vezes em minha vida tenho buscado à Deus, talvez esta seja a hora do reencontro!

Abra um lugar para este instante bendito. Que o Anjo encontre a casa limpa, que a chispa descenda sobre uma fogueira bem disposta, que o grão caia em um solo sem ervas daninhas. Sabendo olhar veremos os milagres a qualquer hora.

No entanto, não esperem de mim mais revelações. As grandes ideias fundamentais da vida interior são hoje as menos conhecidas. O homem é sempre curioso do mistério, mas na casa do civilizado este gosto se converte facilmente em uma mania. Eis aqui um dos maiores obstáculos que nos impede o acesso à Verdade. Só o simples é verdadeiro. Este axioma deve guiar as buscas intelectuais; nosso estado psíquico está estritamente unido a está observância. De fato, a complicação do *Eu* evoca uma complicação análoga do *Não Eu*, ou para falar uma linguagem mais clara, nossa consciência percebe a Natureza através do prisma da personalidade. Um prisma homogêneo transmitirá uma imagem exata e limpa, um cristal turvo devolverá a imagem confusa. Mais ainda quando nosso mental não é uma substância inerte, possui uma atração magnética que vai buscar, às vezes muito longe no invisível as formas do *Não Eu* que lhes são correspondentes.

Quanto mais o *Eu* for um, mais é capaz de perceber a unidade objetiva. Sua unificação depende de sua simplificação. Como nos tornamos simples? Esquecendo, reusando em nós mesmos as aquisições e as satisfações pessoais. Assim, os raros homens que chegaram ao cume da ascese mística, não se distinguem em nada da multidão. Seu esplendor íntimo fica oculto, inclusive dos psicólogos que os observam.

Esquecer de si mesmo é uma das características destes “pobres de espírito” que o Cristo beatificou. É preciso uma certa ingenuidade da alma, uma espontaneidade de criança, um candor que só as auroras da verdadeira regeneração vem florescer. Tal é o sentido desta máxima de Santo Antônio o ermitão: “Não há oração perfeita se o religioso vê a si mesmo orando”.

Todo enriquecimento de nosso ser pede um empobrecimento prévio. Toda aquisição exige uma renúncia. Ao anunciar estes paradoxos não pretendo leva-los às escolas orientais que, para obter o Saber, matam o desejo de saber. Este procedimento é excelente para quem não conhece o caminho da vida absoluta, nós, discípulos de Cristo, sabemos que para nos tornar um com o Mestre, consubstancial com Ele, necessitamos três coisas:

Renunciar a si mesmo e não aniquilar o desejo,
Levar sua cruz e não evadir-se do dever,
Seguir a Cristo e não a outro deus.

Para aquilo com que nos ocupamos hoje, só é necessário o primeiro esforço. Se queremos nos compreender, se desejamos que nossa reunião seja frutífera e que evoque uma Luz, é necessário e suficiente que renunciemos a nós mesmos, ou seja, que sejamos apenas um.

E quanto a mim devo esquecer tudo o que possa saber sobre vós, vossas opiniões e vossos corações; devo perceber em vós somente a chama, reta e pura, da busca divina. E quanto a vós, é preciso que detenhas os conflitos interiores, entre vossos temperamentos, caráter, mentalidade, educação e o desejo imortal do Ideal que os há conduzido aqui.

O método mais enérgico e mais curto de obter esta simplicidade, este impulso, que não temo vos pedir, consiste na aquisição e colocação em obra da muito misteriosa e poderosa força da fé.

Examinemos isso com um cuidado mais escrupuloso.

Para a teologia católica, que é neste caso de uma opinião bastante parecida a da teologia bramânica, a fé é a representação substancial do que se espera, a afirmação do que não é aparente, o conhecimento sobrenatural, ou seja, impossível aos homens e aos deuses, quaisquer que sejam as faculdades gloriosas que possam pertencer-lhes.

Um astrônomo me fala dos canais de Marte. Eu acredito. Isto não é fé, pois posso refazer suas experiências; posso, pelos privilégios atribuídos aos adeptos, verificar suas informações no local. Um anjo me disse: “Jesus é o Filho único de Deus”. Se creio nele, é fé, porque é impossível pela razão, pelos sentidos, físicos ou transcendentais, assegurar-se deste feito. As interpretações esotéricas, alquímicas, mágicas, astrológicas, subjetivas dos mistérios religiosos não pertencem à fé, são conceitos naturais, humanos, relativos. A fórmula do ato de fé não é precisamente a famosa: “Creio porque é absurdo”, mas sim: “Creio, ainda que me pareça absurdo”.

A fé aspira à Deus e só Deus. Assim, é única em sua espécie e verdadeiramente universal, pois opera acima das fórmulas, dos ritos, das leis, das religiões. Ela salva a todo homem, transmuta em bem todo ato mau por si mesmo, mas efetuado na intenção pura do Absoluto.

Este absoluto, Deus, cuja presença é universal, plena, física ousaria dizer, na falta de um termo mais exatamente expressivo, nós não O vemos, nem O sentimos, no entanto estamos seguros que Ele está ali, porque nosso princípio interior de eternidade conhece e reconhece o princípio exterior de eternidade do qual Ele procede. Mas os órgãos desta alma divina: o espírito, a inteligência, a sensibilidade não estão afinados o bastante para o registro destas luzes sublimes. Tudo o que o homem pode chegar a perceber por suas próprias forças não é eterno.

A fé é, apesar da incompreensão, da falta de percepção e até mesmo da falta de intuição, evidencia uma concordância inquebrantável entre a vontade e a palavra de Deus. A religião de Cristo cobra de nós este esforço. Na verdade não cumprimos isto sozinhos; é o Cristo no centro de nosso coração quem nos torna sensíveis às palavras anti-seculares da Sabedoria eterna. Assim, a fé nos une ao Verbo Jesus, nos unifica com Ele, opera nossa regeneração em Deus e nos salva.

Uma fé imutável afasta o perigo, já que nos lança ao abismo do Todo-poderoso. Ela opera todos os milagres posto que afirma o sobrenatural, cura o incurável e purifica o criminoso; perturba tudo em nós e nos reorganiza desde o fundo. Nada é impossível para quem possui a menor parcela de fé; as promessas de Cristo neste assunto não são metáforas. Una em seu objeto, inumerável em suas aplicações, oculta em sua essência, todo-poderosa em seus efeitos, a fé não pede mais que uma só condição: ser vivificada pelos atos, mais do que pelas palavras. As obras materiais sozinhas abastecem de alimento as plantas espirituais. Igualmente, a intensão central do coração, sublimada pela fé, dinamiza os trabalhos de nossas mãos.

O ato é a pedra de toque, a prova da fé, pois tudo o que se sacrifica por uma ideia a reforça; a dúvida é uma inimiga, pois divide nossas forças, a fé as concentra. Exercitemo-nos em não duvidar.

Um doente reza para ser curado; se não é, precisa conservar a mesma certeza na esperança, apesar de toda lógica, ainda que esperasse algo novo e tenha se decepcionado. De todo modo, voltem a fé, voltem até o fim, pois certamente um dia obterão a Luz.

O mais belo dos frutos que amadurecem sobre a árvore da fé, não é o dom dos milagres, é a paciência. A paciência, força maravilhosa e misteriosa pela qual, o Cristo nos diz: possuam suas almas. Possuir a alma é fazer com que tudo o que compõem o conjunto tão complexo do que somos se torne verdadeiramente nossa propriedade, o que torna o homem mestre de si mesmo, conhecendo-se perfeitamente, iniciação tríplice no batismo do Espírito.

Percebe-se aqui a razão pela qual o apóstolo Paulo faz esta anotação de aparência supérflua: “A fé vem do ouvido”. Existe, de fato, uma relação secreta entre os arcanos do Céu e os fluídos acústicos, entre o sentido auditivo e o sentido divino. A música, em seu esforço de expressar o inexpressável, nos dá o mesmo ensinamento. Mas não nos deixemos levar pelo fascinante labirinto das ciências místicas; é hora de terminarmos o breve esboço sobre as disposições pelas quais os ouvintes de um discurso religioso deve colocar-se, fica bem pouco para concluir.

*

A mais importante das disposições que vos peço transforma vossa existência em um combate contínuo. Inicie este combate com a certeza de serem vencedores e vencereis. Pois o campo de batalha é aqui: o mundo moral. Esta luta se equilibra por um cultivo: o amor fraternal. Observem estes dois tipos místicos: o soldado de Deus e o lavrador de Deus; voltaremos frequentemente à eles no curso destas conversas. A obra é o corpo da fé. A obra mais excelente, a caridade, será o corpo mais belo. Na conjuntura em que nos encontramos há um certo tipo de caridade para se difundir, a fim de que vossa fé viva e opere. Tens algo especial para se realizar, a fim de que em vossos corações se levantem os transportem, as exaltações, as prostrações onde nos lança à vista do êxtase da Luz incriada. Eis aqui:

Quando o homem considera com a devida seriedade as vastas complicações da vida, percebe imediatamente a necessidade de ajuda e a encontra no meio invisível onde seu espírito escolheu residir e, segundo seu caráter, utiliza estas forças auxiliadoras, as solicita ou tende a perde-las.

Quando o *EU* habita a casa da matéria dirige-se às forças materiais; se habita a casa dos fluídos, se dirige aos diversos magnetismos; se habita a casa da inteligência, terá os recursos das forças mentais, etc... Se este Eu conhece a Luz sobrenatural, são as forças místicas que solicitará.

São estas forças, pelo menos as principais, que estudaremos nestas conversações. Por hora, basta saber que elas existem ao alcance das mãos, que nos rodeiam, que nos banham e que depende só de nossa boa vontade incorporá-las.

O ambiente inteiro está cheio de espíritos. Não somente de anjos e demônios, senão de criaturas de todos os graus, em quem a bondade e a maldade se mesclam segundo proporções infinitamente diversas. Se o ensinamento religioso comum só fala de seres bons ou maus, é sem dúvida a fim de evitar, na massa das curiosidades perigosas, que tentem se satisfizer pela prática da magia.

A literatura patrística menciona a existência dos espíritos da natureza, mas sem se deter. Para dizer a verdade, não há seres fixados eternamente nas Trevas e poucos – seria possível contá-los – fixados na Luz. Fomos anjos, estamos na alternativa de nos convertermos em demônios ou de retornar mais alto que os anjos. Mas o que nos interessa pelo momento, é saber que temos ouvintes e espectadores invisíveis em grande número. Cada um de vós tem traído toda uma corte de espíritos: espíritos de vossos antepassados, espíritos de vossos descendentes, espíritos de vossos

pais atuais, espíritos auxiliares, adversários, iluminadores, corruptores. Não há um ódio, uma amizade, um desejo, um impulso, uma preocupação, uma alegria, uma lágrima que não existam individualizados nos espaços interiores de vossa personalidade antes de converter-se em ato material sobre esta terra.

O próprio objeto em vista pelo qual nos reunimos, chamado e trazido ao nosso redor um número de entidades invisíveis é proporcional à energia da vontade, ao fervor colocado, ao lugar reservado em nosso coração.

Não é necessário perceber estas entidades classifica-las, aceitar umas, afastar outras, este não é nosso objetivo. Só temos uma coisa com que nos preocupar, “a única coisa necessária”. Que todas estas presenças, todas estas energias, boas, más, indecisas, ao voltarem, logo, à suas respectivas estâncias, levem uma alegria, um conforto e um frescor.

Como fazer isso? Reconciliando-nos, colocando-nos em paz com todos os seres. Isso não é uma máxima banal, é uma fórmula de dinâmica espiritual simples, eficaz, precisa em seu emprego, geral em seus efeitos; é uma lei rigorosa, um acumulador de energias imensuráveis.

Não atacar a criatura, nem por pensamento, nem pela palavra, nem por ato. É uma disciplina árdua. Realizá-la é uma jornada, pelos esforços que isso lhe custará podem julgar a importância dos resultados.

Permanecer em paz com os homens, animais, plantas, pedras, objetos, ideias, os acontecimentos, com o tempo, as paixões, os anjos, os demônios e os mortos. Não pegue nada mais do que a Lei pede para dar-nos; recebe a todos com um sorriso, oferece-lhes o que invejam de nós. É uma caridade imensa, incansável, muito secreta; é o império sobre si mesmo mais constante, mais imutável; o mais sereno; é o retorno ao lar de uma numerosa tropa dispersa. É um episódio da batalha cósmica no tumulto do qual surge aqui e ali, como o relâmpago, a presença inefável do Ser incompreensível, do grande Anjo da Paz, embora vindo para trazer a guerra e ascender o fogo neste mundo: Nosso Jesus.

Se não prejudicamos a ninguém, todas estas criaturas virão a nós, estarão em nós, porque tem sede de Luz e só através do coração do homem podem perceber a glória de Deus. Esta glória é a harmonia, a paz, não podemos assimilá-la se não habitarmos seu reino. Pacifiquemos, Senhores, pacifiquemos nossos corpos, nossos sentidos, nossos espíritos e os meios onde sofremos com plena consciência.

Não vos perturbem por causa do invisível, dos arcanos, das coisas secretas; nada é secreto diante de Deus, estais reunidos aqui para aprenderem de novo a viver em Deus.

*

Viver em Deus! Desejo inaudito e audaz; desejo muito simples nos corações simples. Eu vos pedi algumas coisas antes de oferecer-vos nada em troca. Não tenho nada a vos oferecer, não sou eu quem vos presenteia com diamantes e pérolas do Tesouro celeste; é este Deus, este Pai, para quem eu gostaria de atraí-los através de um impulso irresistível. O Pai está sempre junto a cada um de Seus filhos. Alterou Sua criação para se tornar acessível a todos. Levanta teus olhos e poderão percebê-Lo; volte-se para Ele e Ele vos abrirá Seus braços misericordiosos. É a esta Grande Obra suprema que vos convido. Ninguém é incapaz e a existência de cada homem de boa vontade, qualquer que seja, lhe oferece um plano de trabalho e oportunidades de progresso especialmente combinadas para ele e proporcional às suas forças.

Começemos estas acesses juntos. Coloquemo-nos, vós e eu, desde esse momento, a primeira mão na estátua maravilhosa do anjo que seremos um dia. O anjo eu disse? Não, queremos simplesmente nos tornar dignos de nosso título de homens; nenhuma criatura tem mais beleza, pois nosso quis se converter em homem.

O MISTICISMO TEÓRICO

**“Quem me recebe, recebe àquele que me enviou”
(Mt10,40)**

Refletir sobre estas palavras de Nosso Jesus, ou melhor, amá-las de todo coração, é saber imediatamente tudo o que quero vos dizer e mais ainda. Façam a experiência em tuas horas de isolamento.

As definições de misticismo conhecidas são todas diferentes, porque cada autor se situa em um ponto de vista diferente. Segundo a filosofia oficial, é um tipo de contemplação na qual o ser humano se une a Deus por um procedimento incompreensível. Segundo a teologia¹, é um conhecimento intuitivo consumado no silêncio das operações racionais do entendimento. Segundo a etimologia, todo sistema cujos métodos e resultados são secretos é um misticismo. Neste caso, todos os que pensam ou tratam das regiões extraordinárias da consciência seriam místicos. Estas definições são extensas demais; falta precisão ao vocabulário filosófico da língua francesa. Religiosidade, idealismo, espiritualismo, esoterismo, transcendentalismo, ocultismo, magia, hermetismo, psiquismo, teosofia, cabala, gnose, sufismo não são expressões sinônimas e muito menos termos equivalentes a misticismo.

Pode-se considerar um místico todo homem que, na religião a que pertence, se volte somente à Deus, fazendo abstração de toda criatura e consagrando todas suas forças ao cumprimento da vontade do Pai.

O misticismo não é unicamente um método de contemplação e de êxtase, é fisiologia da alma, além de muitas outras coisas².

Quando uma criatura se coloca, desde o fundo do coração, nas mãos do Pai seus caminhos mudam e seus trabalhos que, até então, variavam segundo suas faculdades e as necessidades de evolução geral, são conduzidos passo a passo por agentes espirituais especiais; estes substituem os guias comuns que cada homem recebe segundo sua profissão e sua aptidões. A via mística conduz diretamente ao plano divino, ao Reino da Misericórdia e do Amor e ao ar que se respira e o ar respirado na rota vem em linha reta destes mesmos horizontes eternos. Para certas almas Sedentas unicamente do absoluto, a ciência não é suficiente, a religião é prudente demais, o esoterismo muito complicado. Elas presentem a ciência das ciências, a religião das religiões, a iniciação da qual todas

¹ Misticismo, do grego “muein”: fechar a boca.

² As filosofias modernas definem a união mística como uma concentração extrema da atenção, que exalta o intelecto, utiliza sua bagagem anterior e realiza a unidade da consciência. William James acrescenta que há uma comunicação com um mundo superior pela consciência subliminal. Segundo Santo Agostinho e São Bernardo o conhecimento místico não teria nenhuma relação com conhecimentos anteriores, pois o verdadeiro êxtase coloca em comunicação com o Absoluto. Esta última nota é a justa. A psicofisiologia redescobriu a velha afirmação de Patandjali que copiou das obras perdidas dos Rishis: toda sensação é, em última análise, um contato hiperfísico. Os teólogos modernos induzem que as sensações psíquicas são contatos psíquicos. O que quer dizer que existe um mundo ou alguns mundos, invisíveis, objetivos. Magnífico resultado para nós civilizados, pois estarmos de acordo com o último dos papúes. O Antigo Testamento, o Novo, os Padres, todos dizem o mesmo, portanto!

as escolas secretas não oferecem mais do que partes corrompidas. Existe um método de saber pelo qual o conhecimento é instantâneo, uma religião sem ritos pela qual o homem se une imediatamente ao Pai, uma iniciação inacessível, mas transmissível gratuitamente, que nos reveste do poder supremo: fazer-se escutado por Deus. Em qualquer parte, neste mundo vasto, se encontra o Mestre dos mestres. Ele jamais falta à confiança de quem se abandona entre Suas mãos augustas. Uma luz, silenciosa, invisível, mas inextinguível, inumerável, se oferece a quem quiser agarrá-la e clarear as trevas de seu próprio coração, a dos abismos, a dos firmamentos. Esta Luz adorável é o Amor, o misticismo é a ciência do Amor.

É a Geometria da alma, já foi dito. Sim, para os pitagóricos, mas para os cristãos, é a própria vida da alma, desdobrando as ondas de seu muito antigo e oculto esplendor aos órgãos mais externos: nossas faculdades conscientes.

Quanto às forças místicas, são ajudas que Deus nos envia diretamente, imediatamente, expressamente, porque nos é impossível levar estes trabalhos sozinhos. O provedor único de tudo isso é aquele que se fez conhecer como Jesus de Nazaré. Os procedimentos de chamada destas forças estão todos indicados no Evangelho e não se encontram mais do que ali.

Queiram perdoar o aspecto dogmático destas declarações. Quanto mais raro é o objeto de um estudo, mais necessário se faz precisar os contornos.

Buscaremos agora os traços característicos do misticismo.

*

As crenças do místico são um desafio perpétuo lançado à razão, sua sabedoria é uma loucura para a opinião comum. Hoje se reprova no catolicismo o fato de não levar em conta os desenvolvimentos da ciência e do pensamento contemporâneo, eu sou um pobre teólogo e um devoto muito tímido, mas a incompreensão de tantos sacerdotes modernistas sobre o que constitui o essencial da religião que pretendem ensinar me assombra. O caráter original do cristianismo, de fato, é esta noção do sobrenatural, do qual nenhuma outra religião fala. Para o filósofo, para o sábio, para o esotérico, o sobrenatural não existe, porque acreditam saberem tudo e pretendem explicar tudo; para o místico, o sobrenatural existe, porque ele sabe que nada sabe. É esta a essência do cristianismo.

Esta noção é a da participação constante do Absoluto nos assuntos do Relativo; esta fé na solicitude do Pai; esta certeza de que Ele pode tudo e um milagre está sempre disposto a brotar segundo nossas necessidades mais imperiosas, são os corolários da evidência intuitiva com a qual se ilumina o místico: que Jesus é o Filho único do Pai e Deus Ele mesmo.

A exegese, a crítica, os manuscritos, as interpelações, os contrassensos, as variações do dogma e da disciplina, as disputas da Escola, tudo isso é indiferente ao discípulo; são os ruídos das palavras estranhas, os gritos das crianças na praça pública. Ele leva em si mesmo uma certeza irrefreável, uma evidência inatacável. Como o esplendor do sol. Uma criança tem necessidade de papeis de estado civil e de um curso de embriologia para saber que sua mãe é sua mãe?

O misticismo é um bloco homogêneo, todas as moléculas são necessárias e estão em harmonia recíproca, como os habitantes do Reino eterno do qual esta doutrina representa o signo premonitório. Posto que o Absoluto se inclina sobre cada um, se aproxima de cada um sob a forma do Verbo, em perfeita solicitude e seus cuidados abraçam nossa ser inteiro; Deus assim pode então unir-se diretamente, sem símbolos, sem intermediário, à substância de toda alma capaz de receber tão extraordinária visita.

Senhores, podem contar com o inacreditável, com a loucura desta ideia? Não, toda imaginação é apagada e toda inteligência é abatida diante de tal espetáculo. O Absoluto descende realmente no Relativo, sem a intervenção de um anjo, de um sacerdote, de um rito, de uma fórmula, na nudez supra intelectual, supra imaginária, no abismo aterrador da fé, na sétima escuridão dos sentidos, da razão, da vontade, do desejo, da súplica espiritual, da noite psíquica, da aniquilação do *Eu*. Assim, as meditações dos gimnosofistas³, as macerações dos acetos orientais, sabemos que não levam ao Absoluto, uma vez que estes saberes não querem seguir o Viajante solitário que abre o caminho. Nossos teólogos mesmo reconhecem que Deus pode transmitir à alma as virtudes de Sua graça por outro canal que não os sacramentos. Certos seres de elite, em resposta à sua observância extraordinária das leis do Céu, recebem os dons diretamente. O Verbo envia os dons por um mensageiro especial. Da mesma forma com na missa há transmutação das espécies do pão e do vinho, o Verbo opera um milagre idêntico nos corações capazes de recebê-lo. Quem conhece um inimigo mortal, o convida em casa, o serve, o beija e o perdoa. No espírito de tal discípulo o Cristo mesmo cria novamente os órgãos, transforma em Sua própria carne as células que agonizam e em Seu próprio sangue as células que amam o assassinato⁴.

Tomemos um pouco de perspectiva para perceber a totalidade do órgão místico.

*

As milhares de milhões de formas que compõem o Universo são as imagens refletidas de um certo número de fontes luminosas disseminadas em seu seio. Estas fontes são os membros, os órgãos, as faculdades. Os poderes do Verbo. E cada religião, com sua teologia, sua liturgia, e sua hierarquia, é a imagem vivente de um dos aspectos deste Verbo central. As religiões não possuem todas o mesmo valor, ainda que todas possam conduzir o homem à salvação eterna, uma vez que todas dirigem primeiramente ao amor ao próximo. Um são mais completas, mais ativas ou mais verdadeiras que outras.

No entanto, um traço comum a todas, caráter fatídico sem o qual não seriam religiões: o formalismo. À ele devem sua solidez, mas também o que limita seus desenvolvimentos espirituais. Pelos ritos, as religiões recebem a força de resistir às torrentes dos séculos e os movimentos sociais; pelos ritos, a imensa maioria de fiéis sustenta a debilidade de sua vontade; pelos ritos, as hierarquias invisíveis, intermediárias entre os devotos e seu deus, recebem um alimento suplementar.

Mas, também pelos ritos, os dirigentes eclesiásticos se dirigem às vezes à objetos temporais ilusórios, os fiéis frequentemente esquecem de Deus pelos intermediários e estes podem igualmente faltar com a estrita obediência. Desta forma, em tudo há bem e mal.

Pode-se dizer, portanto, que o verdadeiro misticismo está na origem das religiões e que se reencontra em seu fim, mas, no curso de sua existência, sofre, por causa das incompreensões ou traições humanas, eclipses mais ou menos duradouros e mais ou menos profundos. Para reencontrá-lo é preciso voltar atrás e, longe de estar completamente apartado das opiniões adquiridas e dos

³ **Gimnosofista** "filósofos nus" é o nome dado pelos gregos a certa filosofia indiana antiga que buscava o asceticismo ao ponto de considerar alimentos e roupas como prejudicial à pureza de pensamento. (N.T.)

⁴ É preciso insistir sobre o efeito orgânico, biológico, vivente desta união transformadora. Só quem experimentou pode dizer. Todos os teóricos falam de forma monótona e torpe sobre isso. Dizem, por exemplo: "O estado místico é um estado especial de consciência, inefável, transitório, passivo, que modifica o cohecimento e o amor"(W.James). "O êxtase é uma invasão da consciência por um estado afetivo puro. Ao extremo, todo pensamento desaparece, só o sentimento ocupa a consciência, sob a forma de um estado afetivo intenso, é a percepção direta no Não-Eu"... "É a absorção da consciência no Não-Eu pelo amor sem limites" (Godfernaux). "É um retorno ao estado afetivo, quase que indiferenciado, não conhecido, somente sentido" (Ribot). Cf. Igualmente Récèjac, Pacheu, Ribet, Goerres, Boutroux, Séraphin, etc...Tudo isso se parece mais mais ao Bhakti Yoga da Índia do que ao Evangelho de Cristo. Falta a estes definidores a experiência prática da Vida divina.

preconceitos, escutar com um espírito livre e simples as palavras do próprio fundador da religião que se estuda.

Senhores, tal é o trabalho ao qual tenho a audácia de convidá-los. Sois capazes de empreendê-lo. Com efeito, voltar atrás é retomar a fonte, é cavar na profundidade. Retomem então até a fonte mais profunda e oculta no fundo de vossos corações onde cai, gota a gota, a água das fontes eternas. Os formalismos existem também em vós. Livrem-se dos formalismos, voltem a ser simples, mas somente se sentirem a força ao terem o domínio da situação. Senão, fiquem com a via comum. Pois os ritos são seres vivos que tem aglomerado colônias de seres vivos em seu ser invisível, assim como no invisível coletivo de vossa religião; são sentinelas, obedecem a ordens e servem a quem lhes serve e ignoram a quem lhes nega.

Os habitantes deste mundo oculto se abastecem dos apoios dos fiéis mediante alguma oferenda, algum esforço material, que o desejo do devoto transmuta em fluído, por isso as abstinências, as vigílias, as indulgências, as peregrinações.

Além destes agentes encontram-se os espíritos dos defuntos, toda sorte de seres, infra-humanos e supra-humanos, como os anjos e os demônios propriamente ditos. São eles que transmitem as orações, as letanias, as cerimônias, as disciplinas, os jejuns, os cantos, as luzes, os trabalhos de ciência e filosofia, os esforços na arte, em uma palavra, todas as coisas que constituem o corpo físico da religião. São eles os que trazem de volta os cumprimentos, as bênçãos, as curas, as iluminações.

Todas estas auras, todas estas correntes fluídicas são substâncias criadas, naturais, ainda que desconhecidas; a fé, a santidade são substâncias divinas; o fanatismo, a tirania, substâncias infernais – são dirigidas. Neste orbe de fluídos médios ou mediadores, a lei do choque de retorno é o que reina; a reação se produz, igual e de sentido contrário à ação. Um inferno sempre se cava nos opostos de um paraíso.

Contudo, a Bondade Paternal não fecha seus braços ao que não pode se decidir pelos caminhos da Igreja, nivelados, rodeados de barreiras, semeados de guardiões. Os libertários podem apesar de tudo se salvar, o último dos selvagens pode chegar à vida eterna, já que se salvar é cumprir a vontade do Pai e este cumprimento consiste em amar ao próximo. No entanto, a impaciência de um jugo qualquer é tão viva em nós que é preciso especificar aqui com força a obrigação imperiosa de quem rejeita a religião exterior para se submeter mais rigorosamente à observância literal do Evangelho. Com o pretexto de avançar mais rápido reduzindo as formas acessórias, não podemos lançar mão da bagagem dos mandamentos essenciais.

O sentir de um místico livre é direto, corta diretamente o flanco íngreme da montanha. O solo é acidentado, as encostas abruptas e as tormentas terríveis, mas o ar é mais puro, os perfumes mais agrestes e mais penetrantes, os horizontes mais belos e a luz resplandescente. Encontra-se ali um pouco do mundo, pobres pessoas simples, pastores, labradores, algum soldado de reconhecimento. Seja como for, eu jamais daria o conselho de se tomar este caminho; os que são fortes suficientes para se comprometer, decidem por si só. Ali se encontram as vertigens, os terrores noturnos, os deslizamentos de terra, às vezes os ladrões e as feras também. Ali estão vossas rotas, vossos perigos, por onde subireis ao assalto da cidadela divina. Rota desconhecida, gloriosa, rota de solidão e solitários, rota dos mensageiros da Luz, dos portadores da eternidade, dos mártires do Ideal. Que possamos um dia ascender-te no desamparo propício, na agonia física e mental onde brilha solitária a grande tocha do Amor!

Sem dúvida que aqueles que enfrentaram sozinhos a escalada, as tempestades e as aventuras, obedeceram de forma ampla e paciente a minuciosas práticas. O homem não se libera mais do que levando suas correntes e não afastando-as, pagando suas dívidas e não as negando.

Em geral segue-se o caminho onde os deuses nos colocam; é preciso ser muito prudente para poder escolher. Não obstante, a purificação dos movimentos de nossos atos, ainda que sejam modestas, podem multiplicar por dez o alcance do trabalho, de tal forma que com a menor porção de livre arbítrio, podemos, apesar de tudo, fazer uma boa tarefa.

Cada coisa vem a seu tempo e este não podemos retardar ou acelerar. Uma vida terrestre é pouco, alguns minutos sobre a imensa jornada de nossa viagem, podem pensar! É porque não amam à Deus, é porque o desejo de Seu advento não vos consome, é porque os sofrimentos ao vosso redor não vos comovem, é porque não tens sede de Luz, nem fome de Beatitude universal. Os amantes terrestres não sofrem por um compromisso falido? Como descrever então a desolação que devasta o coração do discípulo privado da presença de seu Mestre? Estamos todos unidos uns aos outros dirão alguns; não atingiríamos o objetivo uns sem os outros, por conseguinte, não vale à pena se esforçar tanto. Ao contrário, pois o menor esforço de cada um de nós é de proveito de todos, já que a solidariedade cimenta a todos os seres humanos da Terra a Netuno e de Aldebarán a Antares, estamos obrigados aos maiores esforços. Sentir que meu mínimo trabalho é de proveito de milhares de seres não multiplica meu impulso, não me suaviza o sacrifício alegremente abraçado?

Observem para futuros diagnósticos: a primeira das características da mística é o gosto pela vida, o ardor no trabalho, a serenidade no desconforto, a paz profunda nas rupturas físicas e morais, ou seja, coisas sempre exteriores. Pois a alma não sofre.

Assim, a observância ou a não observância dos ritos não são sinais místicos, mas sim o recurso somente à Deus e a energia ao atuar.

*

Os conhecimentos extraordinários são um terceiro selo do misticismo?

Não, responderia em seguida. Não está ali o indispensável, mas são pequenas guloseimas mediante as quais nosso Amigo prova ao fazer-nos avançar. O místico não é um amador das ciências ocultas. Para ele a Ciência, concebida como um conjunto de noções fixas, não existe. As ciências, segundo ele, é infinitamente diversa, varia a cada segundo, os objetos mudam, os centros de percepção mudam, o estado do meio muda.

Assim, por exemplo, a hipótese da reencarnação. É muito raro que o conhecimento das vidas anteriores seja útil. As pseudo revelações que se podem obter pelos médiuns, os sonâmbulos, pela intuição, pela meditação transcendente, atrapalham nossa marcha mais do que ajudam. Os que se observam sinceramente percebem isso com clareza; e os raros privilegiados aos quais o Passado levanta seu véu coincidem em dizer que este conhecimento é para eles mais uma provação do que uma ajuda; provocam no fundo de nossa natureza, uma mescla de orgulho, preguiça e inquietude, o que podemos reconhecer sem titubear.

A doutrina da reencarnação é consoladora, dizem. Não acreditam em Deus, pois buscais um consolo em outra parte e não em Sua Palavra que Ele repete sem cessar no fundo de vosso coração. Vosso deus é um tirano cruel, já que ficam desolados por uma morte, ao julgá-la injusta! Ou então, não sois consequentes com vocês mesmos.

A vista profética do futuro não é uma característica do misticismo, é mais da doutrina do milenarismo. Não somente desde o século XI, senão que desde os cenobitas da Tebaida, desde São Paulo, todos os místicos tem acreditado ver muito perto o juízo final. Os católicos como São Vicente Ferrer, os gnósticos, os albigenses, os laicos, os luteranos, os calvinistas, os jansenistas inclusive tem profetizado catástrofes finais e definitivas imediatas. Sobre isto os positivistas riem. Uns e outros tem razão em certo sentido.

O Mestre disse: “Virei como um ladrão”. Ninguém preverá o momento de Sua manifestação, nem como Juíz universal, nem como Regenerador de nosso espírito. A terra não é um bloco homogêneo, como um cristal, é uma massa trabalhando, uma encruzilhada. Ela contém todo tipo de substâncias e seres. Tem enfermidades, lhe dão alguns remédios; sofre operações cirúrgicas. Tudo isso são juízos parciais, tem lugar no plano interior vivo. Nós nem suspeitamos, mas certos viventes percebem. Haverá um grande ajuste de contas, é certo, mas o vencimento desconhecemos, nenhum adepto pode calculá-lo.

Existe ainda outra razão para que a profecia não seja uma característica certera do misticismo. Quando um coração segue o caminho de Cristo, marcha mais rápido que os outros, mas também brinca com a beleza dos horizontes que descobre, enquanto avança o grosso da tropa; Assim, é natural que o místico veja o futuro, viva antecipadamente certas cenas, ainda no invisível, na qual sua família espiritual participará um século depois ou ainda mais longe. O juízo é uma destas cenas e com a consciência do vidente não tem por termo de comparação mais que os quadros do mundo físico, a menor das clarividências do mundo interior lhe parece tão magnífica, tão elevada, tão pura, que acredita que são universais as imagens dos fenômenos locais.

As faculdades transcendentais e os poderes só constituem provas na vida mística. Nós, observadores de fora, percebemos as marionetes, mas não as mãos que as movem. Vemos os milagres, os êxtasis, ignorando a força que os produzem; um desabilitado pode converter-se à continuação de um criminoso ou em um devoto. Não demos nossa confiança de imediato aos que obram coisas admiráveis. Se portam a Luz, compreenderão nossa reserva.

*

Como conhecer o verdadeiro místico, em sua paixão pela caridade?

Pela sua crença na divindade de Jesus, divindade única, divindade por natureza e não por evolução. Em sua caridade ativa, em sua humildade interior.

Fala-Se muito de Jesus nos últimos anos, mas a incompreensão é grande, cada inovador O monopoliza. Ele está mais longe e mais perto na medida em que O representamos. Ele é o maior e o menor, o mais distante e o mais imediato, o Alfa e o Ômega. É por Ele que a mística se esforça, por Sua obra desconhecida; é nas vias novas que Ele tem aberto entre o Céu e a Terra onde eu quisera fazê-los caminhar; é a efusão que Ele expande da qual eu quisera que vos beneficiasse. Para percebê-Lo, tens que sair desta imensa criação, romper as correntes do Tempo, eliminar os limites do Espaço, contemplar com olhar calmo o abismo inconcebível do Nada original. No entanto, nenhum homem pode cumprir estes trabalhos, nem os próprios Budas podem consegui-lo; agem de forma grandiosa como super homens, sobem ao cume supremo do conhecimento e da vontade, mas o último passo não cruzaram, pois só Deus pode tomar a criatura, mudar radicalmente seu modo de existência, transformar em vida eterna sua vida condicionada, criá-la, em uma palavra, uma segunda vez.

Por vasta que seja uma inteligência, por enérgica que seja uma vontade, seria impossível tornar-se mais extensa que a natureza ou mais forte que o demiurgo, de quem ambas são filhas. Aqueles a

quem o Verbo se revela, a quem Seu rosto fulgurante ilumina sem deslumbramento, os que Ele escolhe, com toda justiça e bondade, que Lhe admiram, que Lhe amam, que Lhe adoram, que Lhe vêem, não podem compreender-Lhe. Esta iluminação é sempre um favor, é preciosa demais para que nenhum esforço possa obrigá-la a produzir-se, como uma simples e fatal reação química, por exemplo. Mas, nossos pequenos trabalhos comovem nosso Amigo e Ele nos dá, por ternura, o que as leis rígidas do Destino nos recusam. Entre nós, homens do século XX, os que tem uma adesão inquebrantável à existência, à divindade de Jesus, à sua Onipotência, a seu triunfo sobre a morte, são os mesmos que há dois mil anos Ele se fez conhecer, pelos caminhos desta terra, sob a forma familiar de um viajante muito doce, muito bom e misterioso. Po isso ele dizia: “Esta geração não passará antes que tais acontecimentos se cumpram”.

São estes os privilegiados do momento atual. Quando se reencontraram com o Amigo, não foram privilegiados; era uma prova, medida para suas forças e da qual alguns não saíram vencedores. A estes últimos lhes foi oferecido sofrer uma segunda prova, faz alguns anos.

Aqueles que não perceberam a Luz, a quem Mammon, uma falsa ciência ou o orgulho tamparam os olhos, não estão perdidos para sempre, lhes serão apresentadas outras oportunidades de perceber a Verdade viva antes do próximo juízo. Entraram também no currau, mas muito mais tarde, cercados pelos problemas e pelas desgraças. Mas seu tempo virá isso vos asseguro. O Pai não deu a vida a nenhuma criatura para deixar-la se perder definitivamente. Ocorre que há rotas diferentes entre a terra e os céus. Para percorrê-las, alguns precisam um século, estas são as mais curtas. Outros necessitam várias centenas.

*

O autêntico discípulo de Jesus não é servidor, é amigo. Está feliz de ter percebido algo do Verbo de outro modo que não pelos livros, metafísicas e abstrações. Feliz por ter visto a desconcertante beleza deste Verbo resplandecente no sofrimento perpétuo onde Lhe leva o amor que Lhe devora; beleza que resume como uma rosa luminosa, beleza que exalta e que arde, quando Jesus se oferece, sem defesa, aos torturadores agentes do mal e à vileza. A admirável grandeza do Senhor universal destila então a eterna Luz como um vaso de ouro e impalpáveis diamantes. As formas augustas de Sua aparência que, na calma, resplandecem em um vapor sagrado, adquirem um tom inefável nas imensas angústias onde lança Sua ternura pelas humanidades, os espíritos e os mundos.

Ele resplandece então, nosso Cristo dos olhos doces. Ele resplandece com um brilho imenso, vibrando inteiro com um círculo vertiginoso de chamas vermelhas de Amor. As auroras cósmicas flutuam ao Seu redor, como franjas escuras de Seu manto; Seus pés nus brilham como a neve dos cumes das montanhas e Suas mãos divinas, endurecidas pelos trabalhos, são fortes e cálidas como o sol que doura os ramos das encostas.

Seu alimento é como a carga das grandes ondas nas tempestades zodiacais, imóvel, eterno, se pode encontra-Lo por todas as partes, uno e múltiplo; cada um dos grãos que Ele semeia nos vastos campos do Pai lhe pertence por inteiro e, infatigável, Ele dispensa nos abismos, os átomos, os deuses e os infusórios, os vapores sobre abundantes de Sua própria vida.

Seu amor sustenta os mundos, desde sempre e para sempre. De Suas próprias mãos Ele lança desde o Abismo do Alto até o Abismo de Baixo o cometa com suas caudas; Ele fala e o mundo nasce; Ele olha e acodem a Morte libertadora e o Renascimento beatificador. Com Ele tudo é o Céu; sem Ele o paraíso não é mais do que uns infernos tristes e gelados.

Atleta invencível, pilar do mundo, peregrino entre as nebulosas e as galáxias, magnificência de todas as glórias, virtude de todas as santidades, senador silencioso, triunfador da morte, assim é Ele, ante Quem o místico se prosterna e segue as pegadas.

Sim, o místico sabe bem que trabalha porque Jesus edificou com Suas mãos este universo; se escreve, é porque o Autor do Livro da vida lhe comunicou Sua arte; se conjunta harmonias, é que a Voz profunda do Verbo criado, anima, unifica e outorga as vozes dos seres, desde o uivar do demônio até o murmúrio melodioso do serafim. Para este Abismo insondável de perfeições não existem as muralhas, as montanhas, os vales e os precipícios; por Ele o discípulo vê, por Ele concebe os Arcanos e ordena aos gênios.

Sua doçura é Sua força, fonte inesgotável do Impossível, do Incriado, do Inédito, do Inacreditável, do Inefável, do Não Revelado, em Sua mão esquerda repousam as cinzas dos mundos desaparecidos, em Sua direita brilham as sementes dos mundos futuros. Mestre dos universos, benfeitor dos homens, vencedor dos infernos, Jesus aceita do discípulo a torpe e comovedora debilidade. Como não amar a este Deus que Se faz nosso irmão e que guarda Sua grandeza o justo para dar-nos confiança e deixar-nos o mérito do esforço?

Tal é, Senhores, o aspecto geral do misticismo, do meu misticismo. Cabe a nós estudar a disciplina, a prerrogativas e o objeto.

O MISTICISMO PRÁTICO

**“Pai, que o Amor com que Tu me amas, esteja neles”
(Jo17,26)**

Hoje me proponho a percorrer com vós a parte prática do misticismo: seus métodos, as prerrogativas e objetivos. O cenário é imenso. Eu me esforçaria, pelo menos, a não esquecer nenhum dos lugares nos quais a contemplação possa servir para provar a saborosa, a pacífica magnificência do conjunto.

Primeiramente, ao que se chama misticismo?

O conselho “sejam perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito” foi dado a todo o povo, como conclusão do Sermão da Montanha. Não há, portanto, apesar do que dizem Orígenes, Clemente de Alexandria, São Jerônimo, entre outros dos cristianismos, um para a massa, outro para a elite; não deveria ser assim, uma vez que como regra de vida e de disciplina a comunidade cristã quer manter a simplicidade primitiva.

Segundo a doutrina formal do Evangelho, o discípulo trabalha e espera, não se permite tomar sua recompensa, aceita o salário que seu Mestre oferece. Só o Espírito distribui o conhecimento, os mistérios e o poder da taumaturgia; os ministros do culto não são indicadores, nem operadores mais que na medida que este Espírito lhes dá a faculdade.

O esforço em direção à perfeição é, portanto, um trabalho normal de todo cristão. E se me coloco fora do ponto de vista eclesiástico – que não é mais do que um ponto de vista entre cem – não vejo motivo para acordar uma preeminência da vida contemplativa. As palavras de Jesus a Maria sentada a seus pés: “Ela escolheu a melhor parte”, não se aplica à forma de ser das irmãs, senão à suas intenções. O caminho do contemplativo passa pelas morros altos, o do homem de ação está nos desfiladeiros, mas ambos se reúnem nos cumes, ali onde o Sol imutável do Amor magnifica perpetuamente toda criatura e todo objeto.

Ainda que estas coisas sejam pouco mensuráveis, percebo de qualquer forma tantas dores nas fadigas da vida secular como nos desníveis da vida monástica. Assim, todo mundo pode se tornar místico, mas em um determinado momento, somente. Quando as fibras morais tiverem sido tensionadas até se romper, quando as reações que provocam nossas extravagâncias se tornam violentas demais, o duro granito de nosso coração começa a se desmoronar. Quando se duvida de sua força, se sobe com dificuldade as ricas vertentes da montanha do Eu, quando for preciso voltar a descer entre os seixos e passar do orgulho à humildade, das grandes alegrias à dores ásperas, da glória ao anonimato, da riqueza às misérias. O Percursor se levanta em nós, sua voz dura dói, o remorso chega, depois o arrependimento. Deus acaba de vencer, se percebe ao longe o caminho estreito e real, se entra nos desertos da penitência, onde nos aguarda as agonias purificadoras, as solidões mais desoladoras e, por fim, a morte bendita que precede imediatamente ao renascimento na Luz e na Beatitude no Espírito.

Escuto alguns se queixarem de que o Cristo seja tão lento em vir. Quem são estes que se queixam? Uns mornos. Sobre uma miríade de ideias, apenas contribuem com uma que vá até a Deus, enquanto que, incansável, o Amigo lhes vela para recolher suas mais débeis boas vontades. As almas tem demorado milhares de séculos para descer até aqui. Por que teriam que voltar em um instante? Não é mais necessário que reconstruam na Luz a faculdades que tem elaborado na Sombra? Não é mais necessário que reparem ao menos uma parte das depredações cometidas, que restituam suas armas injustas?

Trabalhos delicados, negociações difíceis. Os mestres da vida espiritual também abundam em conselhos. A grande obra psíquica reside na transmutação do homem natural em homem divino. Ao contrário dos adeptos que perfeioam este homem natural, os místicos pensam que não se deve exaltar as faculdades do Eu, o egoísmo transcendente, o orgulho interior ou a avareza mental. O tempo não pode tornar-se eternidade, as grandezas finitas não podem converter-se em infinitas. Assim, os deuses vivos cuja inteligência, poder ou sensibilidade são milhões de vezes mais fortes, maiores, mais elevadas que as nossas foram homens algum dia. Alguns destes seres progrediram e se tornaram resplandecentes, mas só Jesus pode tomar uma criatura e fazê-la renascer no Espírito absoluto. Manou, Krishna, Fo-Hi, Moisés, Zoroastro, Buda, Léo-Tsé, Socrates, Maomé, amadureceram e sublimaram, só Jesus regenera e cria de novo. A simples conversão da vontade do homem basta.

*

Esta conversão é o arrependimento. Um querubim perfurou com uma flecha o coração doente. O homem conhece então com desesperança que tem prostituído, desfigurado, torturado a bela imagem da qual deveria ser o fiel guardião. Percebe nele um coração ignorante que queria permanecer puro. Acusa a si mesmo com coragem sincera ser o culpado que chora sua falta, abandonando-se às represarias dos ministros da Justiça imanente.

Desde agora sua existência será expiação, desde os ínfimos trabalhos de sua carne até as mais raras palpitações de seu espírito, converterá tudo em holocausto perpétuo. Eis aqui a face dolorosa e violenta do misticismo. São suas lágrimas e seus estragos que eu queria lhes mostrar hoje. Fala-se muito de nosso tempo, da sensibilidade que se tornou sentimentalismo e da tolerância em ceticismo. A doçura não é ativa se não for derramada por mãos cheias de trabalho e energia. Mais tarde falaremos das mãos, pelo momento, estudemos o rosto do esforço.

Este esforço múltiplo se resume na renúncia. É a infância do retorno divino, é o parto de nosso espírito por nossa alma. Certamente, a pessoa humana é ampla e alta, mas glorifica-se a si mesma por isso; quando toca o Nada de seu Eu, ignora as essências aladas que a elevaram um dia até o Absoluto. Contudo, na história de toda alma a hora soa quando se abate sobre ela o abutre

prometeico, mas prefere uma agonia orgulhosa sobre a pedra solitária à uma vida insípida nas lamentações provadas.

O orgulho, no entanto, é um explosivo poderoso. A pedra é dura, mas a dinâmica é potente; a alma é vigorosa, mas a luta causa estragos, enquanto que aumenta sua vitalidade. Se os grandes líderes de homens querem que seus discípulos guardem alegrias, tristezas e desejos é para tonificar a fibra do caráter e tronar mais vivo o impulso da vontade. A força não é impassível?

No entanto, se somos deuses, em certo sentido, somos também, muitas vezes, pequenas crianças atordoadas! As grandes palavras pomposas com as quais nos exaltamos até ao que nos parece heroísmo. Se parecem à espada de madeira e ao escudo com os quais toda criança se imagina general. Que homem, entre nós, não brinca com um cabo de vassoura?

Por outro lado, para se julgar o vazio de alguma coisa, é preciso experimentá-lo; para isso serve cansaço, decepções, angústias, triunfos, estado de confusão, desesperanças. É o que a vida nos pede. É o viver. E o místico, querendo viver com a plenitude mais intensa e mais profunda, cumpre todos os seus atos “de todo coração, com todas suas forças, com toda sua mente e toda sua alma”, mas oferece o fruto ao seu entorno, aos seus irmãos.

Universaliza esta atitude e vos aparecerá a grande figura compassiva da Renúncia. Permita-me, para ser mais claro, reproduzir a imagem vigorosa e patética que um pintor extraordinário traçou.

*

Entre os tipos de humanidade superior que a Espanha do século XVI ofereceu ao mundo, há um que, pela ferosidade de seu impulso, ultrapassa de longe a todos os conquistadores do Ideal. É o reformador das Carmelitas, João da Cruz. Este pequeno monge miserável, magro, frágil, vestido com trapos, nutrido de restos, opróbio de seus superiores, é um destes gênios avançados em vários séculos com relação ao resto da humanidade. Ele não se eleva por prudentes etapas sucessivas, não se purifica por medidas disciplinares, não acende as lâmpadas do santuário uma por uma interior. Não, tudo nele é repentino, definitivo, ele percebe o Absoluto e mergulha no mesmo instante; parte e com uma vibração chega; sonda a terrível nudez do Abismo primordial e em seguida se despoja; pressente a Luz eterna e no mesmo instante a agarra inteira e nos lança à ela.

Tocha ardente, a mais alta tocha de todas as que já arderam naquele país apaixonado, é o resumo de todas as tenacidades dos antigos pré-históricos, de todos os fervores dos velhos rabinos, o orgulho dos árabes. Ele supera sua pátria, inclusive sua religião, por isso posso falar livremente deste santo católico diante de um auditório onde as religiões se mesclam. Sigamos a este carmelita quando pronuncia com voz tranquila as palavras mais incendiárias. O trajeto não é longo, mas a paisagem é terrível.

Dois caminhos são oferecidos ao comum dos mortais, disse. O primeiro conduz à felicidade terrestre, o segundo ao paraíso.

Renunciar ao repouso, ao prazer de viver, às honras, às alegrias mais ou menos materiais que a civilização nos apresenta: isso é sabedoria, segundo todos os moralistas, inclusive os pagãos.

Mas nosso monge nos coloca mais adiante. Nos dá um empurrão, ele quer que bebamos do mesmo vinho que o embriaga:

“Renuncia a conhecer os arcanos, renuncia a conquistar. Inclusive por um bem plausível, por mais poderoso que seja; renuncia à carinhosa doçura do alento angélico que refresca tua piedosa frente;

não busque distinguir os mensageiros nos sonhos pacíficos da noite, em traçar sua intervenção na trama de tua existência; renuncia às alegrias da inteligência, da arte, do amor, renuncia ao êxtase sagrado, renuncia em fim às magnificências harmoniosas do paraíso”...

“Nada, nada, nada, nada e nada.
Renuncia a saber nada pelo teu intelecto;
Renuncia a todo consolo,
Renuncia a toda sociedade,
Renuncia a toda certeza,
Renuncia enfim, a própria esperança de recompensa”.

E, desde o fundo de sua morada secular, o carmelita dos olhos brilhantes, lança sobre estas trevas quántupla a fina claridade da esperança:

“Mais serás, quanto menos queira ser”.

Que conhecimento tão profundo! Que mestre dos impulsos da vontade! Que vivo saber das cinzas que são os magníficos picos do Universo de frente para as colinas eternas! Tentamos fixar os deslumbrantes brilhos com os quais a tocha do ser humano João sacode as cavernas da alma.

Aqui está a unidade primeira da percepção, a inteligência e a ação. Aqui está a união da via purgativa, iluminativa e unitiva que os teólogos tentam analisar. Aqui estão os diabos sutis que enchem os claustros de ilusões. Aqui está a única planta, nos interstícios da rocha interior, que produz frutos: é o ataque ao *eu* até em seus mais secretos refúgios.

É preciso se desprender da atração de pensar, da doçura de sentir, inclusive dos temas desagradáveis. É preciso se esforçar em querer quando se está cansado e em não querer quando se está pleno de forças. É preciso viver como se imagina que Jesus viveria em nosso lugar, não perceber e nem se permitir nada que não se incline para Deus, em todo caso, tomar o sentido menos prazeroso, mais humilhante e mais cansativo.

Eis aqui a escola da verdadeira paciência, virtude sem glória que nos volta a dar a monarquia de nós mesmos. De ordinários nos mostramos fortes no pensamento e débil na ação. Aceitar o que o Céu nos envia a cada dia é a metade do trabalho. Isto demanda confiança em Deus e é, em suma, um sentimento muito razoável: que sabemos de nossos desejos, inclusive dos mais familiares ou mais nobres? Que sabemos de nossos atos, inclusive os mais heroicos? Que sabemos de nossas supremacias? Nada. Está escrito: “Se queres vos salvar, carrega vossa cruz...” e não: tenha visões, faça milagres ou tornem-se sábios.

A mística estuda, ou melhor, experimenta o nada de si mesmo, por meio de uma tríplice purificação, que São João da Cruz chama de a noite tripla. Se vosso conhecimento de simbolismo vos permita aqui uma série curiosa de analogias, tenham cuidado porque serão similitudes, não identidades.

A primeira noite é a mais penosa, porque surpreende. O discípulo chama o Amor e é a Morte, sua esposa sombria, quem aparece. Os reveses, as tristezas, os enganos, os desalentos, as doenças, a indiferença das desesperanças incuráveis, estas são as visitas dolorosas, mais que o simples fim deste corpo. Mas estes sofrimentos são salvadores, nos revestem internamente de esplendor. Não somente duram mais que um tempo, senão que descendem como uma graça. Compreende-lo bem, o místico não cai nesta escuridão, é como a embaixada da Luz e da Felicidade.

Na imensurável profundidade da noite escura, quando a Natureza, os homens, as ideias e até nós mesmos perdemos todo o sabor para nós, se pronuncia a luz imperceptível da aurora.

Aqui, nosso guia impiedoso nos cutuca novamente: Avança, exclama, desde o instante em que prevê a visita inefável, faz o sacrifício, implora a teu Mestre, que Ele reserve a bênção de Sua presença aos que ainda não suspeitam desta possibilidade, porque tu, tu conheces, pela certeza da fé, a realidade deste êxtase. Se a maravilha se apresenta, aceita e agradece na mais sufocante humildade; se se retira, agrade também, na mais plena e sorridente abnegação.

Senhores! É necessário ter provado o incrível que é a presença do Céu para apreciar o heroísmo de tal sacrifício.

*

Querem ver a Deus em espírito, ou seja, em realidade? Em primeiro lugar, esqueçam os livros. Mergulhem na vida, material, abundante, fecunda. Escuta com vosso coração os batimentos do coração universal. Abandona as análises e os cálculos; vossas álgebras devem ser as chispas que tomam o incêndio do Amor, os microscópios serão as inquietudes de uma caridade sempre desperta.

Os mais belos livros dos santos parecem imóveis e densos porque às vezes complicam o simples Evangelho. Ousaria quase a dizer que a teologia mística é uma invenção dos homens, Deus é simples, Ele se dirige aos simples e o caminho para Cristo é simples. No entanto, para ter o direito de desprezar os livros, é preciso ter lido muito.

Não é o saber o que critico, mas a deificação da inteligência. O primeiro dos intelectuais é Lúcifer. Ele carrega verdadeiramente uma Luz, mas é gelada pelo orgulho, morre pela voluptuosidade de estar só e ressuscita sem cessar por uma vontade de dominação. O arcanjo caído é o ideal daqueles cuja força de pensamento embriaga; ele foi criado para a Vida e preferiu a imagem inversa, porque nela ele reina, enquanto que na Vida teria que servir.

Todos nós sofreremos, em um dado momento, a terrível prova da Árvore da Ciência. Preparemos-nos, compreendendo que Deus não nos compromete de nenhuma forma. Este é o crepúsculo da terceira noite, a mais longa, a mais devastadora. Para suportá-la, digo que é preciso ter um coração consumido de desejo pelo Absoluto.

Resiste a este desejo, diz São João da Cruz. Se seu coração se resseca no deserto, sofre, sofre a desesperança e a paralisia de tua vontade, é teu centro mais íntimo o que será trabalhado, transtornado, desmembrado. Todas as tentações ocorrem, as mais repugnantes, as mais sedutoras, as mais grosseiras, as mais sutis. Sofre. Não te movas. Recebe as rajadas. Foca em ti sem pestanejar. Acreditas estar rechaçado pelo Pai porque neste momento te vês tal como és, teu espírito se desfalece em agonias sem cessar, desagregação, nudez, debilidade: ele cai subitamente no inferno. Nenhum homem, nenhuma leitura pode te ajudar, o remorso, a impossibilidade de rezar, de pensar, de atuar te esmagam.

Estas trevas são inimagináveis se ainda não foram experimentadas. No entanto, seus horrores, sempre crescentes, chegam a um extremo. O Mestre observa o discípulo. Este, com suas forças extenuadas, mantém seu coração no Ser ao qual se entregou. Neste instante de silêncio total brota, como um fogo suave, o veemente, inextinguível Amor. Ele consome tudo no pobre coração machucado, neste precioso coração onde baixam as mãos misericordiosas do Amigo, por fim aparecido. Tudo se aclara no céu interior, desde a medula dos ossos até o cume do espírito. Este amigo lava toda mancha e a própria recordação da mancha neste coração levado diante do trono divino onde irá receber a iniciação suprema: o batismo do Espírito.

Às vezes o Amigo se mostra materialmente, o que é uma rara bênção. Sob os farrapos do pobre, sob o uniforme de príncipe, belo como um serafim, desfigurado pelas fadigas e martírios, não importa. Seu servidor O conhece com certeza. Nenhuma alegria conhecida se pode comparar ao êxtase deste reencontro; o espírito do discípulo sacode as barras da prisão corporal; se entrega aos braços do Mestre, desfalece, renasce, se transfigura. Elevadas alegrias, paz imutável, amor sem limite. O que dizer destes mistérios, cujos resplendores se produzem aonde não chega olhar dos deuses?

Mas quanta insônia antes do despertar desta aurora! O buscador constante sabe bem, pois está escrito: “Por volta da meia noite o Esposo virá” e “Chegarei como um ladrão”. Estou sendo repetitivo, eu sei. Mas há ideias contra as quais tudo se subleva em nós, temos que usar a violência para permitir que entrem e se convertam nas mais fecundas sementes. Certas repetições me parecem indispensáveis e tenho razões para impô-las.

*

Todos os quadros estranhos pelos quais temos passado são apenas a névoa do drama místico real. A prudente Igreja vela, inclusive quando parece devolver a liberdade aos seus filhos. O que é então o verdadeiro misticismo? Aqui não posso responder expressamente, por causa de certas conveniências, por causa da dificuldade que a língua humana encontra para explicar as cenas do Reino eterno.

É esforço reivindicado pelo Evangelho, é desenraizamento, um transplante. Entre o olhar de anjos que servem à Cristo, há uma parte enviada para perto de cada discípulo para mudar a trama de seu destino, aportando à ele o alimento espiritual, instruindo-lhe, cuidando-lhe, dando-lhe coragem, refazendo uma a uma todas as células de seu ser físico, mental e psíquico. Mas a colaboração do homem que ajudam é indispensável. Para que eles possam semear em nós os grãos que Jesus lhes confia, é preciso, pela vontade ascética, trabalhar em nosso coração.

Os efeitos destes seres misteriosos não se registram com clareza na consciência, sobretudo no começo. Se fundem no sentimento pouco analisável da presença divina. Um filósofo encontrará provas desta presença; um devoto, por uma meditação ardente, se construirá uma imagem animada⁵.

Todos estes esforços chamam a verdadeira Presença e nos torna capazes de suportá-La, mas ela não se deixa forçar, permanece sempre independente, gratuita. A melhor forma para atrair esta maravilhosa doçura é a prática plena da caridade. Um verdadeiro discípulo se encaminha para a liberdade, vê a Deus em tudo, não Lhe crê sujeito a condições de tempo e lugar. “Deus está tanto na cozinha como nas celas ou nos oratório”, dizia a carmelita de Ávila. Certos solitários do Islam, Índia e China pensam o mesmo. Esta onipresença não é abstrata, é real, biológica, viva. Para gostar dela é preciso uma coragem constante, é verdade, mas todos podem esperá-La.

O místico se nutre de um alimento particular. Toda criatura se sustenta no meio do qual provém. Veja o vegetal, o animal, nosso corpo fluídico, nosso corpo mental. E é o mesmo meio exterior no qual se forma e com ele se repara, o que cada um de nossos corpos percebe.

Assim, para sentir a Deus, inclusive de maneira extremamente tênue, é preciso que nosso *Eu* se nutra de alimento divino. A pobreza de Espírito é este maná e a renúncia nos procura, vimos há pouco. A disciplina buscará o que o mundo rejeita: o fracasso, o menosprezo, as dificuldades.

⁵ Assim é o trabalho exterior dos Exercícios de Santo Inácio.

Milagres, arcanos, magnificências lhe são indiferentes; o sacrifício constitui sua própria vida e o amor, a chama.

O místico é a antítese do adepto. Não quer conquistar nada; abandona sua liberdade e seus sentimentos mais íntimos, trata de se tornar o mais ignorante, o mais fraco, o mais escravo das criaturas. Assim como o Verbo se imola sem cessar e em todas as partes; assim como os glóbulos de sangue morrem para dar vida às células agonizantes dos músculos, o místico, em sua esfera, se dá sem descanso. Acaba por não se dar conta do que faz. Forças, tempo, dinheiro, gostos, afetos, opiniões, reputação: os oferece a qualquer um que acredita que vá encontrar algum conforto ou algum proveito. Até seu desejo de eterna Beleza, o dará para tirar algum irmão das Trevas, não importa quem.

De onde o homem pode tomar tal vigor? É seu Amigo quem lhe dá. O servo de Deus vive, lembre-se, em um mundo extraordinário: o mundo da Fé. Ele se sente amado de Deus. Logicamente, praticamente, adota a série de informações que a fé promulga. Seu Deus é um Deus vivo, amante, tangível e que comunica a Vida. Ele nos dá o sentido na medida em que O percebemos. Assim, se Sua claridade não nos penetra, não enche nossas almas, como a estrela de Belém permitiu que os pastores vissem, não acreditaríamos. É assim como este Deus nos faz ver, permanecendo invisíveis as verdades da fé aos olhos da inteligência.

A fé é também o único instrumento para as obras místicas. O discípulo tem uns amigos invisíveis, mais numerosos na medida em que se fazem raros seus amigos visíveis. São seus antigos escravos, são todas estas criaturas extra humanas que, durante os séculos de sua evolução no egoísmo, havia pregado sua tirania. Ele as liberou e assume a tarefa de indenizá-las progressivamente dos serviços que elas lhe prestaram antes. Compreende que ele não é hoje, mais do que o resultado de seu passado, que sua personalidade atual é apenas um agregado sem consistência, posto que tem sido construída nos reflexos da “luz negra” e nos fantasmas do eu. Segundo a medida em que, desde hoje, o discípulo tenta só querer a vontade do Pai, seus atos se tornam reais, vivos, definitivos, fecundos; suas orações reais, ativas e vitoriosas.

Pouco a pouco, o discípulo entra em um mundo de glórias onde os sentimentos que temos nomeados aqui, caridade, fé, humildade, resignação, bondade, são substâncias palpáveis, reais, nutricionais, com formas organizadas, de seres vivos, de sociedades completas de individualidades desconhecidas. Seu espírito se volta para a casa favorita para estas criaturas e, pouco a pouco, toda sua persona, até o corpo, muda sua qualidade de vida, se afasta das atrações obscuras e se fixa no reino da claridade, da pureza, da paz.

*

Gostaria de dizer-lhes com mais detalhes sobre as prerrogativas do místico. O tempo me falta. As próximas falas nos proporcionarão as ocasiões para preencher esta lacuna. É preciso resumir.

Acabamos de descrever as características gerais do sentir místico. Cada peregrino guarda sua fisionomia original, cada discípulo é um mundo a parte. Mas, o sentimento claro do divino une a todos. Algo neles vai além da natureza humana e os coloca entre os gênios que honram e iluminam a raça humana. Seu ponto de vista é inacessível, seu olhar é especial, seu movimento está além dos objetivos comuns. Ignoram o que todo o mundo conhece ou pretende conhecer, mas sabem o que todo o mundo ignora: que o Pai envia a Seu Filho a todas as partes onde Ele lhe pede. Sua existência é uma demanda ininterrupta.

Os privilégios do discípulo não são desequilíbrios enfermos, senão que florescimentos naturais, favorecidos pela disciplina moral e engendradas pela intervenção direta do Verbo. Os fenômenos

extraordinários só aparecem como acidentes de transição, assim Santa Teresa quando chega acima da união divina não tem mais êxtase; Inácio de Loyola conserva o sentimento claro da presença divina enquanto se ocupa com um cardeal dos assuntos administrativos. Assim se faz conhecido os possuidores das chaves do Tesouro da Luz que eram valentes pais de família que em nada se distinguiam de seus vizinhos.

Esta robusta saúde psíquica, esta maestria permanente de si mesmo, este admirável bom sentido prático, esta bondade verdadeira, sempre aprofundam suas raízes em uma alma apaixonada. Os medíocres e os mornos jamais produzem nada. Francisco de Assis soava a glória; Loyola, o qual não se deve julgar sua obra alterada por causas secretas, era um colérico; Francisco de Borgia era um ambicioso; eu poderia citar dezenas de exemplos. O temperamento fisiológico predispõe as visões, os êxtases, mas a união essencial é independente da compostura e é possível a todas as mentalidades.

Assim, só se chega ao misticismo pela prática da caridade, da resignação, da confiança em Deus, da humildade. Tal método é muito simples para o gosto da massa, mas na verdade é muito duro. Os olhos que podem olhar o sol são raros. A massa só pode compreender e empregar a religião exterior e cerimonial. Alguns, que se acreditam mais inteligentes, tentam conquistar o esoterismo. O Pai observa com o mesmo sorriso os esforços de todos os Seus filhos. A todos, incluindo aos que Lhe dão as costas, Ele dispensa uma Luz proporcional à debilidade de seus órgãos, um alimento assimilável, um trabalho que podem mais ou menos levar bem.

Esta adaptação ininterrupta da Verdade essencial à nossa inteligência, esta resposta renovada sem cessar às nossas perguntas, constitui na descida silenciosa e oculta do Espírito Santo sobre a Terra. Numerosos são os interpretes deste Supremo Iniciador, mas muitas vezes ficam aquém de sua tarefa. Seus agentes mais ativos não estão nos nomes que se impõem à memória dos homens, nem na falange de elite dos escritores místicos. Aquele a quem todo mundo elogia, só é grande segundo a Natureza; aquele a que todo mundo persegue, tem muitas probabilidades para ser grande diante de Deus.

Duas fontes deixam cair sobre a terra a água da verdade divina: o Evangelho e a Consciência. Se elas não nos saciam como esperamos, é porque nosso *Eu* de travas, que toma delas seu único refresco, bebendo a grandes goles, as corrompe com um simples contato. Nossa consciência tem necessidade de reconfortar-se e o Céu deseja que nada importante seja falseado no único testemunho que nos resta de Seu Anjo Jesus: no Evangelho.

Quando digo que o Evangelho contém todas as iniciações, escritas e orais, que encerra a sabedoria dos Reis, dos Vedas e Avestas, das Pirâmides e da Torá, os sábios riem com incredulidade. Com efeito, a informação parece temerária de minha parte, que não me situo nem na ciência, nem no esoterismo. Tenho certeza do que digo e é possível que contempleis com surpresa, no curso destas palestras, as perspectivas que a palavra simples e bendita do Amigo das criaturas produz.

*

Eis aqui os últimos traços do esquema que havia prometido. Leve em consideração estes rascunhos por mais imaginários que possam parecer. Não pensem somente em vossa própria cultura, mas também nas necessidades do tempo em que vivemos.

Quando uma época se mostra ser de videntes, profetas e taumaturgos não se deve desprezá-la. Muitas causas entram em jogo. Os poderes de Baixo podem projetar uma luz tão brilhante quanto os poderes de Cima aos nossos olhos. A Terra não está isolada, muda sem parar com os outros astros;

está disputada por estrangeiros, o que há de surpreendente se de vez em quando, as almas que vem trabalhar aqui venham dos reinos da magia, das ciências ocultas e dos vícios espirituais?

Perdidos na multidão dos simples curiosos, os amadores dos arcanos, os ambiciosos das sociedades secretas, os adeptos orgulhosos, as almas mais nobres encontram que depois de um rodeio na ciência exterior ou no esoterismo, voltam ao ar livre e ao sol sanador do reino de Deus. Nesta confusão de buscadores, o signo pelo qual se conhece os verdadeiros, é a fé em Jesus Cristo. Quaisquer que seja as diferenças dos que se agrupam à sombra da cruz, se unem pelo arrependimento, não se equivocam nunca definitivamente; os prestígios podem deslumbrá-los, pois não estão ao abrigo da sedução, mas conservam as verdadeiras noções sobre os pontos capitais.

O Céu vela sempre pelos corações sinceros. Busquemos a verdade de nossas forças físicas, de nossas forças mentais, de nosso amor, assim a verdade se manifestará em nós, idêntica ao Verbo, crescerá em nós e nos levará até o Pai.

Tenho lhes mostrados as alturas, cavalheiros. Ainda que nosso coração arda em um segundo, é necessário um tempo para que o incêndio se propague por todo o ser. Que estes heroísmos dos quais falamos não os desalentem. É a qualidade do esforço o que vale e não sua quantidade. Eu dou meu testemunho, o Pai não deixa o menor sacrifício sem uma recompensa imediata. O mais fugitivo impulso aproxima os anjos de nós. A caridade menos custosa, sempre quando seja esquecida de si mesma, provoca uma claridade em nós. Vivamos de imediato no eterno; cada um pode se elevar e receber todas as confirmações e todos os consolos.

A INICIAÇÃO CRÍSTICA

**“Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha...”
(Mt 9,16)**

É muito temerário estudar um tema tão amplo quando se dispõe de apenas uma hora. Mas estes temas não ultrapassam nossos limites? Não podem nos conduzir a um panorama ignorado de alturas deslumbrantes? Por outro lado, o tema desta conversa me permitirá dar minha opinião sobre vários pontos que considero essenciais. Cada vez mais, na medida em que os anos vão passando, a batalha nos mundos do oculto se torna tumultuosa; armadilhas sutis são estabelecidas e iscas sedutoras são oferecidas ao buscador, em todos os recantos do caminho. É necessário, para poder julgar, decidir, escolher o caminho, que conheças todas as opiniões. Naturalmente, creio estar na verdade; as teorias ecléticas, em moda hoje em dia, estão vazias de sentido. Para que falar, se se pensa em propagar erros? Se a convicção mais absoluta não nos anima, nossa voz está morta, é um ruído inútil e vão.

Mas, não quero e nem devo arrastar ninguém por mim mesmo. Se verdadeiramente é da Verdade que falo, não sou eu quem fará com que a reconheçam, senão que ela mesmo se pronunciará, no mais profundo de vossos corações, as palavras invencíveis, definitivas e certas. Nos reinos do espiritualismo, as rotas são tão numerosas, as bifurcações tão frequentes, as percorremos apenas de uma dezena de anos pra cá, que a fadiga nos vence; o desejo desesperado de perceber um faro, de ouvir, por fim, a voz reconfortante de um Amigo caritativo, nos consome. E quanto mais se aprofunda no espiritualismo, mais rapidamente vem esta languidez e esta sede.

Não se escandalizem se venho até vós como possuidor desta certeza, vendo esta Luz e conhecendo o Amigo. Se eu os considerasse como provisórios, não teria o direito de afirmar certos axiomas. Não vejam no que vou lhes dizer ataques desdenhosos, mas penso que se dá ao ecletismo e ao diletantismo o nome respeitável de tolerância, sem motivo. Todas as opiniões são respeitáveis, todas tem uma parte de verdade, mas as que ultrapassam o nível de inteligência não estão mescladas de falsidade e verdade; são, por causa de sua altura, completamente falsas ou completamente

verdadeiras. Onde encontrar este critério infalível? No saber, responde a antiga sabedoria; no Amor, responde a sabedoria crística. Vamos confrontar os ensinamentos de Nosso Jesus com as de seus predecessores humanos, o quádruplo ponto de vista da Iniciação, do Conhecimento, da Moral e da perfeição final e tentaremos, se Deus quiser, concluir, em poucas palavras, com a escolha definitiva da rota espiritual.

Primeiramente, o que é a Iniciação? É o conjunto de trabalhos que tornam o homem consciente de um outro aspecto da vida universal, aparte do plano físico terrestre. Assim, há o neófito do helenismo e do cristianismo, da dwidja ou do brahmanismo. Para isso é necessário morrer para a matéria e renascer na vida invisível, porém real, objetiva, substancial.

Como os planos invisíveis são inumeráveis, existem inumeráveis iniciações. Algumas são vaidosas, cheias de palavreados, outras especulativas, outras práticas. Em nossa época, não restam apenas mistagogias antigas (iniciações N.T). Assim, a franco-maçonomia oferece um quadro bastante completo da iniciação nas Pirâmides; o catolicismo e o brahmanismo rejuvenescido oferecem a liturgia. As fraternidades europeias mais ou menos fechadas não atendem suas promessas, os Rosacruzes contemporâneos ignoram tudo de Elias Artista. Os que “leram todos os livros” e os que querem avançar mais acreditam ser obrigados a irem a países distantes onde a tradição afirma que vivem no silêncio os últimos adeptos. No entanto, a Verdade está no fundo de nosso ser, em uma espera silenciosa, infinitamente mais bela e mais completa, imutável, eterna, beatificante. Mas deixemos isso.

A ciência secreta da matéria é a alquimia; a ciência da força é a magia; a ciência do homem é a psicologia; a ciência das essências não terrestres é a teurgia dos anciãos. Estes quatro graus do Conhecimento sempre existiram, hoje são ensinados em certos centros da China, da Índia, da Pérsia, da Arábia e da África do Norte. É preciso quere-las e conquista-las, não se dão; se mostra o caminho e o candidato avança com seus riscos e perigos e segundo suas forças. Quantos relatos poderia lhes contar sobre este tema! Histórias tristes de existências arranhadas, perdidas em uma mania qualquer, por ser atacadas por guardiões demasiadamente fortes. Leiam “Zanoni” de Bulwer Lytton e sobre todo o magnífico “Axel” do genial Villiers de L’Isle-Adam; vereis exatamente como os detentores da ciência secreta são pouco piedosos com os fracassos dos candidatos. Por outro lado o Cristo diz “Não arranque a rama ferida; não apague a luz do carvão que ainda arde”. Os homens, ainda que sejam sábios não possuem longanimidade, porque se sentem sempre escravos do Tempo. Inclusive adeptos admiráveis, cujos nomes pouco conhecidos se rodeiam de um prestígio sobre humano, que com constância heroica e abnegação profunda sabem persistir durante várias existências nas mesmas buscas, cuja ambição pessoal está morta e cujo ser, a força de vontade, não é mais que a encarnação de um princípio metafísico, esses deuses, enfim, conhecem o temor do fracasso.

Mas o Pai, Seu Anjo, o Filho e sua Glória mútua, o Espírito, possuem a calma paciente da onipotência e a eternidade.

As criaturas não podem ensinar mais do que do exterior ao interior; é preciso que o instrutor impressione um dos sentidos do discípulo; um adepto ou um gênio não ensina falando ao duplo, ao corpo astral ou ao corpo mental; é sempre por uma envoltura do *Eu* por onde o iniciador humano esperará este **Eu**. Só o Pai e os que Ele escolhe podem falar diretamente ao *Eu*. Assim, a iniciação crística é essencial, una, interna, suprema, por isso não pode conquistar-se, somente receber-se.

Cada religião encerra um esoterismo, mas não é esoterismo o que uma religião exterioriza; é a religião, ou melhor, alguns de seus representantes, quem extraem da doutrina geral uma doutrina secreta. As religiões representam, em certo sentido, a grande rota, fácil, segura, todavia mais longa;

as iniciações são os atalhos, os caminhos dos contrabandistas, penosos, perigosos, mas que levam mais rápido aos cumes de neve imaculada onde a alma pode tomar seu voo para o infinito.

Melhor dizendo, isso ocorre em todas as religiões, menos na cristã. Com efeito, inclusive as chaves dos arcanos evangélicos se encontram, não nos hieróglifos, mas no coração do estudante; inclusive a palavra de Cristo é a grande rota ou a corrida do mensageiro, segundo a energia do peregrino, segundo seja moderado ou violento. A “violência” aqui não é de todo o esforço voluntário do adepto, é algo fora das categorias mentais razoáveis, é um esforço sobre humano, uma abnegação tão absoluta que temo, ao dar-lhes um exemplo, que fiquem escandalizados; temo não saber fazer com que compreendam esta ebriedade agitada que lança à morte os corações incendiados pela tocha do amor. É expressando o êxtase que os maiores poetas se debilitam; pior seria querer descrevê-lo. Se um de vós carrega em si esta violência, apenas falta encontrar a oportunidade de empregá-la.

Iniciar-se é um assunto importante. Não basta se proclamar ou se acreditar um Rosacruz, não é suficiente partir um pão cerimonialmente, discutir sobre alguns símbolos, conquistar algumas curiosidades alquímicas ou atuar à distância voluntariamente. Desconfiemos da literatura; em nossa época, o menor escritor é chamado de “Querido Mestre” e o menor amador do ocultismo “Mestre” e pronto.

Reajamos contra este gosto pelo complicado, pelo estranho e misterioso. Nossa cultura nos torna artificiais. Abandona-se a religião ordinária porque a ciência exata parece mais profunda, mas quando sondamos seu vazio, nos precipitamos nas ciências fantásticas. Que ingênuos somos! Os orientais têm razão ao nos considerar selvagens, por causa de nossos absurdos sistemas e mensagens falaciosas. No entanto, eles possuem o verdadeiro arcano, como nós. Quem pode descer às criptas de Dekkan, ler o I-Ching, falar com os dignatários de Banarés ou os iluminados de Roma, Medina ou Fez, todos os signos, todos os esquemas e todos os caracteres dizem o mesmo, que a câmara de reflexão maçônicas, ou a Imitação de Cristo, as regras das ordens contemplativas promulgam o mesmo preceito. Este axioma fundamental, único, universal, se chama: *caridade, humildade, oração*. Mas quando o deciframos em francês, sânscrito, hebraico, parvi ou em alguns dos milhares de idiomas iniciáticos, se pensa: sim, conheço isso, passemos a página seguinte. Estas três palavras contêm precisamente todos os segredos, todos os socorros, todas as ciências. Aí estão! Sem elas, não se chega a nada na grande obra psíquica, além da enfermidade, a loucura ou a morte.

O grande defeito das iniciações humanas é que estas três palavras iluminadoras estão sepultadas embaixo de um montão de ritos, práticas, arcanos e receitas. Estão desfiguradas pelo culto a todo tipo de deuses; tem sido invertidas, inclusive, criminalmente, de forma que certas escolas, e não entre as menos sábias, nem as menos poderosas, as fazem servir para a exaltação do orgulho espiritual. Esta é uma das razões pelas quais o Cristo denuncia tão obstinadamente a todos os farisaísmos.

O arquétipo destes três vocábulos é a Luz que Jesus vem fazer brilhar. É contra ela que, desde há dois mil anos, se unem todas as forças do dinheiro, da matéria, do egoísmo e da inteligência deificada. Os césores que mataram tantos cristãos fizeram muito menos mal que estes dignatários dos esoterismos orientais que, no século II, fizeram em Alexandria um pacto secreto. Ali foram tomadas as medidas oportunas para captar as forças populares saídas da palavra de um galileu obscuro; ali foram recolhidas as lendas, compostos os episódios, falseados os dados da vida de Jesus, sob o molde de simbolismo hermético, com a finalidade de obter um novo tipo de adepto, conforme o modelo milenar dos hierofantes.

Poderia se pensar que acuso os iniciados de falsos, mas não é isso. Eram homens sinceros, cegos pelo orgulho; não compreendiam nada sobre o Cristo, mas seus descendentes hoje também não

compreendem. Tudo o que na história de Jesus, não entrava o marco de suas filosofias, acreditavam ser simplesmente um falatório e era rejeitado. Compreendo seu estado de ânimo. Um iniciado não avança ou não acredita avançar, mas que por sua própria energia. Na realidade recebe ajuda, mas está convencido de que só precisa de sua força; a confiança em si mesmo é seu melhor truque nesta partida formidável que trava contra o Destino. Ele necessita para este avance um objetivo preciso; sem ele seus esforços parecem fugir e desaparecer. Mas o que ele não vê é isso: pelo fato de fixar um objetivo, limita sua ascensão, circunscreve sua ação, rodeia de muralhas suas perspectivas interiores. Seu domínio é mais ou menos extenso, segue seu poder instintivo, anímico, intelectual ou volitivo, mas este domínio está fechado. E todo o livre infinito que se estende ante ele é como se não existisse.

Pelo contrário, Cristo disse: “Não és nada, nada podes por ti mesmo, mas podes tudo se desejas que Deus viva em ti. Teus esforços mais heroicos só valem como sinal de tua boa vontade, atraem a graça, torna possível a descida do Espírito, mas sem estes esforços o Espírito também poderia vir a tua casa: Ele pode tudo, mas Sua presença se reduziria a cinzas. É necessário que faça os mesmos trabalhos que teus irmãos, que o campesino, o operário, o cidadão, o sábio, mas com o convencimento profundo de que permaneça apesar de tudo como um servidor inútil. Então, virei a ti segundo a vontade de meu Pai...”

Considerando a técnica dos mistagogos⁶, veremos entre eles e a via evangélica diferenças capitais. Os primeiros se dirigem a um dos princípios do ser humano, são abstratos, especulativos e sem esperança de recurso em caso de fracasso. A segunda é geral, prática, viva, humana, em uma palavra: a bondade de Jesus vence, até setenta vezes sete e nunca se cansa.

Veja o sufi: quando tropeça em algum ponto de suas invocações, as forças que começaram a colocar em movimento se voltam sobre ele; o mesmo ocorre para o mantra-yogui e para o srotapatti (aquele que entrou na corrente N.T.). Se o iniciado taoista, em sua pequena pagoda florestal, deixa, depois de dois ou três anos de solidão, sua meditação desviada o deixa debilitar sua vontade, ele fica aplastado. Se o Parivradjaka, na cova subterrânea que serve para as iniciações bramânicas, ao final de três semanas de jejum e trevas, chegado o grande dia sem ter sustentado os terríveis olhares dos deuses de Baixo, ficará louco para o resto de sua vida. Não sem razão os Antigos apelavam para a epilepsia como um mal sagrado e o povo, no Oriente, respeita aos loucos. São quase sempre exploradores desafortunados do invisível.

Pela Europa, se vissem os cadernos manuscritos que se tem transmitido, de superior em superior, em algumas comunidades contemplativas, veriam que há uma iniciação em teologia prática. O mais conhecido destes rituais são os “Exercícios de Santo Inácio de Loyola”. Está nas livrarias. Não será indiscreto falar deles. Consiste em uma série de meditações sobre a vida de Jesus Cristo e sobre os dogmas, mas nestas meditações, pela força da imaginação, é preciso ver e ouvir as cenas e os personagens. Poucos candidatos são admitidos para seguirem a série completa destes exercícios; um diretor fala ao noviço e o orienta a todo o momento. Ao fim deve produzir-se a descida da graça iluminativa. A prova, que não é indicada, consiste no dilema no qual o discípulo claramente se coloca. Ou estas visões são autossugestão e então todas as realidades teológicas são subjetivas e a vontade é unicamente Deus; ou estas visões são objetivas e, seja como seja, não se produzem mais que pela boa vontade divina. Os noviços que não saibam como resolver por eles próprios o enigma da liberdade humana e da presença divina se tornam fatalistas, quietistas ou ateus. E os diretores, que sabem reconhece-los, os destinam então aos baixos empregos da Companhia.

A iniciação evangélica pura, ao contrário, é essencialmente prática. Prova-se unicamente o *EU*. Em caso de êxito, ela procura o conhecimento intelectual e o poder psíquico correspondente; em

⁶ Sacerdotes Gregos N.T.

caso de fracasso, oferece ao neófito, depois de um pouco de repouso, uma nova prova. Estas provas são as misérias da vida cotidiana: perda de dinheiro, traições, doenças, penas; o discípulo permanece como o filho, o esposo, o pai, o cidadão, o operário ou o industrial que era antes de ter pedido seu avanço. São problemas usuais os que deve resolver: sustentar ou abandonar um processo, criar uma empresa, consentir uns empréstimos ou reusá-los, reconciliar-se ou não. O esforço é realizado pelo coração e pelas faculdades próprias. Não há necessidade de livros, nem de dietas, nem de viagens. Cada um pode, a sós consigo mesmo, pedir em segredo a Luz, pois Jesus, Mestre e Amigo, está constantemente ao lado de nosso coração.

Ó, se soubéssemos com que afeto e ardente solicitude Ele espera nossa demanda, como diríamos em seguida palavras de Vida e como resistiríamos à prova!

*

Veja agora como a iniciação humana dá rodeios e a regeneração Crística é central. Os métodos esotéricos de conhecimento são numerosos e merecem um estudo profundo. Tem sido construídos por homens ricos, de um tesouro multissecular, contém uma infinidade de observações engenhosas, de visões geniais, de observações sutis e sugestivas; as escolas hindus, entre outras, fazem, desde a metade do século XIX, grandes esforços para comunicar à raça branca algumas de suas experiências psicológicas. Estes métodos não são bons para os europeus. Dão ao mental uma força e regularidades admiráveis, mas produzindo internamente reações nocivas a longo prazo. Em todo caso, a meditação exclusivamente intelectual, o entretenimento psíquico voluntário criam sempre, quaisquer que sejam as precauções tomadas, um tipo de desequilíbrio dinâmico; a cabeça não é mais do que parte do corpo; o intelecto é um órgão de reflexão; não é para tomar a imagem da vida como sendo a própria vida.

Os antigos sábios haviam previsto esta despolarização e para remediá-la ensinavam uma cultura fluídica (dieta, respiração, auto magnetismo) e uma cultura anímica que desenvolve artificialmente a devoção, o amor. Estes entretenimentos eram intercambiáveis.

Tentamos mostrar os defeitos destes métodos. Contemplar à Deus é impossível. O devoto não cristão começa por contempla-Lo em Suas criaturas, sinais parciais de Suas perfeições. É como se disséssemos que, na matemática, o infinito é a soma de uma série de números finitos. Ou melhor, o devoto tem a criação como sem término, então seu Deus é um conceito inatingível, um abstrato; (daí a identificar esta causa primeira com o Pensamento, não há mais que um passo). Ou, seguidamente se cai na teoria da ilusão universal, onde o sujeito mesmo duvida de sua própria existência. Desta forma, no budismo primitivo: “Se os monges afirmam que o EU existe, isto não é exato; mas se afirmam que o EU não existe, isto não é verdadeiro tampouco”, disse Gautama,

Com relação às faculdades transcendentais, podemos desenvolvê-las em um sujeito ou em si mesmo. Mas, para que os conhecimentos que procuram sejam exatos, é preciso que o instrumento de percepção seja perfeito, que o objeto a perceber mantenha-se fixo e que se conheça o índice de refração do meio. Porém, nenhuma destas três condições é realizável, assim que seria preciso supor resolvido este problema do conhecimento. Muitos buscadores infringem estes princípios.

Podem me perguntar: Por acaso descobriram um método melhor do que o adotado pelos iniciados e cujo emprego tenha produzido as obras mais importantes do gênio?

O Evangelho contém este método excelente, mas, para descobri-lo e realiza-lo é preciso da força sobrenatural da fé. “Busca primeiramente o Reino de Deus e Sua justiça e todo o mais lhe será acrescentado”, disse Jesus. Este “todo o mais”, o que não é o Reino de Deus é justamente tudo o que os homens buscam na Natureza, tudo o que esperam do Relativo. O Reino de Deus é o lugar

onde reinam o amor puro, a fraternidade e a paz. Em verdade, o que ama ao seu próximo como a si mesmo tudo sabe; pude confirmar isso, não em mim, mas em um homem, o único que conheci que realmente amava seu próximo: dinheiro, tempo, ciência, bondade, ele dava tudo; nunca pensava nele, jamais se inquietava por saber como viveria amanhã; jamais os mais temíveis inoportunos foram rejeitados. Este homem sabia tudo, de verdade. Tanto resolvia uma questão de cálculo integral, quanto indicava um lugar de um deserto ou encontrava ruínas e os movimentos da Bolsa na semana seguinte. Verifiquei sempre a exatidão da menor de suas indicações. De onde vem uma faculdade tão milagrosa?

Ele que vive em Deus e que tem por único alimento o cumprimento da vontade celeste, vive na Verdade, a Verdade vive nele. Sua presença invisível aos olhos da carne é sensível aos olhos das entidades imortais. Tudo tem um espírito. Assim, o espírito desta mesa está obrigado a dizer a um tal homem, se ele assim o pedir, o nome do carpinteiro que a fez ou o bosque de onde provém a madeira. Ante a Verdade nenhuma mentira, nenhum erro pode se sustentar.

Tal é o conhecimento vivo, ele nos dá no lugar da relação aproximativa de um objeto e um sujeito, a essência real deste objeto.

*

Enquanto a Moral, o princípio é universal, não somente sobre este planeta, mas em toda a criação. As consequências são as que variam. Todos os seres visíveis e invisíveis, infernais e paradisíacos não tem mais do que uma lei: viver uns para os outros. As diferenças entre as morais são externas e a sociologia e a etnografia nos descobrem facilmente as causas ou são internas e, para conhecê-las, é preciso analisar o princípio teológico no nome do qual são formuladas.

Toda iniciação que coloca a cabeça acima do coração, a Inteligência acima do Amor, é uma inversão da síntese patriarcal e da doutrina do Verbo encarnado. Situa a imagem no lugar do objeto. Sua moral será pessoal, voluntária, humana, não conhecerá salvadores, senão irmãos maiores; não se oferecem como vítimas, apenas se compadecem ou dão uma ajuda momentânea. O esforço de liberação segundo estes sistemas vai do baixo ao alto, de fora para dentro. Necessita-se de um cimento material. Cultiva-se sucessivamente o corpo físico, depois o fluídico, depois o astral, o mental e assim sucessivamente, segundo a profundidade da vontade. Nada mais lógico, mais razoável, mais positivo. Pode se dizer que os iniciados são menos espiritualistas que os materialistas transcendentais. Em todo caso, não tocam o misticismo.

Perdoem-me estas imagens um pouco grosseiras. Não temos tempo de estudar os detalhes, é necessário que meu esquema seja ressaltado, que as sombras e as luzes se oponham vigorosamente para que as figuras se imprimam em vossa memória.

Este esforço parte do EU, é Marco Aurélio, Sócrates, Pitágoras; é o budismo e o taoísmo primitivos; é Ibsen e Nietzsche; é também, precisamos dizer, com o risco de vos escandalizar, o célebre Tolstoi, que não tem de Crístico nada além do vocabulário. Está claro que esta moral não pode subir mais alto que nós mesmos; jamais nos permitirá sair do criado, digam o que digam seus protagonistas.

O Evangelho ignora o adeptado. Toda a ascética, a luta contra as paixões e levar as provas não são mais que o Percursor destinado a desaparecer na medida em que a Luz vá crescendo. Não é a bela glória de algum paraíso criado, mas o esplendor mesmo do Reino incriado. É o arrependimento, a penitência; o discípulo cava em si mesmo o molde onde descenderá – é possível – a forma do Verbo que lhe corresponde. Esta descida é um novo nascimento, a liberação verdadeira; é o Espírito puro e não o espírito de um deus, de um gênio, de um rishi ou um dragão. Em uma palavra, o Cristo

devolve o homem a seu lugar no Absoluto. Nenhum adepto pode subir acima do relativo, a este zero metafísico que é a alavanca imóvel das liberações universais.

Vocês poderiam questionar: Onde está o mérito? Onde está o valor do homem, seu livre arbítrio? Não quero abusar de vossa paciência, para estas questões tens Pelagio, Santo Agostinho, Boehme, Jansenius, Molinos; o que afirmo é que o antimônio da pré-ciência divina e da liberdade humana não existe mais que em nosso intelecto. Virá um dia, espero, que verificareis por experiência o que testemunho neste momento. É suficiente lembrar, para o rigor de nosso trabalho, que a reintegração mosaica, o adepto bramânico, a liberação búdica são três estados completamente opostos entre si e ainda mais opostos à salvação da qual fala o Evangelho. A unidade das religiões é uma ilusão que se estende por longos séculos; antes que se realize, será necessário que se transformem completamente.

O Evangelho acrescenta à antiga noção de poder e liberdade do homem a noção de que este ser, ainda que possua em si uma semente de eternidade, não pode alcança-la por suas próprias forças, posto que estas forças são relativas, limitadas e finitas. Este passo do Relativo ao Absoluto, por rápido que seja, constitui a verdadeira salvação. Mas Aquele que pode nos fazer passar para o Absoluto, este Infinito, esta Eternidade, é somente o Verbo, o Cristo Jesus.

*

A perfeição iniciática é o adepto, a perfeição evangélica é o cumprimento da vontade divina. Para as duas é preciso um novo nascimento; o primeiro é natural, o segundo é sobrenatural.

Em teoria, o adepto possui a onisciência e a onipotência; em realidade nenhum dos adeptos que conheci sabia tudo, ainda que tivessem uma resposta para tudo e não tinham tanto poder. Sejam prudentes. Todo conhecimento quer dizer que o Pai nos admite em Seus conselhos; todo poder significa que nos dá a delegação das cortes evangélicas. Mas, nenhum homem, nenhum deus, nenhuma criatura já recebeu tais prerrogativas. Permanecemos na terra, o campo do maravilhoso é todavia muito amplo e, no entanto, as promessas do esoterismo ao que nos referimos são exageradas.

Vejam a alquimia, quimicamente está correta. É possível fabricar um corpo que possua todas as propriedades do ouro, sem sê-lo; espiritualmente, isto é falso, porque o ouro, como cada forma material, só é tal em virtude de um princípio supraterrrestre que escapa à influência da inteligência humana. O iniciado pode atuar sobre o plano físico, fluídico e astral, mas não pode nada sobre a essência verbal dos seres.

Vejam a psicologia transcendente. Os livros de ocultismo estão cheios de histórias de elixires misteriosos, por meio dos quais os adeptos prolongam durante séculos sua existência terrestre. Isto é exato. Existem procedimentos secretos, há homens bastante sábios e bastante fortes para utilizá-los. Mas o que o buscador não percebe é que tais indivíduos são uns criminosos. Cada um, com efeito, mereceu um certo grau de inteligência, de bem estar, de poder e de vida física. Mas, da mesma forma que o financeiro não pode acumular milhões sem semear a ruína ao seu redor, o adepto que não tem direito a mais de oitenta anos de existência, não pode tomar cem ou duzentos anos que rouba desta vida física de outros seres humanos. Que não se invoque o pretexto de um fim superior; todo bem obtido por um procedimento malvado não é um bem. Nossa existência não nos pertence, nosso corpo também não, nada de nós mesmos nos é próprio. Como deter o curso destas evoluções em nós e fora de nós, senão por uma tirania egoísta e orgulhosa? Se tivéssemos a permissão de violar o segredo do outro, vos contaria a história recente de um adepto que vivia desde a quase mil anos sobre a terra e que se viu obrigado a restituir todas as antigas dores que havia cometido. Vi também, para citar um caso contrário, ressuscitar um homem devidamente morto e acordar um

prolongamento da existência; mas o taumaturgo havia satisfeito todos os suplementos de força que as criaturas unidas à alma deste morto estavam em seu direito de receber.

Não nomearemos todas as grandiloquências dos livros ocultistas.

Muitas das sociedades secretas afirmam influir sobre os acontecimentos políticos; a maior parte é reivindicada por diversas fraternidades esotéricas. Ninguém ignora estas intervenções ocultas no mundo inteiro, tanto na Europa como na China. Nos é necessário pesquisar muito para descobrir que todas as associações dependem de dois ou três centros e estes centros de alguns indivíduos desconhecidos, sedentários ou errantes, mas que sabem dissimular admiravelmente suas verdadeiras ocupações.

Existem nestas conjecturas muitos erros sobre um fundo de verdade, tanto no que se refere ao coletivo social como ao indivíduo. Em toda religião e em todo governo há uma hierarquia secreta ao lado da hierarquia exterior. De vez em quando, certos deuses enviam missionários junto à autoridades políticas ou eclesiásticas; tais foram, em outros tempos, São Bernardo, o Cosmopolita e Cagliostro, por citar apenas alguns e para respeitar o segredo de certas intervenções mais recentes. Enfim, a armada de Deus e a das trevas, que combatem no universo, combatem também sobre a terra; mas, o Exército de Deus é um, o exército das Trevas é múltiplo e seus diferentes grupos lutam frequentemente uns com os outros. É por isso que é tão raro encontrar um iniciado que não considere os outros sistemas como magia negra, só o seu é válido.

O Evangelho condena todas as ciências ocultas e todas as associações secretas, porque todas levam a assassinatos e revoltas. O homem não está aqui para dar ordens, senão para submeter-se; lei dura para o orgulho, lei doce para o amor. Todos são conduzidos e os que pensam ser mais independentes são os mais dirigidos. Só há dois seres que sabem o que fazem: o Senhor da terra, o homem livre delegado pelo Verbo e o Príncipe deste mundo, o tenente de Lúcifer. Ambos se mantêm desconhecidos, porque necessitam solidão e silêncio; ambos são incompreendidos, porém o Senhor é mais do que o Príncipe, porque existe menos luz que trevas no coração dos homens.

Vejam os Cristo, quem foi menos compreendido? Todas as seitas o disputam e os povos se matam entre si em nome de falsas imagens que se fizeram Dele. Para o filósofo, foi um agitador; para o anarquista, um anarquista e os homens de autoridade o reclamam como seu; para o espírita Ele é um médium; para o magnetizador Ele só atua por fluídos; o hermetista O tem por um mago e o budista por um futuro Buda. No entanto Jesus é outra coisa. Primeiramente é Nosso Jesus, de todos nós, a Quem crucificamos sem descanso, pela ação, pela palavra, pelo pensamento. Ele não é apenas um guia que se volta para lançar uma corda ao viajante em perigo; nada em comum tem com o Buda; Buda significa, na linguagem dos Templos, o conhecimento, o saber. Jesus significa o vivente. Jesus jamais foi essênio; Tudo o que Jacolliot e Notovich contam sobre viagens e iniciações na Índia é fantástico; *Jezeus Christna* são palavras impossíveis em sânscrito. O Cristo não roubou, como pretende o Talmud, o Tetragrama do Templo de Jerusalém. Jamais teve a necessidade de receber lições e exercícios. Desde os três anos Ele fez no Egito o que chamamos de milagres, liberando as almas aprisionadas. Era um homem, sim, mas este homem – perfeito – continha a totalidade da Luz divina.

Ao dizer: “quem me vê, vê a meu Pai”, não fazia um jogo metafísico de palavras; Ele expressava um fato, uma realidade substancial. Ele foi, Ele é, Ele permanecerá como o Mestre da Vida. Nos ajuda por uma promessa que nos foi feita, não está longe, descendendo conosco, carregando nosso fardo, vivendo nossas fadigas. Ele conheceu todas as dores humanas e o que é mais extraordinário, resistiu a todas as alegrias. Quando Ele expirou sobre o Calvário era possivelmente a décima ou décima segunda vez que na Pérsia, em Roma, na Espanha, na Índia, no Tibet, ele sofria as cadeias e os suplícios. Pois, lembrem-se que toda Sua história tem sido habilmente falsificada.

O Cristo é o único Mestre digno deste nome, porque sofreu voluntariamente todas as sujeições; é o único Amigo, porque tem aceitado o mal de cada um de nós; é o único Iniciador, porque conhece o absoluto, o relativo e todos os infinitos. Ele é a Via, porque as criaturas não podem avançar mais que seguindo a pegada resplandecente de Seus passos. É a verdade porque nada existe sem Ele. É a Vida, porque foi o primeiro nascido do Pai e estará presente, todavia em mil milhões de séculos, quando esta Natureza imensa, purificada, abrasada, flamejante se eleve até as glórias eternas.

A iniciação evangélica só propõe um objetivo: o cumprimento da vontade do Pai; um trabalho: o amor fraternal; um método: a resignação e a petição. Só se dirige ao coração, não emprega nenhum entretenimento, não necessita nenhum regime. É tão simples para que uma criança possa entendê-la e às vezes mais terrível que as duríssimas austeridades dos rishis seculares. É silenciosa, mas a voz de seu discípulo pode ressoar até mais além das constelações. É doce, pois um sorriso do Amigo nos dá a força para séculos de trabalho, mas, infelizmente é muito desconhecida porque os homens só correm atrás do que é raro, extraordinário e reluzente.

Nem a ciência, nem os milagres provam a espiritualidade. Atualmente há um homem que tem feito curas aos milhares. Ele se considera muito superior ao Cristo; veja como o deus do orgulho confere poderes aos seus devotos. Conosco, entre nossos contemporâneos, sete ou oito messias novos, todos acreditam ser reencarnações autênticas de Cristo. Não houve na América a encarnação do Espírito Santo? Os que pretendem, mais modestamente, reconciliar o papa e o grande lama, divulgar a ciência integral ou estabelecer um império universal, não são tão raros.

Vocês, cavalheiros, que iniciam estes estudos misteriosos ou que lhe dão continuidade desde há muito tempo, tenham prudência. Primeiramente acalmem a curiosidade, tudo vem ao seu momento. Desafiem as fascinações de qualquer natureza; fiquem alertas diante dos que se mantêm entre os bastidores e os que são mais admiráveis em aparência, pois podem ser apenas marionetes. Estudem, comparem. A Natureza faz crescer as ervas que curam as contusões nos lugares escarpados, onde as quedas são frequentes, inclusive nos oferece os meios para nos livrarmos dos males que nossa imprudência nos provocam. Toda criatura nasce no meio que lhe corresponde; nós, europeus, estamos sob a palavra de Cristo, que contém todo o alimento espiritual de nossas almas e que só ele possui.

Sejamos razoáveis. O Evangelho nos parece demasiadamente infantil? Começemos por levar seus simples conselhos à prática. Logo constataremos que não há trabalho mais absorvente e assim, não teremos tempo para discutir se o Logos é ternário ou setenário. Não compreendemos a transubstanciação? Vamos primeiro até o nosso inimigo e estendamos-lhe a mão, convidemo-lo à nossa mesa, em memória de Jesus, com estas palavras tão pouco eruditas; seguidamente, compreenderemos.

Este é o único método rápido e são cujos frutos permanecem para além da morte. Desde as origens do mundo, esta verdade se fez conhecer; mas os homens a obscureceram e a deformaram repetidas vezes. Hoje experimentam o vazio da ciência materialista e da religião unicamente formalista, mas estão construindo outro ídolo: a ciência secreta e a religião esotérica. Lembrem-se que a última palavra do saber é: *Não sei*; que a última palavra do adepto é: *Não posso*. Quando desde a profundidade palpitantes vosso ser tenham lançado estes dois gritos desesperados, a branca luz da eternidade se estenderá sobre vosso nada. Será o primeiro passo sobre a rota misteriosa da pobreza, que leva até o Pai. Meu desejo é que esta catástrofe e esta aurora cheguem rapidamente para cada um de vós.

A ORAÇÃO

**“Se vós estiverdes em mim e as minhas palavras estiverem em vós,
pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito”
(Jo15,7)**

A oração é a ação mais difícil que pode ser proposta ao homem, no entanto, tudo reza ao nosso redor. O mineral, a planta, o animal, todos pedem à Natureza o sustento de suas forças; todo ato é uma petição e todo ser atua necessariamente, pois vive. Entre as criaturas o homem é quem mais recusa o reconhecimento desta lei e é por isso, principalmente à ele que se aplica. Espero poder mostrar-vos o quão irracional é esta conduta.

Entendida em sua dignidade real, a oração é um desejo do Céu e uma conversa com Deus. É uma graça e a fonte das graças. É um grão nas terras da eternidade, a obra mais preciosa de todas as obras, maior que o mundo, mais poderosa, poderíamos dizer, que o próprio Deus. Não vos surpreendam; aqui abandonamos os reinos civilizados da razão; estamos nos bosques exuberantes do Amor. Faz calar a inteligência, abre-se as janelas do coração, contempla os campos infinitos das colinas eternas, eu não posso torna-las visíveis!

Porque a oração é o ato supremo, não vale, não existe se não é sincera. Em todo momento os anjos estão ao nosso redor. Quando pensamos em Deus, chegam em maior número; uns são benévolos, outros se colocam para recolher o que podemos emitir de egoísmo em nossa petição. Outros, por fim, vindos por um desejo sincero de ver à Deus através de nosso coração, se escandalizam e se desanimam se nossa oração está mau feita. Somos responsáveis por tudo isso.

Dois movimentos são produzidos na oração. O desejo se humilha, se exalta e se refugia na misericórdia divina, que é Cristo. A graça lhe responde, se oferece e deseja ser devorada por ele. Os dois são a forma mística da fé e quanto mais o desejo rondar o abismo da humildade, mais atrai a graça, mais nosso coração se alimenta, mais o Verbo Se desenvolve no fundo de nós.

A oração é a atração de nossa personalidade para o Absoluto; se abandona ao Pai, se lança em Seus braços, conversa com Ele, mas sem palavras. Não usa o intelecto, é o coração que encontrou seu complemento total, que se surpreende, desfalece, morre e renasce, em uma beatitude infinitamente crescente.

Sendo isso a oração, compreendam que só é necessário rezar à Deus. Isto raramente é feito. Normalmente nos dirigimos a um deus escolhido. Uma mulher corajosa, que vai à Igreja pedir ao bom Deus que seus débitos sejam extintos, pois vive de pequenas rendas, não é a Deus a quem reza seu coração, mas ao deus do dinheiro. Quantas vezes nos conduzimos como esta boa velha?

Vejam bem, cada deus atende a seus fiéis, como um rei guarda os empregos lucrativos para seus cortesãos. Um ambicioso ou um avaro que reza por ambição ou avareza serão atendidos facilmente por seus deuses, mas rondarão cada vez mais em seu falso caminho. Quando um coração simples pede ao Pai algo que pode fazer dano à sua alma, o Pai não o escuta; esta é uma das razões pelas quais nossas orações permanecem quase sempre estéreis.

Não reze a nenhuma criatura, inclusive se esta for declarada santa. É uma descortesia para com Deus; é como dizer-Lhe “Escutarás melhor à seu favorito que a mim, não me prestará atenção porque sou um desconhecido ou um miserável”. Isto é duvidar de Seu poder e de Seu amor. Não critico aqui o culto aos santos, repito somente a doutrina canônica.

É por isso que o mais sábio só se dirige à Deus. O primeiro, o mais irreduzível dos inimigos do homem é ele mesmo. Satã não é menos perigoso. Um e outro são dois adversários com uma marcha

igualmente imperceptível; para combatê-los é preciso um ponto de apoio fora do mundo, posto que ocupam o mundo, constituem a força do universo. Este apoio só pode ser Deus.

Reza ao Pai, reza ao Cristo, pois Ele é Deus. Rezar ao Espírito Santo é muito difícil; estamos ainda demasiadamente encravados na matéria para ser sensíveis a esta presença infinitamente sutil. Além do mais, há uma criatura a quem se pode orar sem temor de contrair uma dívida ou de faltar ao Pai: é a Virgem Maria. Como é a mais humilde de todas as criaturas, podemos estar seguro de que transmitirá íntegra nossa demanda; e porque seu Filho lhe concede sempre suas petições, há mais chances de ser escutado ao se dirigir à ela.

Contudo, insisto neste ponto importante, sem a ajuda expressa de Jesus, não podemos nada. O Verbo na criação dá a todos a força vital; esta força vital nos é dada de novo através da redenção. Esta força vital adquirida pela redenção é universal e por sua vez individual. Ele espera em silêncio na porta de nosso coração e, ao primeiro impulso, nos abre Seus braços, não deixando que percebamos de Sua claridade mais do que nossos olhos doentes podem suportar.

Só Deus, em seu aspecto do Verbo, possui todos os detalhes do plano cósmico. O destino do micróbio e o da nebulosa Lhe são igualmente presentes. Não há nada em nós que não venha Dele; até mesmo o desejo de ir até Ele, é Ele quem nos inspira; nosso livre arbítrio só atua em um momento de nossa decisão. Assim, o poder orar é uma recompensa.

Poucas pessoas sabem orar. A causa aparente desta ignorância é a educação, as preocupações cotidianas, a influência do meio. A causa real é mais antiga e mais profunda. O homem não pode fazer nada se seu espírito não possui a faculdade correspondente a este ato e se seu corpo não possui o órgão correspondente a esta faculdade. Por outro lado, as faculdades psíquicas não são abstrações, são organismos reais, objetivos, membros e vísceras do espírito. Tanto no físico como no hiperfísico, tudo começa por um pequeno germen que o trabalho e o sofrimento desenvolvem lentamente. Assim como um adolescente que não exercita o caminhar tem as pernas débeis, quem não ora atrofia o órgão físico-psíquico da oração. Se não podemos orar, é porque temos passado anos, séculos talvez, antes de aterrissar aqui, sem pensar em Deus, sem a inquietude pelo Céu. Começamos imediatamente a reparar esta assombrosa negligência; não amanhã, nem esta tarde, agora mesmo. Como sabemos se a morte não nos espera detrás desta porta? Coloquemos todo nosso esmero nesta ação, nossos movimentos, que toda circunstância se transforme num pretexto para persegui-la e aperfeiçoá-la.

Eu não tenho o desejo, nem o gosto pela oração. Não sinto a necessidade, podem dizer. Então começa por seguir o Cristo em teus atos, prova o mais simples dos esforços. Antes de falar com teus amigos: detenha a primeira murmuração que suba aos teus lábios, detenha-a ali, a qualquer preço. Pronto, sentirás o sopro do demônio da perversidade que os cutucará: “Que bobagem, que importância tem isso?”. E se quiseres vencer ao tentador de uma vez, terás que pedir ajuda. E este grito será talvez tua primeira oração.

Nosso coração de Luz quase sempre se debate dentro de nós, grita e se queixa, mas nossa consciência permanece surda. Ela não construiu ouvidos espirituais, tem educado suas células cerebrais próprias para receber as vozes de muitas criaturas, de gênios, de sábios ou deuses, mas se esquece de receber a voz do Amigo. Podeis entrever aqui, sem dúvida, porque nossos primeiros passos em direção ao Céu são as lágrimas dos remorsos e arrependimentos. É necessário que o arado rasgue o solo antes da sementeira.

*

A oração é um ato infável. Por se confessar não ser nada, ela pode tudo; transfigura o horrendo, preenche os abismos e vence as montanhas. Como um orvalho refrescante, alivia, lava e libera. É o fogo, a bigorna e o martelo. É desconhecida e nada se manifesta sem ela; ignorante, nos ensina tudo; tão simples que os sábios mais cheios de ciência não a compreendem; apenas sussurra e as cortes de anjos se inclinam para escutá-la; miserável pequena vibração faz com que as mãos prestigiosas dos ardentes serafins a recebam com tremor; sopro extenuado que faz renascer a vida. Lágrimas incolores transmutadas em gemas brilhantes, raiz da alegria, saber dos saberes, doçura da força, perfeição da palavra, cumprimento da promessa, medicina universal, assim é a oração, como é sua encarnação sempre viva, o Cristo Jesus.

A oração é a arma que combate com a justiça de Deus, a navalha duplamente temperada que carcome por todas as partes onde encontra o óxido da iniquidade. Por ela, a palavra do homem, signo magnífico de sua grandeza, remonta a seu princípio, se lança em direção à Deus e alcança as fontes da Vida. O verbo humano recupera sua força original, se torna ato, atrai o Ato divino e se incorpora ao Verbo, seu criador. A oração verdadeira é filha do Amor, é o sal da ciência viva e a faz germinar em nosso coração, seu terreno natural. Impetuosa, ardente, perseverante, não deve conhecer a interrupção, como a eternidade não conhece a cambiante duração. O Céu ama ser conquistado “pela força” e que nos agarremos à Ele como as raízes da árvore se agarram ao solo que a nutre. Deus cumpre Suas promessas. “Pedi e recebereis”, foi dito. “Se vós, que sois maus, dão a vossos filhos o que pedem, quanto mais não vos dará o Pai?”. “Se pedes algo a meu Pai em meu nome, Ele vos dará”. “Qualquer coisa que peça a meu Pai em meu nome, eu vos a darei”.

“Só Deus é bom”. Palavra imensa, cuja harmonia vibra de um extremo a outro do mundo; não posso enumerar seus efeitos infinitos, simplesmente aceite isso, aceite provisoriamente e depois, quando estiverem só, observem o mistério de vossas existências à luz desta chama, compreenderéis porque os santos não falam de Deus senão com lágrimas, Talvez o Amor eterno os estremeça, talvez conheçam sua doçura indizível e a paz que engendra e, por fim, percebam, apesar das violências, dos assassinatos, das artimanhas e longos martírios, quanto a Misericórdia divina sobre passa Sua Justiça, desde a vinda do Amigo.

*

Que condições deve cumprir a verdadeira oração?

É o impulso do sobrenatural em nós para o sobrenatural fora de nós; do sobrenatural, deixe-me sublinhar esta palavra, do que está por cima da Natureza, do Criado, do Tempo, do Espaço, das condicionantes, mais além dos ritos, nesta atmosfera luminosa onde passam só os grandes ares livres do Espírito e as formas resplandcentes dos anjos da Verdade.

Só se pode orar por meio das faculdades que possuem a consciência. Assim, muitos oram com seus nervos, seu intelecto, sua ganância apaixonada, com o espírito de sua carne e de seus ossos. Por isso as observâncias litúrgicas são excelentes, eu diria indispensáveis; em resumo, quem de nós pode afirmar que sua oração está limpa de toda influência de sua carne e seu sangue? Mas, é a perfeição que devemos desejar, como se fôssemos capazes de um esforço sobre humano.

Onde se pode orar? Em qualquer parte onde seja possível recolher-se. Segundo o conselho de Cristo, encerrado em seu quarto, no material e no espiritual. No material, porque assim só Deus e Seus anjos nos veem. É uma grande força que o bem faz em segredo; assim é puro. Nossos amigos, inclusive os membros da família, quando veem que nos retiramos ao nosso quarto, podem acreditar que vamos descansar; evitaremos assim, por esta discrição, a enganosa recompensa de sua estima. No sentido espiritual, “fechar-se em seu quarto” é entrar em si, fechar as portas dos sentidos e da memória que ocupam o mental em comunicação com o mundo externo, com as preocupações, os

projetos, as lembranças. Isto exige um trabalho sério.

Nas igrejas aproveita-se a orientação do centro fluídico, da prática coletiva, dos artifícios sensíveis como a penumbra, a luz mágica dos vitrais, a elevação provocada pela música, a atmosfera centenária que as gerações precedentes encheram de sussurros e de ações de graça. Tudo isso é uma grande força e não está proibido aproveitá-la.

Caso ores melhor na igreja, vá a igreja. Se é a natureza que lhe ajuda, ora na calma e beleza do campo. Se tuas frequentes visitas à igreja escandaliza alguém, sacrifica vossa comodidade e faz como todo mundo. Mas, se queres avançar mais rápido, escolhe para falar com Deus o lugar que vos obriga a manter o máximo de atenção. Crê na virtude dos lugares consagrados, das fórmulas litúrgicas, dos ritos e de estar unido profundamente a um culto. Faça o que acredita ser o melhor. Vossas orações não chegarão ao Céu senão depois de ter atravessado os corpos coletivos espirituais aos quais estiverem unidos, mas chegarão, no final das contas. É difícil e raro receber a influência divina direta e só se chega a esta união imediata depois de ter utilizado por longo tempo todas as ajudas cerimoniais. Para que as observações minuciosas, o emprego de certas fórmulas como os longos salmodiar dos Brâmanes, do shaktia, do sufi, do monge, nos resultam inúteis, é preciso tê-las usado. Por outro lado, todas estas forças auxiliares são válidas se a sinceridade ardente do coração lhes dá vida; o eterno só é acessível no eterno. Pouco a pouco o Céu nos despeja os impedimentos. Frente ao shivaísmo ou o bramanismo, veja como o catolicismo é simples; quem entreviu a pobreza espiritual pode simplificar ainda mais, mas é preciso que trabalhe dez vezes mais que o mortal comum. No entanto, o poder de tal oração compensa seus martírios. Quando se deve orar? Eu responderia com toda a assembleia de místicos: sempre. Para o homem que crê tudo é motivo de oração, seja de agradecimento ou de petição. Desde que vossos olhos se abram, agradece à Deus o descanso que Ele vos há dado; se a noite foi ruim, agradece ainda mais por ter tido a oportunidade de sofrer, ou seja, de purificar-se e se arrepender.

Ore quando vossos deveres permitirem, pois a mais viva das orações é antes de tudo o bom exemplo. Utiliza todos os vossos momentos. Um segundo, digo bem, um segundo de impulso ou de recurso atua sobre o nosso universo invisível e sobre o órgão físico-espiritual da oração. Este órgão não se constrói de um só golpe, senão célula a célula; a fisiologia do espírito se parece à do corpo: dez movimentos fáceis desenvolvem o músculo mais que um esforço duro e desproporcional.

Caso teu trabalho cotidiano lhe deixe tempo, emprega a noite para a prática da oração. Desde que o sol se põe, muitas forças mudam, mas a briga entre o celestial e o infernal se acentua durante a noite. Por isso, é preciso redobrar a prudência e é com razão que a Igreja indica orações especiais para o sono e para as vigílias noturnas. Se fazemos uma classe metódica, este seria o momento de examinar as razões de ser das horas canônicas noturnas: maitines e laudes, que os monges devem recitar à meia-noite e as três da manhã, e a combinações de salmos, hinos, capítulos, coletas e responsórios que comportam. A regra de São Bento, que data do século VI, oferece ao buscador a mina mais preciosa.

Mas, fiquemos em nosso plano secular; os mistérios não abundam menos, nem as luzes.

*

Há uma preparação anterior à oração, que é o cumprimento da Lei, as boas obras, a resignação. Sim, é preciso amar para orar, primeiro é preciso ser virtuoso para amar. É preciso cimento para o templo e raízes para a árvore; é preciso abrir o apetite da alma; ao se dirigir à Deus é preciso empregar a língua do Céu e só se aprenderá vivendo a vida do Céu, a vida de sacrifício. É preciso abandonar o temporal para ir em direção ao eterno; para que o Pai faça nossa vontade, primeiro é preciso obedecer a Sua.

O Reino dos Céus, ao qual estendemos nossas mãos suplicantes, é o reino da harmonia; uma paz ativa, fecunda, multiforme, que desdobra esplendores sem limite. Se o homem quer se elevar até ali, primeiro tem que fazer a paz com ele e ao seu redor. Do ponto de vista do Espírito, é melhor perder dinheiro do que ganhar um processo e é melhor perder as amizades do que fazer alguém sofrer. Estar em paz também com os acontecimentos, que importância tem se são nefastos, se nos libertam? Que importa se são bons, se nenhuma alegria permanece? Somos reconhecidos por tudo o que chega. Façam as pazes consigo mesmos. Acalma vossas inquietudes, obedece a vossa consciência para que o remorso não vos corroa; se puder lute sem perder a calma, com um coração magnânimo e uma confiança tranquila. Na realidade, esta pacificação prévia pede, para ser perfeita, um esforço imenso; esta luta contra os instintos mais profundos de nossa natureza supera em intensidade e duração todos os outros trabalhos. Para triunfar é preciso rasgar todas as nossas ataduras egoístas, ter o coração livre, ou seja, amar as criaturas só em Deus; ter uma inteligência nua, disposta a receber tudo e esquecer tudo.

Aquele que reza seria e profundamente é como um soldado no calor de uma batalha, como um nadador que se debate entre as algas traidoras. A inteligência pode desvanecer-se, o corpo pode falhar de terror ou fadiga; nada pode perturbá-lo; o centro do espírito fica ancorado no Céu; com esta ancoragem, nada irremediável se produzirá.

Conduzir-se bem, viver na paz, estar agradecido, estes são os três hábitos que dispõem as forças interiores para orar.

Para levantar estas forças em um feixe, estirar o arco místico e tocar o Céu com as flechas do desejo é necessário estar atento, ser humilde, confiante, perseverante.

A falta de atenção é uma falta de fervor. Estar atento é querer e é impossível querer sem amar. Na verdade o Amor é a chave de todas as portas.

Para lutar contra a distração, ora em voz alta. Se vosso coração está seco, reza meditando, ou seja, refletindo com vossa razão lógica sobre cada palavra pronunciada, pensando sobre ela, examinando-a.

Quando se ora, muitas criaturas visíveis e invisíveis nos observam, nos escutam e se apresentam à porta deste templo que é nosso coração; muitos não percebem a Deus senão pela imagem que este coração contém. Para estes irmãos retardatários é útil que as palavras sejam ditas em voz alta, dando assim um corpo terrestre para nossa oração.

Apesar deste conselho de orar em voz alta, não creiam que as repercussões da voz servem de grande coisa. Os mantras iogues, certos sufis, concedem importância a esta acústica oculta, mas o discípulo de Cristo não tem que fazer isso. Esta ciência, além do mais, constituída para uma certa época e para certos países, não é exata para todos. Os velhos rabinos ensinavam que uma oração dita com uns gritos de angústia e lágrimas derrubam as portas dos palácios superiores. Existe verdade nisso, mas é o sentimento o que lhe dá esta força e não o vozerio. É a sinceridade o que torna a oração válida.

No curso da jornada é possível tomar algumas precauções eficazes para desenvolver o poder da atenção. Abster-se de palavras inúteis, deixar de lado o sonho e sobretudo corrigir os defeitos. Tornar-se santo: estas duas palavras contém o segredo de todos os desenvolvimentos morais, espirituais e intelectuais inclusive, mas, temo que a receita seja demasiadamente simples, o misterioso nos atrai muito!

É suficiente descartar as distrações com a maior calma, sem cansar-se; se passarem três horas antes de se poder dizer o Pai Nosso convenientemente, foram três horas excelentemente empregadas; nenhum esforço se perde. A oração pode ser penosa, sem gosto, cansativa; assim terá mais mérito.

*

A humildade é a quinta condição.

Ser humilde é se julgar o último dos homens, o menos digno e o de menos mérito. É encontrar justas as calúnias, as injúrias, os ataques mais injustos; é recebe-los com alegria, não evita-los, colocar-se a frente deles. Isto vai além da opinião comum. Este rebaixar-se é de uma dificuldade sobre humana; não se pode descer rápido e sozinho ao longo destas encostas; é preciso o braço de um anjo ou a perseguição de um demônio; ademais, anjo e demônio nunca chegam um sem o outro. Permanece então sem temor. Quando se prova do licor agridoce da humilhação, tal mudança se opera nos princípios de nosso ser, é quando amamos o perseguidor, dando-lhe as graças, pedindo que as bênçãos dos Céus descendam sobre sua cabeça; sabemos com certeza que é nosso benfeitor. É então quando nossa oração sobe até o trono de Deus.

Ainda que tudo isso possa parecer descabido, lembremos quão incapazes e débeis podemos ser. Nosso orgulho é verdadeiramente ilógico; a força segundo o EU é debilidade segundo o Espírito. A última palavra de nosso magnífico livre arbítrio é a palavra da Virgem: “Faça em mim segundo a Vossa vontade”. A partir do instante em que este abandono é consentido, algo desconhecido, oculto e muito forte se levanta em nós. Esta energia mistério é a fé ou ao menos, sua crisálida. A confiança em Deus é necessária quando oramos. Se sabeis o que é a fé, nada vos parecerá difícil. Quando Jesus afirma que a fé pode remover montanhas, Ele não fala metaforicamente, anuncia um fato físico. Quando Felipi Neri, creio, ordena a um pedreiro que caia da torre que se detenha e este homem fica suspenso na metade do caminho; quando o cura de Ars envia à direção de seu orfanato para visitar o celeiro vazio e o encontra cheio de sacos de trigo, é porque estes santos possuíam a fé “grande como um grão de mostarda”. Eles não chamaram os espíritos, nem pronunciaram mantras, senão que pediram ao Pai e o Pai lhes enviou Seus anjos.

Assim, a fé é uma força divina em nós, sobrenatural, que cria onde não há nada e que encontra ali, onde nada há sido criado. Esta completa e magnífica definição é de Jacob Boehme, o sapateiro. Como estamos certos de que Deus nos permitirá recebe-la? Como é que a irresolução, a timidez, o temor ou o ceticismo não impedem que todos os dias milhares de homens enfrentem os empreendimentos temporais tão fáceis em relação aos esforços do combate espiritual?

A dúvida é uma das grandes armas do diabo. Se a fé representa a realização atual de uma das virtudes da eternidade, a dúvida é a ilusão mental de uma das aparências do tempo. Quando nos perturbamos diante de um obstáculo, se prepara uma queda certa; mas se o encaramos com resolução, se desvanece. Um cético nunca chega à nada, a menos que não tenha fé no seu asceticismo. O que não fará o homem que crê em Deus com todas as suas forças, quando outros que creem em outro homem, em uma mulher, em uma ideia, são capazes de realizarem gestos heroicos? É difícil ter fé? Questionam alguns. Não, só lhes parece impossível porque vocês próprios se trancam em um calabouço onde gemem. Queiram ter fé e a terão num instante. Descartem a hesitação e atuem como se tivessem fé, descartem o orgulho e verão que a dúvida não é outra coisa que uma miragem que intercepta as comunicações divinas. Então a fé não será como a de super-homens, o veneno mais mortal de da alma, senão pelo contrário, seu tônico mais poderoso.

Não é suficiente crer no poder de Deus, é preciso não duvidar do que Ele nos comunica. Se um homem se purifica, o Céu lhe dá o direito de pedir, ou melhor, lhe impõe o dever de fazê-lo. Oremos desde agora, orando suscitamos a alegria dos céus.

Ademais, não estamos sós. Nosso Amigo está ali. Ele ora conosco. Ele está no desejo da petição, no mensageiro e na resposta. Sua persona inteira não é mais do que uma extensa sinfonia de petições. Quando em outros tempos Ele abençoou esta terra com sua doce presença, Suas palavras, Seus pensamentos, Suas ações foram orações irresistíveis. Cada célula de Seu corpo, cada lampejo de luz de Seu ser interno foram uma oração viva. O que ora em nós, compreendam, é Seu espírito; nosso suspiro só tem virtude se estivermos previamente incorporados à Ele pelo hábito de nossos sentimentos, pensamentos e atos, tudo oferecido ao Seu serviço.

A confiança que peço para cada um criar em si, indispensável no exercício do sacerdócio místico, não é a fé intelectual, é a fé viva; a que afronta cada dia o impossível na vida prática, a que permanece serena nas piores catástrofes, a que enfrenta a morte sem pestanejar e a que ante os mais negros demônios não desacelera sua marcha. Esta fé, que os grandes homens possuem, e que vos convido encarecidamente para criar, está mais próxima na atualidade do que esteve na Idade Média, está latente, basta um esforço e ela se acende. Façam este esforço na primeira oportunidade.

Não acredito que o gênio seja o resultado de uma longa paciência, mas, seguramente, uma perseverança invencível força o gênio a descender sobre nós. Para isso, é necessário desejar consegui-lo como o homem que se afoga buscando o ar; nenhum desengano deve provocar outro movimento senão a renovação da coragem. Aquele que quer se passar por Mestre nesta arte divina que se prepare para as maiores misérias interiores, pouco a pouco, tudo o que houver em si de energias personalizadas se tornarão demônios raivosos, não haverá nenhum curva de seu espírito no qual não arda como um fogo devorador. Que este homem persevere, pois começar a abandonar é um suicídio mais mortal que o corpo. A dor não tem mais importância do que aquela que lhe damos. Quarenta anos de trabalho nos parece sem fim, mas apenas serão três dias no reino dos mortos. Esta longa existência nos parecerá então, muito curta.

O homem interior é parecido a um jardim coberto de folhas mortas, dispersas pelo vento de outono, a cada minuto. O jardineiro varre sem cessar e passa o rastelo quando quer os caminhos limpos para que o Senhor possa passear, é preciso fazê-lo o dia todo. Inclusive devemos incansavelmente voltar a colocar em ordem nossas distrações, nossas lembranças, nossas cobiças que levante em turbilhões o vento caprichoso de nossa natureza pessoal. Este é o tipo de perseverança que devemos ter.

*

Estes preparativos, externos e internos, tem como base o arrependimento. Trabalham profundamente a terra espiritual interior, põe em desenvolvimento o coração, tornando-o faminto; em resposta aos gemidos de angústia que lhe arranca, o Verbo lhe dá o pão e a água da vida eterna. Uma oração assim é eficaz. Como o orvalho da manhã, revive tudo; detém as catástrofes, as doenças, as desgraças ou, pelo menos, as modifica. Constrói em nós uma estância no Pai; é milagrosa contra a tristeza, pois nos obriga à humildade; é a doadora de todas as Luzes; nos defende, nos harmoniza e nos detém. Tudo muda ao nosso redor, santifica nossas vestimentas, alimentos, móveis, os muros da casa, o cansaço do corpo, todos os nossos atos. Renova a benevolência, pode tornar o ímpio, religioso; o colérico, doce; o insensível, benéfico; o desesperado, valente; o doente, curado; o morto, ressuscitado.

As árvores e as flores pelas quais passamos orando, o solo onde se caminha, a colina e o monte ao qual olhamos, o cão que nos segue, o caminhante que se cruza, todos recebem algo. Nossos

ancestrais, cujas almas repousam no lar, nossos futuros filhos, cujos espíritos descendem sobre a casa na qual nascerão, os gigantes que às vezes nos atormentam, os bons que nos ajudam, os maus que nos extraviam, todos se beneficiam de nossa oração. Mais ainda, esta oração que faz brotar o centro da vida em nós, dirigida ao Mestre da Vida, é um ser vivo. Esta casa, este mármore, esta pedra onde alguém ora hoje, conserva esta luz em sua memória e esta memória é mais fiel do que a nossa. Em dez anos, em dez séculos inclusive os homens que passem por este lugar, mesmo sem saber, poderão sentir alguma emoção inexplicável e salutar.

Mas, é preciso terminar. Temos mostrado todos os sinais distintivos da oração. Temo que minhas palavras tenham sido muito pobres; gostaria de ter podido inflamar seus corações com este Fogo vivo que se produz nos Amigos de Deus de século em século e do resplendor com o qual meus olhos ficam deslumbrados. Ao menos, supram as lacunas de meu discurso com teus próprios ímpetos e encontrem vocês mesmos e em si mesmos a inefável Presença pela qual quis que ficassem atentos.

AS CURAS DE CRISTO

**“Ajuntava-se muita gente para ouvi-Lo e serem curadas... Ele, porém, se retirava para os desertos e ali orava”
(Lc5,15-16)**

Quando o Céu nos outorga o insigne fervor de conhecer um de Seus soldados, nosso mais ardente desejo é que nos faça ver as provas de sua missão. No entanto, a prova mais convincente e a mais comovedora não seria o alívio dos sofrimentos? Os Amigos de Deus dispõem de Sua misericórdia. Por sua petição, uma catástrofe pode ser suspensa, uma epidemia contida, uma quebra evitada, uma doença detida. Falaremos hoje unicamente deste último poder, interessa muito e permite uma análise mais completa das forças ocultas da Via.

Primeiramente, o que é a doença? O que é a cura? As respostas variam segundo os aspectos sob os quais se consideram o homem e a natureza: ponto de vista físico-químico, ponto de vista dos fluídos, dos espíritos, das ideias e assim sucessivamente, tanto quanto a erudição o permita.

Toda doença é uma ruptura na harmonia das relações que unem o indivíduo e seu meio; a cura é o restabelecimento desta harmonia. O agente de cura atua sobre a parte humana que lhe é semelhante: o medicamento sobre o corpo, o magnetismo sobre os fluidos, a sugestão sobre o mental, etc. Existe três grandes tipos de terapias: a materialista, a ocultista e a mística, segundo se acredite no físico, no astral ou no espírito puro.

Por meio da lembrança de vossos estudos especiais, será fácil escolher os procedimentos do médico comum, do magnetizador, do médium curador, do mentalista, do teurgo, posto que a doença pode entrar em nós por uma corrupção fisiológico ou etérica, astral ou mental ou moral. Notemos que, por onde ela se introduz, vai se estendendo por proximidade, sobretudo do alto para baixo, do centro de nosso ser até o exterior, dos organismos mais sutis aos mais grosseiros.

O Cristo não dava medicamentos. Ainda que impunha as mãos, Ele não magnetizava, anotemos isso. Todo gesto libera eletricidade, magnetismo, eu sei, mas não magnetismo curativo. Jesus não emitia voluntariamente Suas forças fluídicas e mentais, ainda que tenham sido grandes o bastante para produzir quase todos os Seus milagres. Ele não era um médium no sentido espírita do termo; nenhum espírito Lhe arrastou jamais. Ele não teve necessidade de ritos mágicos, tudo o que se disse sobre Seus estudos em diversas escolas iniciáticas da Judeia, Egito, Índia ou Céltica é falso.

As curas e todos os outros milagres Ele fez por ordens, não por penosos esforços de vontade, sustentados por práticas de concentração; nada fez por deslocamentos passageiros de energia ou emissões extraordinárias de força espiritual usurpadora. Mas tudo fez por ordens legítimas, tranquilas, medidas, normais, como as ordens que um rei dá a seus súditos. Pois, Cristo é o Mestre desta terra e o Senhor Universal.

*

A doença não é um castigo: o Pai não castiga ninguém; a doença é a consequência lógica e fatal de atos anteriores. O atavismo, o herdado, o contágio, o acidente não são as causas das doenças, mas os meios empregados pela Natureza para nos fazer passar pelos contragolpes de nossa extravagância. Uma criança não contrai tuberculose porque seus pais são alcólatras, senão que nasce numa família de alcólatras por merecer sofrer de tuberculose. Um carro não nos atropela de surpresa ou por negligência, o acidente ocorre porque a ferida que nos provoca é justa e útil na liberação de nosso espírito.

Que isto não sirva para autorizar a embriagues na casa dos pais, nem o excesso de velocidade dos condutores; temos o dever de diminuir, por todos os meios, os sofrimentos que nos rodeiam. Devemos nos conduzir como auxiliares da Misericórdia e não como agentes da Justiça.

A causa de todo sofrimento é uma infração da lei do mundo; se alguma criatura jamais quis tomar além de sua parte no festim da vida, não haverá conflito, nem restituições. A causa primeira da doença é portanto o pecado.

Todo ato engendra, no plano central do universo, um espírito vivo; leva fatalmente ao seu redor o bem e o mal do que foi sua manifestação. Assim, um avarento que recebeu o pobre a golpes de bastão, pagará em seu coração colérico, em sua malvada inteligência e também no braço usado para dar o golpe. Sim, como acreditam muitos espiritualistas, em uma encarnação próxima este homem nasce com uma mão inerte, um terapeuta poderá até energizá-la; ele não espera a causa moral, levantará um muro entre esta causa e seu efeito, provocando assim novas desordens interiores e expulsando o mal de seu justo lugar para enviá-lo a outra parte, onde será intempestivo.

Os feiticeiros cometem esta falta frequentemente, vinculando a doença de um homem a uma árvore ou animal, que a sofrem completamente como se um de nós recebesse a doença de um deus.

Só aquele que pode perceber o gênio da doença e o esquema de sua origem é capaz de modificar seu desenvolvimento ou sua influência e realmente curar pela purificação das manchas primitivas, que são os pecados. É preciso um homem que tenha recebido de Cristo livre acesso à fonte da vida eterna.

É difícil explicar-vos com detalhe o caminho pelo qual um vício moral se torna uma corrupção fisiológica. O Céu só quer que se busquem as causas profundas das doenças; sabendo que tal deficiência é as vezes produzidas por tal crime, generalizaríamos os casos particulares, julgaríamos sem piedade todo mundo e assim, nos condenaríamos a trabalhos infinitos.

De maneira geral, eis aqui o que se pode dizer. Uma tendência moral gera sempre uma ação como resultado; no curso desta descida, passa do coração ao intelecto, do intelecto ao cérebro, depois aos nervos, aos músculos, as células de todo tipo que vão coincidir na ação. Todas estas pequenas energias vivas, das mais sutis às mais materiais, serão viciadas pela intenção que as coloca em marcha, se é perversa. Elas se colocarão ali, mudando o curso normal das coisas, pois a Lei é a caridade e toda falta é sempre uma violação de uma espécie particular de caridade.

Estas pequenas energias vão quase sempre contra a ordem; quanto mais se debilitam, mais se tornam vulneráveis às forças de desagregação, da luta, do fracionamento. Então, chega um dia em que não desejam mais e não podem cumprir sua função normal; neste dia a doença começa.

Examinemos o caso de um ser no curso de evolução, um de nós. Seu corpo contém os germes de todas as doenças, pois seu coração contém os germes de todos os vícios. Os primeiros, no material, são os micróbios. Só se desenvolvem se entram em contato com germes análogos; igualmente, no invisível, o germen mórbido espiritual tem necessidade do clichê da doença para entrar em atividade; também no moral, o mal latente tem necessidade de contatos com a vida para se tornar um vício.

É suficiente que a vontade duvide para sucumbir à tentação, que o espírito do estômago, por exemplo, tenha medo para que se instale o câncer, que a célula seja fraca para que os bacilos a invadam. A fé é aqui, portanto, a espada de todas as vitórias e o escudo de todas as resistências. Nas epidemias, observem como os salvadores com coragem saem quase sempre sem danos. A confiança em si é certamente uma defesa poderosa, mas a verdadeira confiança em Deus nos torna inatacáveis.

O que é o clichê da doença? Consideremos somente, para simplificar, o que ocorre em nosso planeta. Todos os acontecimentos existem primeiramente no invisível, na alma da terra, antes de ocorrer no corpo; como uma casa existe primeiro no cérebro do arquiteto; estes quadros vivos, onde figuram os modelos espirituais de todos os seres e de todos os objetos que se realizarão mais tarde, segue trajetórias, ou melhor, caminhos fixados por antecipação desde o começo do mundo.

Assim, há 25.000 anos aproximadamente, uma parte do território dolorosamente célebre foi o teatro de atrocidades semelhantes a que acabam de cometer; há certa relação entre os homens que se degolam recentemente e os que se massacraram em outros tempos.

A existência de cada indivíduo está calculada por certos deuses, encarregados deste ofício, para que sua curva cruze em alguns pontos concordantes com as curvas de determinados clichês. Estas intersecções constituem os acontecimentos da existência terrestre, materiais ou morais. O homem só pode mudar sua rota alguns passos; por ser covarde normalmente busca um meio de evitar as provas, se apressa em dar um rodeio. É por isso que não sabemos nada de nosso futuro; se o conhecêssemos, não trabalharíamos mais, não progrediríamos.

A própria doença: febre, tumor, reumatismo, qualquer que seja é, neste mundo dos clichês, uma criatura viva, que evolui, trabalha e merece ou desmerece. A vida física do homem, do animal, da planta, da própria pedra é seu alimento. Ela toma seu alimento de nós, depois parte. Ao ir embora se produz a cura ou a morte.

As diversas terapias fazem somente duas coisas com a doença: alcança-la um pouco mais rápido ou impedir que venha. No primeiro caso se lança antes do tempo sobre outro ser, o que é uma injustiça; no segundo caso, só se consegue aumentar sua fome e torna-la colérica, e quando cair a barricada da medicina preventiva, o homem sofrerá muito mais.

Então quer dizer que não podemos nos curar? Sim, temos o dever estrito de buscar a cura, mas sempre dizendo: “Que seja feita a vontade de Deus, não a minha”. Que seja de tal forma que os justos direitos de todos sejam respeitados e um auxílio providencial se faça possível.

Compreendam bem isso: o medicamento, o magnetismo, os espíritos, as liturgias, as peregrinações, as relíquias, nada cura radicalmente. É preciso que a causa cesse para que o efeito se detenha. Apagar o pecado é o único remédio definitivo.

Por fim, lembrem-se que, desde a vinda de Cristo, é impossível alocar leis exatas aos fenômenos, pois uma intervenção especial e direta de Sua parte sempre pode acontecer. Quando a propósito do cego de nascimento, Ele responde aos que lhe perguntam que não está cego nem por suas faltas, nem pelas faltas de seus pais, senão para manifestar as obras de Deus, Ele nos faz compreender que às vezes se sofre por outra expiação que não é por nossas faltas, atuais ou anteriores, nem pelas faltas do outro. Toda regra tem exceções e as coisas mais simples tem, quase sempre, motivos desconhecidos e incognoscíveis. Por isso é prudente não julgar ninguém. Pronto encontraremos outros motivos para esta reserva.

A sabedoria definitiva reside em uma aceitação livre e alegre das provas. Quando sabemos que o Pai nos ama, amamos os sofrimentos, compreendemos que as doenças lentas, onde a morte vem pouco a pouco, são favores; nos levam à verdadeira humildade, fomentam a chama do arrependimento e o fogo da oração; nossa sorte é o Mais Além, nossa vida futura podem ser consideravelmente melhoradas.

Antes de encerrar estas considerações gerais, gostaria de fazer um parêntese e falar algumas palavras sobre a cirurgia.

O cirurgião é fatalmente provocador de um sofrimento fora do paciente. O membro ou o órgão subtraído se vem – no espiritual – colocados à parte nos armazéns da Natureza onde se fabricam as formas físicas dos seres. Permanecem ali, amontoados, inertes, inativos, até que Sua forma material tenha sido reativada inteiramente pela terra. A hora, quando o espírito destes órgãos operados voltem a ser postos em circulação, não coincide com a do corpo ao qual estamos unidos, recomeçando uma nova vida. Ocorre uma ruptura, duas evoluções, da parte e do todo e não concordam mais. Mais tarde isso provoca desequilíbrios, atrofias e às vezes transtornos mais graves.

Assim, o cirurgião é colocado em uma alternativa na qual os dois termos são igualmente delicados, pois está obrigado, em consequência, a fazer todo o possível para curar o doente e só pode aliviar-lhe atualmente, causando um mal no futuro. Mas se ele reconhece sua impotência, pode pedir ao Céu que interrompa todas estas complicações; em resumo, é apenas o cobrador involuntário de certas dívidas.

Duas observações para fechar estes parênteses. É melhor não conservar os órgãos ou os membros operados, senão devolvê-los à terra; é ali onde o espírito vivo de suas células sofrerá menos.

A anestesia é necessária quando a dor supera o limite de resistência nervosa, mas se é empregada para evitar sofrimento suportáveis, se torna enganação: estes sofrimentos se capitalizam, pode-se dizer, para o momento em que a influência anestésica se apague. Tal é a causa, entre outras, das torturas verdadeiramente infernais da desintoxicação.

O Cristo curava por uma simples ordem todas as doenças, qualquer que fora sua origem, instantaneamente, à distância, tocando o doente ou deixando tocar Suas vestes.

Ele pedia aos enfermos, às enfermidades, aos órgãos e aos demônios porque, aos Seus olhos, tudo é vivo, tudo é um espírito individual. Ele era um sol de forças resplandecentes, energias sobrenaturais que Ele trazia do Reino de Seu pai. Impor as mãos não era para Ele mais do que um sinal, como quando fazemos um gesto dizendo: sim ou não. Pronunciar uma ordem não era diferente, porque tudo Nele era simultâneo, de cima de Seu ser até seu corpo. Esta unidade total, plena, admirável é própria de Cristo; ninguém a possui no mesmo grau.

Na medida que o homem é um, é poderoso. Ser um é fazer com que tudo em nós esteja de acordo, concorde: que o corpo não queira uma coisa e o mental outra; que os músculos, os ossos, os nervos estejam de acordo; que a memória, o juízo, a intuição tenham o mesmo objetivo; que tudo em nós ame o que o coração ama e que, por sua vez, o coração não ame senão o que Deus ama. Então o homem recobra a majestade perdida de sua estatura, se engrandece, os seres ao seu redor lhe reconhecem como a seu chefe e começam a obedecer sem resistência. Jesus possuía a perfeição deste estado; uno com o Pai, uno Nele mesmo, uno com Ele mesmo, uno por Sua compaixão com todos os seres; esta homogeneidade indestrutível dominava todos os antagonismos exteriores e todos os fermentos do sofrimento e a enfermidade.

Às vezes quando um órgão não existe, Ele o cria instantaneamente. Vi fazer algo parecido, em minha juventude: crescer um braço em três dias em um homem nascido defeituoso. Em recompensa, o curador foi condenado, algum tempo depois, por exercício ilegal da medicina.

Quase sempre, Jesus pede a fé do doente, a fé Nele mesmo, ser único e sobrenatural. Quando nossos médicos falam da fé que cura, se referem a simples sugestões, a sugestão, no entanto, não cura. A fé na onipotência do Verbo é a flecha necessária que, no espírito do doente, abre o caminho para o perdão dos pecados. Tal fé comporta arrependimento e o arrependimento acende o desejo de ser purificado.

Um só olhar Lhe basta para conhecer à fundo a pobre criatura que tem diante de Si. A miséria desta súplica, sua dor silenciosa Lhe comove; Ele ofereceu, em Seu magnífico coração, a hospitalidade a todos os sentimentos humanos. Ele não se contenta com uma compaixão sorridente, serena e distante, Ele tem sofrido com Seus amigos os homens, juntos tem chorado, tem se exaltado, tem se desesperado. Ele tem ido ao fundo da dor das mães, dos esposos e dos amigos. Para fazer voltar aos jovens, seres que estão mais além das portas, Lhe basta chama-los, mas com Seu amigo Lázaro, Ele se estremeceu, chorou e gritou.

Que engenhosa é a Sua ternura e como sua natureza humana carrega realmente todos os fardos.

Para que esta cura perfeita ocorra é preciso o perdão dos pecados, portanto: que o doente aceite pagar sua dívida de outra forma e se comprometa ou que alguém pague por ele. Jesus pagou por toda a multidão que em outros tempos estava ao Seu redor e paga agora pelas multidões, ainda mais numerosas, que não O conhecem e dele se esquecem.

Por mais miserável que seja nosso amor por Jesus, não nos comove o Seu amor até o fundo? Não tentamos buscar um alívio para Seus divinos ombros feridos?

*

Aliviar a Deus! Palavras de orgulho insensato? Não, são palavras de amor verdadeiro, deste amor para o qual o impossível não existe. Não podemos repetir o que Jesus fez, mas podemos nos tornar discípulos menos indignos e menos mornos.

O que podemos fazer pelos enfermos?

No dia do juízo, haverá muitos homens classificados pelo mundo como discípulos de Cristo, dos quais escutaremos Ele dizer: “Não os conheço”. Os milagres, a doutrina sublime, podem coexistir com o orgulho e proceder de luzes invertidas. Estejamos prevenidos, porque os príncipes do Inferno farão maravilhas maiores que as do Evangelho. Muitas serão benéficas, só o verdadeiro discípulo é humilde e se estima em nada. Tal é a primeira condição.

A segunda é ter recebido de Cristo ou de um Amigo autêntico o poder de curar. Esta transmissão deve ser feita sobre o plano físico, de boca a ouvido; permita-me não ser mais explícito. Este dom é sempre gratuito e seu incremento subordinado à boa conduta de quem o recebe. Mas não se deve impedir a ninguém curar em nome de Cristo; cada um é responsável por seus atos, é necessário respeitar o livre arbítrio dos outros.

Qualquer um que tente amar o próximo como a si mesmo é discípulo de Cristo. Realizando totalmente esta Lei, o Cristo criou uma força especial, um novo magnetismo, que inclusive agora os investigadores mais engenhosos ignoram; Ele a transmite a Seus amigos e por este fluído se opera a realização de suas demandas. Esta força inatingível une a todos os que amam a seu próximo como a si mesmo e constitui seu privilégio.

O êxito de uma cura não depende nem de um diploma, nem de uma superstição, senão da devoção, da compaixão verdadeira, do fervor íntimo. Mais que toda ciência, mais que todo segredo, o recurso humilde e sincero à Virtude suprema, à Caridade infinita é o elixir milagroso; mas não se comunica, é necessário que cada um o encontre por si mesmo. Isto não é a teurgia dos antigos mistérios, a colaboração com os deuses, é a teurgia verdadeira, a colaboração com Deus.

Para exercê-la é necessário uma via dupla: não entrando no plano invisível de um coletivo religioso, que um rito batismal confere, mas em uma união efetiva entre o coração do discípulo e este lugar central do universo espiritual, este coração do mundo, onde batem as marés da vida cósmica, este lugar próprio do Verbo. Ali preside, em pessoa, Jesus, nosso Curador.

Quando o discípulo se esmera em realizar a vontade do Pai, seu espírito se fixa neste Reino, que é o Céu. Ali ele vive, respira, pensa, ama e trabalha, de tal maneira que se, por exemplo, oferece um copo de água ou compõe um remédio, esta água ou esta substância estarão saturadas da força divina viva que Jesus criou e que irradia deste lugar.

O teurgo vive na unidade. O alívio que ele procura para uma pessoa febril se estende, se assim o deseja, a muitos outros com febre; se cura um paralítico, pode atuar sobre o gênio coletivo da paralisia e melhorar a todos os paralíticos. Assim, no princípio do século, um Amigo de Deus modificou no invisível uma das mais terríveis doenças e, depois, os médicos descobriram pouco a pouco os meios de curá-la completamente. O mesmo ocorrerá dentro de algum tempo para a tuberculose e também para o câncer. O teurgo atua até mesmo sobre a vida futura do doente e indica, com todo conhecimento de causa, como diminuir uma prova ou muda-la.

Tais homens são extremamente raros, apenas se encontra um por século. Pode ocorrer, no entanto, se os próximos anos são terríveis, que apareçam vários. Mas nós, homens comuns, que queremos ajudar aos demais, o que podemos fazer? É preciso primeiramente provar os recursos da ciência, é preciso provar pelo menos todos os remédios permitidos. Temos o direito de utilizar toda substância mineral, vegetal ou animal, mas atenção, não devemos capturar o espírito.

É melhor morrer ou deixar morrer a um ser querido, do que conservar a vida por um procedimento ilícito. Sob nenhum pretexto atar os espíritos das árvores, dos animais ou dos homens; não fazer transplantes paracélsicos, nunca assinar pactos com os espíritos, inclusive se parecem bons; não invocar espíritos. Uma grande parte dos loucos foram maníacos do espiritismo e da magia. A psiquiatria é uma ilusão; toda sugestão é radicalmente má. Se vosso filho é guloso, como poderá corrigi-lo privando-o de alimentos? O benefício imediato que estes procedimentos oferecem seriam o início de dores futuras bem amargas. O Céu não quer que se atente contra a liberdade de ninguém. Trate de curar a vós mesmos ou a vossos vizinhos porque é vosso dever, porque vosso corpo é um instrumento de trabalho que precisa ser mantido em bom estado. Mas sejam resignados diante do sofrimento e da morte e estejam satisfeitos se vem no lugar da saúde.

Quando a oração fracassa é porque não está justificada: por exemplo, se o doente pode suportar a doença e não suportaria uma prova equivalente em sua fortuna ou afetos ou se a intenção do que reza não é pura, se em sua petição entra algum interesse pessoal ou se não tem ajudado o suficiente.

A intensão pura é uma fé que só conhece à Deus; jamais peça nada a nenhum intermediário invisível, isto seria um mal cálculo. Temos visto isso quando falamos da oração.

O jejum é restringir com moderação o alimento do corpo, mas, sobretudo, é restringir com rigor o alimento do *EU*. Aprenda a se privar em benefício de alguém que sofre, mas tenha cuidado para não querer forçar um milagre; vigia sempre escrupulosamente o Eu, evitando tomar o mau de outro; vela em espírito.

Temos dito que não temos o direito de carregar sobre o corpo o mal de outro, pois nosso corpo não é mais do que um empréstimo. Se Deus quer escutar a nossa petição, Ele é bastante rico para curar por Seus próprios meios todos os males do universo. Dando-Lhe, pelo jejum moral, a prova de nossa boa intenção, certamente Ele atenderá as nossas súplicas.

Muitas vezes, contemplativos, laicos ou religiosos arrastam uma existência de enfermidades sem fim. A Igreja ensina que é a substituição. Pode ser, mas com mais frequência se trata de almas muito valentes que quiseram se desfazer da maior parte de sua dívida com um golpe só.

Um motivo a mais para não julgarem os desgraçados.

Esta abstenção é a melhor das profilaxias. Não criticar os doentes, não desprezá-los, não menosprezá-los, não impacientar-se com eles: eis aqui a higiene preventiva mais segura, porque é espiritual. Dizemos que por terrível que seja o mal do vizinho, nós o merecemos provavelmente em justiça e pode ser que um dia passaremos por este sofrimento.

Sendo sua oração atendida, começa então o mais difícil. Não é para se tornar vaidoso. Imita a Cristo: cale-se e peça descrição aos demais. O Céu saberá fazer conhecer o milagre se julgar adequado. Ademais, tantos seres esperam os lampejos da Luz e, no entanto, está escrito: “Não joguem pérolas aos porcos”.

Seguidamente, não separe vossos doentes de sua religião, evita o escândalo. Aprenda a agradecer ao Céu. Nunca é o bastante; não sabemos, não queremos render contas, mas o Pai nos ama; Ele se alegra quando uma alegria chega até nós, sorri quando nos dá algo. Ele ama nossas torpes ações de graça, nossas pequenas felicidades Lhe comovem. Vós que sois apenas homens, não lhes agradam quando trazem um brinquedo para vossos filhos, sacar de vosso bolso uma surpresa inesperada, para que sua felicidade seja mais completa? Vocês só possuem esta bondade porque o Pai a possui primeiro, infinitamente. Ele a usa da mesma maneira com nós. Agradeçamos à Ele por isso e ensinamos a nossos amigos a agradecer-Lo.

Esta é a primeira aurora desta alegria especial da qual nos fala o discípulo bem amado. Ela se eleva depois, quando se aprendeu com a menor ajuda oferecida pelo amor de Jesus, é por Jesus mesmo recebida. É seguro que podemos aliviar o martírio infinito de nosso Amigo eterno, é um fato verificável. Que a grandeza desta tarefa nos apaixone e nos torne fáceis os mais ingratos trabalhos!

AS TENTAÇÕES DE CRISTO

**“Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto,
para ser tentado pelo diabo”**

Posto que concordamos com a designação de místico ao discípulo do Evangelho, o Cristo deve ser o único objeto de nosso estudo. Suas curas formam a obra capital de sua vida exterior. Hoje quero falar sobre Suas tentações, o trabalho essencial de Sua vida interior.

Pode ser que as coisas que vou falar apareçam entre os católicos, protestantes, esoteristas, israelitas e ortodoxos, sejam defensores ou hereges. Não é minha intenção atacar nada. Não quero arrastar ninguém para uma via particular. Diante de vocês esqueço tudo o que já preendi; não digo nada além do que percebo no instante pela Luz delgada do Verbo segundo aquilo que me concede compreender. E o que desejo de vós é que estando situados nas condições morais convenientes, só aceitem minhas afirmações depois de tê-las contrastado.

Por que as tentações de Cristo são a chave de Sua vida interior? Porque O Verbo se revestiu de natureza humana para dar um exemplo universal e perfeito. Sua missão essencial não era sofrer; o sofrimento é somente um efeito de Seus trabalhos. Ao olhar Jesus, todo homem, em todos os tempos, em todas as situações materiais e morais, encontra seu modelo; Jesus é o Homem primitivo no frescor da inocência, o Homem final no esplendor do conhecimento, o Homem eterno na união imutável com o Pai. Todas as dificuldades, todas as angústias do coração, todas as inquietudes materiais, Ele sofreu, ou melhor, Ele as chamou deliberadamente para Si. No centro de todas estas coisas depositou uma semente de Luz; acolhendo a todos os seres modificou-os de tal maneira que nós, logo nos beneficiamos destes inumeráveis favores.

Seja que esta gota de pureza celeste e de doçura propícia depositada há 20 séculos na alma dos ministros do Destino suavize a justiça implacável; seja que, se cedemos aos convites do Inferior, estes mesmos ministros nos perdoem porque em outros tempos o Senhor das criaturas consentiu ao parecer escutar estas propostas indecentes; todos que enfrentam as desesperanças devastadoras ou os pecados inofensivos podem, pela fé, aferrar-se à luz que o sofrimento do Cordeiro fez brilhar, quando estas mesmas tentações e estes mesmos estragos entraram no recinto imenso de Sua persona humana.

As dores do Cristo começaram com a primeira palavra caída da boca do Criador; permanecerão até que a última onda da última palavra criadora se perca nas praias imprecisas do Nada. Ele sente a ferida de cada uma de nossas desobediências; cada suplício que as Trevas infringem a Seus amigos Lhe alcança; cada ódio, cada blasfêmia, cada esquecimento do Céu é um golpe em Seu corpo cósmico. O Calvário foi a própria cristalização terrestre local do martírio permanente ao qual Se oferece o Filho do Homem no lugar espiritual onde desembocam todos os atos das criaturas. Cada golpe mortal Lhe ressuscita para outra agonia, cada martírio exalta o triunfo de seu amor, cada gota de Sua vida tão preciosa é a saudação de um ser; uma nova estrela se acende no firmamento dos espíritos com cada lágrima que a angústia de nossa felicidade final arranca a Seus olhos divinos. Tal é o esplendor do imenso e incompreensível Amor que Ele nos tem.

Tentação quer dizer prova. Uma carga é a prova dos músculos que a levantam. Só se pode ter certeza de possuir uma virtude se houve luta contra o vício que lhe opõe. O Redentor, enquanto Deus está acima das tentações, pois é por causa dele que existem. Enquanto homem, Ele lhes dá acesso em Si para melhorá-las, modificar sua marcha posterior e logo deixar a seus irmãos aprendizes, confiando-se à Ele uma probabilidade maior de vitória, por causa de Sua vitória. A tentação não é somente um fenômeno psicológico, é também um processo biológico. Se o tentador vem me atacar, seja que eu mesmo tenha buscado, em corpo ou em espírito, o contato, a conversa ou interlocução, fazem uso de algumas células, pois toda sensação é um contato. Os maus desejos podem se levantar em mim, desde minhas entranhas, pelo jogo de meus organismos mentais, assim como meu estômago fabrica fermentos e meus músculos toxinas. Mas a tentação é o mau desejo

lançado em mim por uma mão estrangeira. Este tentador se chama diabo. Fala-se mal dele, injurias, mas o soldado do Céu não teme sua visita e não o maltrata, pois sabe bem que é só um obreiro que faz o seu trabalho, simplesmente.

Veremos daqui a pouco qual é a conduta que se deve ter neste caso, mas estudemos primeiramente o nosso modelo.

*

O Cristo foi tentado no princípio de Sua vida pública por Satã; durante sua missão, por Seus adversários; em Sua morte, por fim, pelo excesso de Seu próprio esgotamento. A primeira destas três provas é a mais compreensível e a que nos oferece mais lições imediatas.

Todas as palavras estão no relato evangélico e cada detalhe é um ensinamento. Desta forma, é o Espírito quem leva Jesus ao deserto e, de fato, o servidor do Céu não faz nada por vontade própria, não tem vontade, é um rendido escravo de uma vez por todas, seu esforço se limita a realizar, dia a dia, as ordens que recebe de seu Mestre. Em muitas ocasiões Jesus afirma esta dependência completa com relação ao Seu Pai, do qual Ele certifica ter diretamente conhecimentos e poderes. Seu guia, no acontecimento que tratamos agora, é o princípio de verdade, de energia, de sabedoria que tem como oposto a matéria, como o ser frente ao nada, como a força frente à inércia. A liberdade é o privilégio essencial do plano divino, o esplendor dos seres que se movem no Absoluto. O Espírito, ou seja, Deus em Jesus havia decretado a tentação, havia dado a Satã a ordem de vir, havia conduzido o “Homem” ao deserto. Por que? Saberemos quando deixarmos para trás o mundo das criaturas; hoje só podemos tirar dos atos do Espírito algumas das verdades que encerram.

Antes de começar Sua pregação, o Cristo quis, se me atrevo a dizer, testar Suas forças, ou melhor, era preciso que antes de combater os representantes visíveis do Mal, seus chefes invisíveis tivessem sido enfrentados e vencidos.

Por que no deserto? Por causa da solidão. A solidão é algo misterioso; irmã do silêncio, debilita as debilidades, exalta as forças. Limpa as chagas da alma, que o fogo vermelho do arrependimento cauteriza; dá-nos forças para olhar para nós mesmos e aprender grandes lições com este olhar prolongado! Saímos endurecidos ou esfarrapados ante qualquer choque. Voltem teus olhos para a solidão de Jesus, vejam, se o resplendor imóvel e branco deste deserto tão quente não os cega. A solidão de Jesus: pedras, areia, sol tórrido, um azul implacável; de vez em quando a silhueta furtiva de alguma fera, uma caravana nos confins do horizonte, uma ave de rapina no céu deslumbrante. Nem se quer uma sensação de uma possível vizinhança. Dormir só, andar só, pensar só, orar só, esquecer o som de sua própria voz, prever unicamente as próximas torturas, vê-las, entender as mordidas dos cães fúnebres do Inferno, uma hora fora, outra hora dentro, assim foi nosso Jesus. Sozinho estava desde o começo sobre as grandes rotas que descrevem os planetas com os sois e as tribos errantes de estrelas das constelações sedentárias; sozinho estava sobre os caminhos perdidos onde, apenas a cada mil anos, passa um viajante misterioso. Nós, que pretendemos amar nosso Amigo, desejaremos até o fim que termine sozinho Suas peregrinações incansáveis?

Ele esteve só, só nos espaços de Seus pensamentos, só nos ímpetos e nas cargas de Seu amor, só na exaltação progressiva de Sua vontade, só também em suas correspondências invisíveis. Durante esses quarenta dias, tudo foi retirado de Cristo, inclusive as cortes evangélicas que antes asseguravam Suas constantes comunicações com Seu Pai e com o mundo. Durante este jejum, esteve como se não existisse, abandonando, pouco a pouco, a região do Mais Além, chegou em espírito até o orbe do Abismo original. Sem este rigoroso isolamento, o objetivo deste retiro não haveria sido alcançado.

Será que somos capazes de compreender esta solidão, nós que temos medo de estar sozinhos, que quando nossos assuntos nos deixam por um momento, nos precipitamos ali onde se encontra a multidão; nós que buscamos os passatempos mais sem graça antes de ficar cara à cara com nossa consciência, que desde a juventude, mal gastamos toda a nossa existência por medo de entrar à tarde em um quarto vazio? Imaginaremos o imenso silêncio do deserto, as magníficas sinfonias do sol sobre os grandes horizontes; as rochas, mármore e as montanhas distantes transformadas manhã e de tarde em arquitetura de sonhos; as noites profundas, as miragens das estrelas e a lua inquietante; sempre o silêncio, sempre a solidão e as tempestades interiores mais espantosas que o vento do deserto; nenhum livro, nenhum rosto; nenhuma luz; assim, quarenta dias e quarenta noites?

Entre os hieróglifos da muito misteriosa ciência dos Números, o quarenta é um dos mais célebres. Significa expiação e penitência; governou o dilúvio, o sono de Adão, o exílio hebreu; é a cifra da matéria, da mãe, da morte, de tudo o que se transforma; tem uma relação com a Virgem e com o Cristo, pois procede de outro número menos célebre, o treze. Mas retenhamos apenas a tese conhecida de que o Messias, vindo para reparar a falta de Adão, deve sofrer as mesmas situações e refazer os mesmos atos, mas em sentido inverso. Isto nos fornece perfeitamente as chaves dos enigmas evangélicos.

Não lhes vou explicar o inferno que Jesus encontrou, pois já sabem que a sombra é necessária ao resplendor, o solo necessário ao éter, o individualismo favorável ao altruísmo, o obstáculo é indispensável ao impulso, o passado sem o futuro não existiria, a imobilidade é o ponto de apoio do movimento. Ele cumpriu assim uma função útil à nós, não devemos nem odiá-lo, nem teme-lo. Por todas as partes há espíritos malvados; alguns estão vinculados às coisas, outros vivem na atmosfera, outros em fim, e estes são os assaltantes diretos do homem, vivem no mental. Tem um chefe universal: Lúcifer, rei do orgulho, imagem inversa do Verbo; está no estado imóvel, gelado, impenetrável da cristalização, enquanto que Jesus é a chuva inumerável da vida eterna. Ele tenta aos homens por sua influência natural, de maneira que nós, nem sequer nos damos conta. Sob suas ordens estão, segundo a tradição, Asmodeo, príncipe das cobiças materiais; Manmon, príncipe deste mundo, deus do dinheiro; Belzebu, príncipe da idolatria e das obras sinistras. Lúcifer lhes influi com sua imobilidade e é o zero metafísico, o ponto fixo do mundo.

Ao seu redor, por todos os lados, se agita o adversário, o diabo, Satã, o assassino, o que se atravessa e, completamente no exterior, muito perto do plano corporal abundam os demônios que debilitam, corrompem, apodrecem e dissolvem os compostos vitais; é uma Legião.

Mas, qual foi a utilidade de um jejum tão rigoroso e tão prolongado? Não provocaria o esgotamento, a extrema sensibilidade, o delírio? Qual a resposta?

O Cristo foi um ser excepcional. O que debilitaria um homem comum não fazia mais do que excitar suas energias vitais. A debilidade do jejum se restaura por uma chamada das reservas nervosas, mas o corpo de Jesus não havia sido construído na terra, os materiais haviam sido aportados diretamente de um mundo mais belo e mais puro que o nosso. Ele era mais forte e mais vigoroso que um menino terrestre. Seus ossos eram duros como aço, Seus sentidos, especiais, Sua resistência à fadiga, incomparável, Sua rapidez em reparar a usura, extraordinária. A décima parte de Suas vigílias e de Seus sofrimentos teriam matado o homem mais vigoroso. O alimento material não lhe era necessário, Sua vitalidade física extraía o alimento do mundo do qual provinha. As forças chegavam sem cessar sobre Ele e a consciência de Sua aflição divina mantinha toda Sua persona em uma tensão sobrenatural.

A história dos contemplativos nos mostra mil exemplos de abstinências extraordinárias. O cura de Ars, para citar um caso próximo, trabalhou toda sua vida vinte e duas horas de vinte e quatro sem outro sustento que metade de uma batata. Jesus não nos disse: “Meu alimento é fazer a vontade

daquele que me enviou”? A qualquer um que se sacrifique em corpo e alma ao serviço do Céu, o Céu lhe conserva a vida e lhe concede forças sobrenaturais, a menos que tenha soado a hora deste soldado partir em missão para outro planeta.

Recebe-se na medida em que se dá. Jesus se deu por inteiro. Vocês mesmos, cavaleiros, diante da exaltação de um simples sentimento humano, de um amor, de uma obra, de uma ambição, não são capazes de esforços extraordinários? Não se trata aqui de desequilíbrios nervosos, mas, atualmente, nossa vida está apoiada no material, se a desenraizamos e a transportamos ao reino do mais puro Ideal, quanto não receberíamos de alimentos milagrosos? Assim, o jejum de Cristo não é inacreditável. Com os santos ocorre o mesmo, conservam, apesar deste esforço, a calma e o bom sentido prático, necessários para fazer fundações ou a lucidez que exigiam os conselhos que em massa lhe vinham pedir. A abstinência facilita uma concentração mais fixa, uma união mais profunda, sim, entendam bem, o asceta prepara e vivifica as privações corporais com as privações do *Eu*. A primeira das 3 tentações se aplica ao corpo; a segunda, ao desejo de possuir; a última, ao orgulho espiritual. Os três centros psíquicos são assim provados.

“Faz com que estas pedras se convertam em pão”, disse o Insidioso e, se lhe dá ouvidos, se começa a duvidar do Pai e toda a sustentação da casa interior é derrubada. Cristo responde: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”. Observem o giro singular da frase. Significa à primeira vista que a observância da lei assegura nossa subsistência material. Porque quem obedece à Deus é um filho de Deus e Deus se ocupa especialmente dele, quem obedece à Deus recobra seu esplendor de homem e são reconhecidos e servidos pelos invisíveis. Além disso, estas palavras deixam entender que o pão mesmo é palavra e que possui sua qualidade nutritiva porque é uma palavra de Deus, viva e ativa no sentido de um agregado físico-químico.

Reconhecemos aqui o valor das formas materiais da vida. Elas estão aí para manter nossa existência, sim, primeiramente, mas igualmente para que respeitemos a Vida, para que a desenvolvamos, para que possamos lhe infundir a Luz eterna que brilha em nós. Esta é uma das grandes formas de caridade, esta caridade que nos fala tanto e a que se conhece tão pouco. Se os homens soubessem, se buscassem o rosto real e ardente da caridade, se abrissem seus olhos ao seu forte olhar, como melhorariam, como se precipitariam sobre seus passos, como se tornariam por todas as partes seus incansáveis auxiliares.

Recusando transformar pedras em pão, coisa fácil para Ele, Senhor da Terra, Jesus nos dá a lição mais preciosa: não abusar de nossa força, deixar que todas as coisas sigam seu curso normal, não contar com nós mesmos, senão com a única bondade do Pai. Quando o cura de Ars tira de uma pequena sopeira sessenta tigelas para seus orfanatos, é uma multiplicação muito semelhante à multiplicação dos pães que relata os Evangelhos. Eu mesmo vi, com meus próprios olhos, materializar-se uma garrafa de água limpa de repente sobre a mesa, porque um soldado do Céu tinha sede. Vi encher de moedas uma bolsa que seu dono havia esvaziado nas mãos de alguns desgraçados. O discípulo vive em uma atmosfera de milagre, não tenhas pois medo da nudez material, é a menos penosa de todas as formas de pobreza.

Em seguida, Satã leva Jesus a uma montanha, Lhe mostra todos os reinos e Lhe oferece todos, caso passe a adorá-lo. Todo o sobre humano Lhe é prometido sobre uma montanha, o Meru, o Potala, o Sianai, o Nebo, o Tabor, o Calvário são os faróis da humanidade. O símbolo se descobre visivelmente, é a própria lei do progresso, as criaturas se elevam ao seu zênite, então o Céu descende ao seu encontro. Ademais, certas obras só podem ser cumpridas no isolamento dos cumes, sobre os ossos nus de nossa mãe comum, ali onde os fluídos circulam segundo outros eixos, onde o corpo estático é liberado de certas pressões. A grande voz do silêncio só fala na solidão. É nos cumes, para-raios naturais, onde certas correntes ígneas descendem e penetram ao solo sem transtornar-se.

Prosternados sobre a rocha acolhedora, o refugiado na montanha mística de nosso espírito, não esqueçamos em nenhum momento que é só a Deus a quem devemos adorar e suplicar. Vejam como os ídolos habitam os lugares baixos: o dinheiro, a glória, a paixão, a morte, a ciência extrema; onde está tudo isso senão na cidade, na planície? Existem correspondências reveladoras entre as duas caras do universo; o grande livro da Natureza se deixa decifrar facilmente ao olhar dos humildes. Lembrem-se: todo desejo é uma adoração que começa. Guarde estas preciosas forças, os desejos, para Aquele que o colocou em nós e para o único que pode preenchê-los em uma medida plena e transbordante.

Satã leva Jesus ao topo do Templo: “Se és Filho de Deus lança-te abaixo, pois está escrito: os anjos te levarão”. Eis aqui este desconhecido, cuja identidade duvida o Adversário e que recusou as satisfações do corpo e as do Eu. Ele pode ser legitimamente o favorito de Deus. Vejamos, a quem não aconteceu de, após ter passado por um penoso sacrifício e muito esforço, dizer: “Bem, agora sou sábio, o bom Deus me deve algo”. Esquece-se de que é apenas um servidor inútil. Isto é a infiltração do orgulho espiritual, isto é tentar a Deus.

*

Jesus triunfa sobre a dúvida, a cobiça, o orgulho; a dúvida mais forte: a inquietude material; a cobiça mais bela e mais embriagadora: a glória; o orgulho mais sutil: acreditar-se santo. Que quadro! Com uns traços, todas as tramas da psicologia, todas as lutas morais, todas as grandezas, todas as humildades. Cada frase do Evangelho é um mundo. E só me refiro ao ponto de vista moral. Em algumas vigílias, vossas meditações mostram neste episódio toda uma sociologia, uma fisiologia, uma cosmologia e tantos outros mistérios se é que tens a curiosidade.

Na versão de Marcos, este relato tem três frases: “Ele esteve quarenta dias no deserto, tentado por Satã, vivendo entre as bestas selvagens e os anjos Lhe serviam”. Coloquemos nosso olhar neste espetáculo. Uma angústia sublime se eleva. O inferno, o Céu, os animais, no centro um homem. O Homem, o Verbo. O escriba do leão só colocou o indispensável, mas a cena parece com toda claridade, deixa seu marco, sua simplicidade libera as alas do entusiasmo e amplifica até o firmamento a envergadura de nossas meditações. Vejam esta paisagem de pedras brancas e amarelas, que limitam as nobres linhas violetas das montanhas arábicas; a mancha sombria do Mar Morto sublima a ondulação de uma colina; aqui e ali uns arbustos secos, uns cactos. Sobre uma rocha, um homem, sua largas vestes são de cor de areia. Pode-se ver um rosto bronzeado, um rosto com traços imóveis e que ao mesmo tempo se agita, como se umas luzes cambiantes brilhassem por dentro. Rosto misterioso onde a energia explode de forma magnífica; rosto taciturno, onde cada linha é eloquente, onde cada traço mostra uma emoção profunda; rosto de ternura, de lábios franzidos, onde o Amor colore a face e inclina o olhar. Este homem anda como imaginamos que os serafins voam; tende a elevar-se em direção ao sol, como se seu corpo atlético não estivesse na terra. Portanto, alguns anos mais tarde, se derrubará o fardo tornado físico dos pecados do mundo.

Todo o dia, Ele está só, salvo a última tarde quando, com os últimos raios que matizam os vapores longínquos, umas formas translúcidas descendem, depositando a Seus pés água – certa água – e pão – certo maná. O sol desaparece, as feras saem e se aproximam com passo precavido e as pupilas selvagens, cautelosas, as dos chacais e leões, se elevam ao olhar tranquilo insondável que lhes fala sem palavras. Depois a atmosfera se torna pesada, as trevas se tornam palpáveis tomando formas imprecisas; os animais se escondem e um ser aparece de repente, um homem mais belo que o sonho. Está nu, porque toda criatura se apresenta diante ao Verbo em sua nudez essencial; seus membros flexíveis, seu rosto ambíguo, o fogo de seus olhos secos sacodem os arredores com um ar de pavor, e se situa cara a cara, o Escravo voluntário e o Rebelde, a vítima e o futuro carrasco.

Alguns videntes perceberam demônios, mas não se pode captar o grau de bem ou mal que se encontra em nosso nível. A maior parte dos visionários disse que os diabos são feios, mas nem sempre. Seu príncipe é belo, tão belo que ninguém resistiria à embriaguez de seu encanto, caso se fosse capaz de sofrer sem um terror mortal a emanção delatora de sua presença.

Conheci um homem que havia dito a um soldado do Céu: “Não acredito no diabo, não existe, é um símbolo”. Bem, respondeu o soldado, veja a janela desta casa”. E o rosto que o incrédulo percebeu era tal, que saiu correndo em uma agonia de pavor e não se voltou a vê-lo até o dia seguinte, suplicando que se fizesse com que esquecesse a lembrança daquela figura.

Senhores, coloquemos nosso olhar sobre a cena do deserto, Jesus, vencedor do inferno, servido pelo Céu, familiar dos animais, mas só entre os homens. Com efeito, como a humanidade esqueceu-se de seu Salvador nestes dois mil anos! Desde nosso nascimento, como abandonamos o nosso Amigo!

*

Os fariseus tentaram frequentemente a Jesus, depois quiseram apontar algum defeito em Sua doutrina. Estas provas foram as menos penosas, só atacavam a teoria. Os fariseus eram os intelectuais da época; para os intelectuais tudo é incompreensível, salvo a metafísica e a casuística. Se Jesus voltasse hoje e renovasse seus milagres, encontraria certamente as mesmas desconfianças.

Tenho vontade de chegar às últimas tentações, aos martírios espirituais, a estas torturas indizíveis que nenhum deus poderia ter sofrido sem morrer.

Primeiramente, temos a noite no Jardim das Oliveiras.

Existem nos campos provençais umas colinas que se parecem ao jardim. Imaginem uma encosta com terraços, com as do Jardim das Oliveiras; na montanha judaica, os lavradores construíam estes muros de pedras secas para reter as terras fofas. Um caminho serpenteante sob as velhas árvores e um riacho: é o Vale do Cedrón. Ao longe, os rumores de Jerusalém se confundem com as luzes, a luz faz brilhar as folhas de prata. Aqui e ali, sobre a grama alta, todo tipo de flores selvagens, uns homens estão encostados. Um deles, o mais alto, sobe o penhasco, até um pequeno refúgio e fazendo um sinal a três de seus companheiros, diz: “Rezem, para que não entreis em tentação, minha alma está triste até a morte, fiquem aqui e velem comigo”. Depois este homem, o mesmo que vimos a um momento ordenar a Satã, se prosterne ao solo. A Luz noturna se obscurece, as estrelas ficam avermelhadas; os perfumes agrestes se dissipam; as trevas espirituais reforçam as trevas físicas; o pavor, o terror, a angústia descem sobre estes homens. Por cima da grande forma branca estendida se despregam as iminentes degradações da Paixão: negações, abandonos, suplícios e a terrível solidão interior. E Jesus disse: “Pai, afasta de mim este cálice, mas que se faça a Tua vontade e não a minha”. Ainda que sua resistência nervosa tenha sido sobre-humana, Seu coração para e começa a morrer. Mas um anjo vem – Gabriel, diz a tradição – e Lhe dá de beber. Então Sua alma volta a Seu corpo extenuado.

O espantoso quadro estava sempre ali. Mas por baixo se desdobrava outro ainda mais terrível: o ódio do inferno e as hordas demoníacas, instigadoras dos carrascos. Jesus sofre então, não mais o chicote, os espinhos e os cravos, senão interiormente com as torturas que os demônios queriam lhe infringir, se tivessem encontrado o meio material. Então Jesus se une mais estreitamente ao Pai, se lança mais profundamente à vontade do Pai, mergulha com todo ímpeto no Amor e no perdão. Seu esforço é tal que o coração bate a golpes desordenados, baixa a pressão do sangue, os vasos capilares se rompem e um suor vermelho Lhe banha por inteiro. Quão miseráveis são as nossas lágrimas diante disto!

Jesus volta então para os três discípulos e os encontra dormindo: “Não puderam velar uma hora comigo?” Esta é a reprovação de Seu imenso Amor. Depois Ele volta sob a pedra da agonia e retoma a oração e a luta.

É agora todo o mau futuro o que cai sobre Ele, tudo o que os homens fizeram contra o Pai, contra seus irmãos, contra eles mesmos e contra a vida. Jesus percebe as mortes, as crueldades, as inumeráveis baixarias, com esta rapidez vertiginosa e esta nitidez que conhecem os que têm se aproximado das portas da morte. Mas Ele aceita tudo. As nuvens se levantam, as trevas se fazem menos escuras; é a tentação que se afasta; é o espírito quando Jesus concebe: o Pai não deixará que ninguém se perca e alguns fiéis O ajudarão, ao preço do próprio sangue. Ele o vê, Ele está certo, Se levanta, esgotado mas tranquilo e apenas desperta os apóstolos pela terceira vez, quando chega o traidor com sua tropa de mercenários.

Aqui a vida interior de Cristo aparece visivelmente. Sabendo tudo, podendo tudo, Seu coração não sentia pessoalmente nem desejos, nem inquietudes; Sua vontade não tinha, para ela mesma, controle para levar a cabo. Mas, como eu disse no começo, era para ajudar aos homens, para salvar as outras criaturas, para modificar a marcha inexorável do Destino, para melhorar a evolução. Jesus abriu Seu coração a todos os seres, oferecendo-lhes Suas próprias forças, apresentando Sua doçura aos demônios, Sua paciência aos destinos, Sua ternura aos desesperados, afim de que todos tomassem Dele um alimento puro e através deste alimento se purificassem. Isto, ninguém mais além do Verbo poderia realizar.

Tudo o que fez o Cristo, foi por compaixão. Por compaixão, Ele tomou um corpo, Ele curou, Ele falou. Precipitou os porcos ao mar e secou a figueira, a fim de que os massacradores de animais e os destruidores de bosques sejam julgados menos severamente. Por compaixão, Jesus sofreu a tristeza a fim de que nós, que estamos quase sempre tristes porque esquecemos o Céu, não recebamos a visita das dúvidas, que nossas melancolias chamam. Por compaixão, no último minuto de Seu martírio tão valioso, Ele proferiu um lamento: “Deus meu, Deus meu por que me abandonastes?”, a fim de que todos nós, que sempre acreditamos sofrer injustamente, tenhamos uma desculpa em nossas desesperanças infantis.

É legítimo dizer e repetir que Jesus nos ama, como jamais uma mãe amará um filho, nem um marido à sua esposa? Enquanto o raio mais tênue deste Amor atravessar as tríplices couraças do nosso coração, as metafísicas nos parecerão vazias, as ciências vãs e as alegrias terrestres deprimentes!

O que faremos? Se há neste auditório um só coração que compreende através de minhas palavras incolores, o imenso ardor do Amor eterno, eu lhe pergunto: o que fazer para que todos estes cuidados não nos tenham sido ofertados em vão? Deveria interrogar a multidão e durante anos, ficaria satisfeito se, chegando ao umbral do Mais Além, ao final recebesse uma só resposta ou se encontrasse uma só alma disposta a realizar com seus atos esta resposta.

*

Neste domínio do positivo e do prático, o discípulo deve primeiramente compreender que a tentação é uma graça, os postos de perigo são postos de honra para os soldados, o homem comum já tem muito para vencer a si mesmo. Não tenhamos a alucinação do diabo; o mal que está em nós, as perversidades do corpo, da inteligência e do coração, são suficientes para fazer cair. Não há discípulos endurecidos que as Trevas não possam atacar, apesar de que são mui poucos. O Diabo é demasiado forte para nós; não haveria nenhuma simulação de combate.

A tentação a qual resistimos, é o melhor trabalho, uma vez que não se caia na bravata ou na busca de vantagem espiritual. Combatendo com estas disposições, cairemos no orgulho. Todas as tentações podem ser vencidas pela humildade, a calma e a oração.

Eis aqui sucintamente o mecanismo. O demônio do roubo, por exemplo, entre em meu espírito. Em seguida, se move em mim as moléculas de toda ordem que puderam, anteriormente, participar em alguns furtos; o tentador as observa. Se eu resistir, se vá debilitado, inquieto inclusive por conta da minha calma; se sucumbo, toma posse de todas as células, inclusive físicas, que participaram do roubo. Quando os espíritos destas células, pelo jogo de sua evolução, cheguem ao patamar de células cerebrais, que dirigem tudo, eu já seria incapaz de resistir à inclinação do roubo, sucumbiria fatalmente.

É por isso que é preciso se comprometer com a luta imediatamente, não amanhã, não esta tarde, mas sim neste mesmo instante. Por causa do jejum de Jesus, aquele que resiste a um vício durante quarenta dias, se permanece humilde, o vencerá nas seguintes.

Frequentemente se diz no final do Pai Nosso: “Não nos deixes cair em tentação”; esta é uma demanda temerosa. O soldado do Céu, que não teme os golpes, diz: “Não nos deixeis sucumbir quando em tentação”. Não a busque; aceita o combate com a ajuda do Céu. Esta coragem nata é uma constante possessão de si. Compreendeste bem que o misticismo não consiste só de orações devocionais; é um estado permanente de entusiasmo, mas também uma serenidade plena. O Cristo disse várias vezes: “Orai e vigiai”. Primeiro velar, estar desperto, nada de sonhos, nem de aspirações vagas ou sentimentos difusos; tenha clara percepção do que se passa em si e ao redor de si; vigiar os estremecimentos do desejo, não exaltar-se por ideias que são belas apenas na aparência.

Pois não é somente no êxtase dos monges que Satã se transfigura em anjo de luz; mente assim nos acontecimentos, nas relações, nas doutrinas, nas personalidades eminentes. Lembrem-se dos relatos evangélicos. Jesus disse: “Sejam simples como as pombas”, mas em seguida acrescentou: “Sejam astutos como as serpentes”. Os que se elevam em estátuas são às vezes malfeitores públicos. Não os lanceis ao seguimento de “não importa o que”; examinem vosso ímpeto. Há um taumaturgo, cujas curas se contam hoje como sendo milhares; no entanto, seus poderes provém dos inimigos implacáveis de Cristo. Tal sistema esotérico, admiravelmente construído, só levará a seus adeptos aos reinos gelados da Morte essencial. Com o correr dos anos, mais belos serão os frutos que o antigo Tentador nos oferecerá, mais sedutores suas cores, mais delicioso seu primeiro sabor. A isto se chamará tolerância, altruísmo, paz universal, unidade das religiões, poderes psíquicos.

Vigiai! Desenvolve em ti mesmo um sentido especial da verdade, luta primeiro contra o erro em sua própria pessoa; em seguida luta contra o erro que o Inimigo dos homens tentará vos introduzir. Então, descenderá a benção que vos desejo, a alegria imutável, a alegria perfeita: a presença real da Divindade.

OS ESPÍRITOS DESTE MUNDO E O ESPÍRITO SANTO

**“...pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai,
e que ele não me concederia mais de doze legiões de anjos?”
(Mt 26:53)**

Num primeiro momento pode parecer que o místico não deva interessar-se pela questão dos espíritos; mas, fazendo uma reflexão surge a utilidade deste estudo, a fim de fixar bem as ideias e de circunscrever claramente os respectivos domínios do ocultismo e do misticismo. Como os seres desencaminhados, nosso tempo busca o raro, não se satisfaz nem com lições austeras da ciência

positiva, nem com os conselhos mais consoladores da Igreja, e, a razão de sua inquietude febril, se desvia quase que a cada passo. É contra o entusiasmo do espiritismo, da magia, do magnetismo pessoal ante ao que tentaremos hoje reagir, retificando nosso caminhar sobre a estrela polar do mundo invisível, sobre o Verbo de Jesus.

O Invisível é milhares de vezes mais extenso que o Visível; engloba todos os seres que o povoam pelo nome de “espíritos”, mas este é um termo impróprio, pois designa uma entidade imaterial e as criaturas invisíveis estão providas de corpo. O termo “Espírito” só convém ao Consolador, à terceira pessoa da Trindade. Os habitantes do Mais Além, pelo fato de serem criados, possuem órgãos materiais. Os deuses têm corpos, os diabos também; os anjos em missão se revestem de corpos temporais, como nós colocamos um casaco para viajar. Para me adaptar aos costumes, chamaria espírito a todo ser imperceptível pelos sentidos corporais, ignorado pela consciência comum, inatingível para os aparatos de laboratório.

Desta forma, os habitantes de Marte ou do Sol são espíritos para nós; portanto, são seres orgânicos que se alimentam, trabalham, se multiplicam e cujos corpos tem peso em seu planeta próprio. Existem astros formados de matéria mais pesada que a nossa, se fosse possível medir a densidade com o padrão universal da gravidade terrestre. Estes astros são no entanto invisíveis aos melhores telescópios. Inclusive existe sobre a terra, raças de homens pouco conhecidas cujo corpo, mais vigoroso que o nosso, maior, mais capaz de chegar a uma longevidade patriarcal, que não podem ser percebidos nem por nossos olhos, nem, por instrumento ótico. Na densidade das rochas, na areia de certos desertos, no gelo dos polos, vivem outros homens, diferentes de nós, gigantes, pigmeus, ciclopes, alados como anjos ou monstruosos. São reais, mas as ondulações fotogênicas passam através de seus corpos, cujas moléculas estão agrupadas seguindo eixos diferentes; nossos olhos não podem ver, nem os sonâmbulos comuns. Mais tarde, a qualidade do fluido luminoso mudará e os exploradores descobrirão estas criaturas estranhas. Quando elas se manifestam acidentalmente são tomadas por espíritos.

Além destes aborígenes do Invisível, além de defuntos, imagens, reflexos, existem entidades espirituais unidas a todas as criaturas materiais. Cada filamento de erva tem seu gênio, diz a Cabala, com o que concordam os Padres da Igreja. Os mitos, as lendas populares ilustram esta ideia. O Evangelho fala sob um aspecto mais elevado: “Todas as coisas foram feitas pelo Verbo, disse o discípulo amado, e nada do que foi feito, sem Ele se fez”. Toda criatura contem uma chispa do Verbo, da Vida, pois não há vida sem espontaneidade, espontaneidade sem liberdade, liberdade sem individualidade. Falando absolutamente, tudo é um, uma inteligência, uma vontade, todo corpo é o desenvolvimento de uma alma, o instrumento de um espírito.

Como crer em tais contos de fadas? Só há um meio: Ir ver. Trabalho difícil e delicado. Aquele que recebeu o batismo do Espírito Santo possui o privilégio de uma comunicação permanente com o coração do mundo, estância central do Verbo. Ali, toda criatura se mostra em sua nudez original, em sua forma real. Mas não posso abrir teus olhos interiores e lança-los às torrentes da Vida cósmica secreta. Vossos cérebros, para a maior parte, não resistiriam a esta luz intensa, a estes tumultos, no formigueiro infinito destas multidões.

No entanto, notem isso. Entre os buscadores que se ocupam do invisível, existem os teóricos e os práticos. Os primeiros são os poetas, filósofos, iniciados, intelectuais; professam o subjetivismo, não consideram as lendas, os relatos milagrosos, as teologias, assim como as alegorias, os símbolos, as descrições metafóricas dos meios dinâmicos. Para os práticos, ao contrário, tudo é real e objetivo, atuam na via esquerda, como os feiticeiros dos campos, os faquires, os magos ou na via direita, como os místicos. Uma vez mais, os extremos se tocam; a ignorância do selvagem, que vê um espírito no trono, o baobá ou o crocodilo, reúne o conhecimento perfeito do Amigo de Deus, cujo olhar descobre os véus abaixo os quais escondem a forma verdadeira das criaturas.

A Igreja crê igualmente na existência dos espíritos das coisas; certas fórmulas litúrgicas podem provar. Quando o sacerdote pronuncia: “Eu te exorcizo, criatura aquosa”, é porque há na água um princípio que entende esta palavra, que percebe o sentimento do sacerdote, senão a liturgia não seria mais do que literatura. Quando o clérigo bendiz uma colheita, uma casa, uma mensagem, um medicamento, é porque existe vida nestas coisas, senão esta chamada pelas forças divinas seriam atos sem sentido e insultante à Providência. Alguns taumaturgos tem percebido o mundo dos espíritos. O admirável Francisco de Assis dizia: “meu irmão o lobo” e “minha irmã a cotovia” e também “meu irmão o fogo, minha irmã cinza, minha irmã a pobreza”. E isso não era imagens poéticas em seu pensamento, ele conhecia o espírito que animava a estes seres, porque o fogo, os peixes e as andorinhas obedeciam seus amáveis mandatos.

Nossa inteligência concebe mui mal que as fadas habitem as fontes e os faunos o deserto etíope. Os que têm visto criaturas deste gênero não são alucinados, além disso, a alucinação corresponde sempre a algo real. Toda a dificuldade consiste em mudar nosso ponto de vista. O marinheiro vê as ondas em uma maré, o engenheiro vê uma curva dinâmica que transcreve em equações, o astrólogo descobre correntes fluídicas. Todos têm razão, somente quem observa com os olhos do Verbo abraça de uma só vez o princípio e todos os aspectos. Tal é o místico.

*

Entre os invisíveis há os que são os microscópicos e os que são imensos. Assim, a prostração resplandecente do anjo da oração se estende de um a outro extremo do firmamento os feixes de estrelas cintilantes, enquanto nós, quando oramos, dos milhões de células que compõem nosso ser, apenas algumas se iluminam. O temor é grande no coração do discípulo que viu este anjo, mas sua alegria é inefável e inesquecível.

Os fluídos ódicos⁷ redescobertos pelo barão de Reichenbach não são os espíritos dos quais falamos. Os aros ovoides multicolores que se percebem no plano magnético e no plano mental também não são. A entidade intelectual, a tendência moral de uma associação, de um colégio, de um movimento, não é mais que uma mescla de emanações das vitalidades material e espiritual desta coletividade.

Pelo contrário, quando em êxtases Catherine Emmerich arranca as ervas daninhas de uma vinha imaterial, anunciando em seguida em seu sonho que está vinha é a Igreja e a erva um prelado indigno, o que ela realmente vê é o gênio da Igreja, posto que, pouco tempo depois, o prelado que ela havia nomeado é destituído de seu cargo. Quando uma mãe sonha que uma serpente se enrola ao redor do colo de seu filho e, na manhã seguinte, o pequeno acorda com anginas, é o gênio da enfermidade o que ela percebe. Se depois de orar por um aflito, alguém o vê em sonho visitado por um soldado, por exemplo, é o gênio da recuperação que lhe apareceu.

Alguns dentre os servidores do grande Pastor são colocados em relação com certos agentes gigantescos que governam as forças da Natureza. Assim, certo dia, um de meus amigos, que não tinham correspondência telegráfica com os sismógrafos dos observatórios, me disse à queima roupa: “Esta noite, a tal hora, haverá um tremor de terra de tal lugar a tal outro, mas não será sentido na cidade em que vive M. X...porque é um bom soldado; se chegará a um acordo com o dragão. Com efeito, os jornais relataram os acontecimentos exatamente nesta direção e a interrupção inexplicável que me havia predito. O que há de curioso neste relato é a opinião subentendida de que toda colina, toda montanha, todo rio, todo lago, até mesmo as profundidades do solo, são moradas de numerosos gênios e que atuando sobre o gênio, se modifica o lago ou a

⁷ fluídos vitais NT.

colina assim como quando mudam as paixões, mudam também os gestos. Esta opinião está muito estendida na Arábia, na Índia, nos territórios amarelos, mas mui rara na Europa.

Teria histórias parecidas para contar, mas é necessário que me atenha ao meu programa.

Para estudar um pouco mais sobre o espírito das coisas, escolheremos um exemplo, que podereis aplicar a toda classe de casos análogos.

*

Temos uma casa. Todo o edifício é o corpo físico de um gênio. Os casebres dos casarões modernos também tem seus gênios. Estes gênios se revestem de formas animais e o verdadeiro vidente entra em comunicação com eles, os educa e os fazem atuar se são úteis.

Como parêntesis, devo dizer aqui que o ser que chamo de verdadeiro vidente não é o médium ou o sonâmbulo honestos que nos preparam armadilhas; é outra coisa. Os maníacos do psiquismo, quando acreditam perceber em alguém alguns sinais de desequilíbrio nervoso, se precipitam para desenvolver este tema, mas como ignoram completamente a constituição real do homem, as relações entre o espírito e o corpo, caem na cegueira e os desenvolvimentos que obtém são apenas desordens. A presunção destes experimentadores, que acreditam realizar uma obra útil, seria uma piada se não fosse lamentável. O verdadeiro vidente é primeiramente e sobretudo um discípulo do Evangelho e só exerce uma faculdade excepcional por acréscimo.

Retomo agora o meu exemplo. O que se passa no mais além durante a construção de um edifício? Primeiramente, o futuro proprietário recebe a forma espiritual deste edifício; esta visita ocorre no inconsciente. Se o espírito deste homem se interessa por este clichê, o acolhe, nutre, a imagem impressiona o cérebro e entre no campo da consciência; a vontade opta pela aceitação ou recusa. Os clichês não podem se realizar por si só, necessitam a colaboração dos homens; mas a matéria não pode também evoluir só, necessita do andaime que os clichês lhe proporcionam.

Clichês, antes de se tornarem intuições, desejos vagos, projetos, planos, trabalhos e criações físicas, devem antes coordenar e reunir em seu próprio lugar toda classe de correntes de atração entre uns seres e outros, os quais esperam sua materialização.

Um modelo espiritual cresce ou declina segundo o alimento que os homens e os lugares lhes provêm ou lhe negam. Temos, por exemplo, o clichê do roubo que passa por meu espírito. Antes eu não pensava em roubar, o envio me vem por causa de uma ocasião qualquer. Se a satisfação, as forças físicas e mentais que me servem para efetuar o furto serão absorvidas pelo clichê, este se separará em seguida de meu espírito um pouco mais vigoroso do que entrou; se resisto, depois de algumas tentativas, o clichê partirá um pouco mais débil.

Estes contatos dos clichês com o mundo físico formam a trama de nossas existências. Se percebe aqui quão grave na realidade podem ser as decisões que em juízo racional teria se acreditado pouco importantes.

O lugar onde uma casa deve construir-se é designado desde o nascimento do continente do qual forma parte. Anos antes que o obreiro agarre seu pico, correntes fluídicas se encontram neste lugar. Quanto mais dura o edifício, mais longa é a preparação. Proprietário, arquiteto, obreiros, pedras, vigas, cimento, metal, tudo o que ocorre nesta empresa até os mínimos detalhes é fixado antes nos arquivos da terra, segundo as leis mais imparciais.

Pois nada chega a ninguém que não o tenha chamado ou escolhido antes. O fundamento, as tarefas, os imprevistos, o futuro incêndio, os possíveis processos, tudo isso é atraído magneticamente pelo clichê primitivo e pelos justos destinos dos proprietários, dos construtores e os inquilinos.

Isto não é desculpa para a fé, por exemplo, dos contratantes. Um contratante desonesto aparece e me prejudica somente se eu mereci ser enganado, mas ele é responsável pelo seu engano. Se resiste à sua avareza, atua bem duas vezes, por ele e por mim. Se reconheço a legitimidade espiritual deste roubo, usando novamente um processo, eu mesmo pago uma dívida, aliviando meu futuro, o de minha casa e o do contratante desleal, porque deposito, por minha renúncia e sem sabe-lo, o gérmen do arrependimento no espírito deste homem.

Existem lugares nefastos, casas onde uma terrível doença parece ter escolhido como domicílio. Quase sempre nos instalamos ali por ignorância e esta ignorância é querida por Deus para que não escapemos de nosso justo destino. Pelo contrário, não é necessário enfrentar o perigo por bravata: “Eu não tenho medo; eu sou mais inteligente que fulano; tenho uma saúde de ferro”. É melhor dizer: “Eu tomo esta morada apesar de seus inconvenientes, pois o Cristo jamais teve nenhuma, posso impor-me está moléstia, pois um dos meus irmãos desconhecidos desfrutará do local mais comodamente do que eu o encontrei, já que estou certo de ter ajudado”, Esta é a linguagem de um soldado do Céu.

Observem a nuance singular da frase evangélica: “Ao entrar em uma casa, saúde-a, dizendo: Que a paz esteja sobre esta casa e se esta casa é digna, vossa paz cairá sobre ela, e se não for digna, que sua paz volte para vós”. Assim, uma casa pode, como toda criatura, desejar tanto a Luz como as Trevas; a discórdia acompanha as Trevas enquanto a paz escolta a Luz.

O gênio de um edifício agrupa ao seu redor outros gênios; cada cômodo possui um, cada parte do cômodo, cada detalhe da porta ou da janela, cada móvel, cada objeto, só existe por conta da ação coesiva de um espírito.

A árvore do bosque em sua estatura plena é o corpo de um gênio. Quando o machado o derruba, cada um de seus troncos, cada tábuia, cada lenha se torna o habitat de um gênio de ordem diferente e o carpinteiro, o ebanista, que dão a estas tabuas uma forma útil e um uso prático, evocam inconscientemente um novo gênio, meio silvestre e meio humano, que habitará esta madeira, agora mesa, cadeira ou armário, dirigindo sua existência de certa forma.

*

Cada homem aparece no Invisível como o centro de uma falange mais ou menos numerosa. Tem servidores para facilitar seu trabalho e deuses em proveito dos quais trabalha; os espíritos de seus antepassados estão ali, os de sua cidade, de sua pátria, de sua raça e religião; uns guias o acompanham no exercício de seu ofício; na continuidade de suas tarefas, na busca de seu ideal; uns viajantes chegam a ele, atraídos por suas virtudes, seus vícios ou suas preocupações. Ao seu lado estão, dia e noite, um representante da Luz, o anjo guardião e um representante das Trevas, o anjo malvado.

Ademais, o deus ao qual cada um serve – deus do dinheiro, deus da ciência, deus da arte – envia a seu fiel verdadeiras cortes de auxiliares e colaboradores. Alguns contos das *Mil e Uma Noites* explicam isso muito bem. Um conquistador, Napoleão se quiserem, enviado à Terra como o cirurgião ao doente, mas só fanatiza os seus soldados e dedica a vitória a seu cavalo porque os países que atravessa estão povoados de homens e de espírito que vieram em linha direta do mundo da guerra e enviados pelo deus das batalhas.

Um curso análogo é concedido a um grande filósofo, a um fundador de religião, a qualquer herói. No entanto, é preciso notar aqui uma diferença essencial nas atitudes interiores destes missionários, atitudes que dão à sua obra uma qualidade de Luz ou de Sombras, pois as Sombras também têm seus enviados. Se o homem acreditar em sua força própria e se apoiar apenas em si mesmo, fará de seus auxiliares invisíveis seus escravos, obedientes por temor e sempre prontos à revolta. Se o homem se estima em seu justo valor, ou seja, considera-se quase nada e só se apoia no Céu, fará de seus ajudantes servidores voluntários, amigos sempre dispostos a sacrificar-se para sua obra. A qualidade de nossos desejos faz a qualidade de nosso entorno. Se pode ver no modelo do adepto e no modelo do místico a imagem clara destas atitudes interiores. O primeiro pelas práticas do sistema nervoso, do mental e da vontade, pelos êxtases que experimentam sentindo-se seu próprio chefe, forçando a uma multidão de espíritos de toda ordem para servir-lhe e, de certo modo, incorporando-os à ele. O amigo de Deus, ao contrário, não deseja converter-se em um atleta espiritual, mas apenas cumprir a perfeição da Lei na pequena esfera onde a Providência lhe situou. Os servidores que possam lhe são enviados e como vem do Céu, sua abnegação é espontânea, livre, total.

A história da árvore sob a qual San Martín de Tours costumava rezar e que, cerrada repentinamente por um criminoso, caiu do lado oposto ao corte para não atingir o santo, não é uma lenda; o espírito deste carvalho havia conhecido o espírito do piedoso bispo. A taça de veneno rompendo nas mãos de São Benito mostra também a inteligência das coisas e sua pequena liberdade. Numerosos acontecimentos análogos mostram como o Céu protege aos que tem Nele uma tranquila e valente confiança.

*

Que instruções práticas se pode tirar destes esquemas precipitados?

A sabedoria ordena não buscar relações com os invisíveis sob nenhum pretexto, inclusive recusar estas relações se alguns espíritos se manifestam espontaneamente. Mas nós estamos longe da sabedoria, senão não haveria pelo mundo tantos caçadores de fenômenos psíquicos.

O espiritismo, incluso quando das certezas experimentais, é uma trapaça. Nunca uma evocação ajudou qualquer defunto. As práticas espirituais negam a bondade do Pai, pois é sempre a falta de confiança o que nos empurra, abrindo uma porta, várias portas, a todos os desequilibrados, fisiológicos e psíquicos, engendrando unicamente a discórdia no reino dos mortos e nos tornando cegos para a verdadeira luz.

A magia é ainda mais perniciosa. Pode operar grandes maravilhas, inclusive grandes coisas em aparência, mas é sempre uma rebelião contra a Lei, posto que a magia usurpa, saqueia e todo homem, salvo o homem livre, só deve servir, submeter-se e dar. A magia branca, a que parece não compreender mais do que boas causas, é mais perigosa que a magia negra. O bruxo, com efeito, não pode grande coisa, quando ele mata um rebanho, uns homens ou seca umas colheitas, não faz mais do que danos físicos. Mas o mago, o hierofante dos livros de ocultismos, o ser que se crê mui sábio, mui puro, mui elevado, que se diz um homem livre, porque reduziu à escravidão uma quantidade de gênios, porque (certos autores não tem elogios suficientes para tais crimes) não tiveram dificuldades em tomar, por meios secretos, os corpos de jovens robustos para prolongar durante séculos sua própria existência terrestre: um homem assim é nefasto, porque com a aparente beleza de sua vida, leva os outros ao orgulho, ao egoísmo espiritual, à imobilidade, ou seja, a uma segunda morte.

Não busque jamais atuar sobre o espírito das coisas; não aceite jamais o que Eliphaz Levi chama de transmissão da vara mágica. O Pai não pode dar-lhes tudo? E não dá assim que mostrem a força e a sabedoria necessária para o uso de Seus dons?

Querem conhecer as coisas secretas? Comecem por ter sob sigilo inviolável os defeitos do próximo e tudo aquilo que ele te confiar. Querem fazer milagres? Comecem por se tornarem dignos dos milagres que, vinte vezes ao dia, a Providência concede em teu favor e que não se dignam ver. Querem que os acontecimentos vos obedeçam? Mostre-lhes, renunciando às vantagens pessoais de tuas tristezas, que nunca poderão vos obrigar a nada. Obedeçam ao Pai, façam o bem, combatam os próprios vícios: esta é a receita mais justa, mais sana, mais ativa.

Sem recorrer aos artifícios das ciências ocultas, inclusive para os ritos litúrgicos, a simples qualidade, boa ou má, de nossa vida moral basta para beneficiar ou prejudicar o meio em que estamos. A morada é pura se o habitante é puro. Pode ser que algumas cabeças ávidas de maravilhas julguem esta teoria demasiadamente simples, no entanto, a simplicidade é o signo da verdade, o atributo do poder, o cenário da Luz.

O conhecimento destes invisíveis está proibido para nós, porque isso comportaria um poder imediato sobre a matéria. Violaríamos assim um dos objetivos da existência: evolucionar o mundo material pelo esforço material. A evolução da matéria obtida por dinamismos espirituais seria demasiado brusca e, portanto, sem frutos.

As teorias que os indico, por pueris que pareçam, aportam novos deveres; estes nos proporcionarão, em recompensa, novos direitos mais tarde. Dão uma nova explicação e, ao mesmo tempo, muito antiga; em outros tempos proporcionaram coragem aos desanimados, desejo que façam o mesmo trabalho.

*

O homem exerce uma influência real sobre os objetos no meio em que vive. Uma cadeira agarrada com fúria ameniza a cólera; os utensílios de um poupador avaro propagarão a avareza na casa de seus proprietários posteriores. O mesmo se aplica para os atos de um bom homem, desde o ponto de vista dos fluídos e sobretudo do ponto de vista dos espíritos. Podem ver agora o quão inútil é carregar as mil e umas preocupações inscritas nas Leis de Moisés ou Manu?

Comer em um prato já utilizado, usar roupas usadas por outros, nutrir-se de carnes classificadas como impuras, tocar os cadáveres, isto talvez manche, como pretendem os orientais, o corpo ou a aura, mas não mancha nem o coração, nem o espírito. Os hierofantes antigos purificavam pelo exterior, Jesus purifica pelo interior. Uma mesa nova pode também ter sido manchada pela preguiça do marceneiro, pela cobiça do comerciante, pela maldade da árvore com a qual foi feita. Em todo caso, o rito não purifica por si mesmo, mais do que o plano vibracional. Ao contrário, um objeto que serviu para perpetuar o crime mais negro, se for empregado para fazer um ato de verdadeira caridade, será para seu espírito, uma purificação perfeita.

A caridade, único dever do indivíduo para com o resto do mundo, é inumerável em suas aplicações. Não os enganem por nada, isso seria oferecer uma morada ao espírito da degeneração. Não destrua as árvores dos bosques, não matem os insetos, não destrua nada sem um motivo urgente. São sábios à sua maneira os que, nos extensos celeiros das residências provinciais, amontoam tudo o que é velho e fora de uso; estes antigos servidores repousam juntos, como trabalharam juntos; não sofrem a ingratidão humana, mas prestam serviços a seus mestres espirituais, não materiais. Estão unidos à casa que lhes guarda as imagens do passado, as cadeias tradicionais, as linhas dos ancestrais e os descendentes.

Não queimem estes velhos vestígios, não os espalhem, salvo para socorrer alguma desgraça; deixem que voltem docemente ao pó inicial.

É por caridade que é necessário guardar os presentes volumosos ou ridículos: damos abrigo ao que o outro não quer. É por caridade que não precisa destruir os velhos retratos nem com o fogo, nem com tesoura; eles guardam sempre um pouco da vida que representam, ainda que estejam mortos. Enterrem as fotografias desbotadas, a terra é maternal. Por caridade, não sobre a lamparina ou a vela, evita a morte súbita dos pequenos seres que fabricam a chama, já que vosso alento expande a vida em vós, não o obrigues a dar a morte no exterior. Por caridade não remendar indefinidamente a velha roupa branca e os vestidos velhos, se podem comprar novos; a Lei é que tudo flua e que tudo se renove.

*

Não economize nenhum destes humildes esforços de caridade, nenhum destes tênues sacrifícios. Virá um tempo em que os reencontrarão, em alguma das brancas moradas do Pai, na presença de todos estes humildes gênios do lar, humildes servidores; diante de teu olhar emocionado voltará a passar do fundo dos séculos e dos espaços, a cena familiar na qual tivestes um gesto de doçura por estes testemunhos mudos, mas vivos de vossa pequena existência terrestres.

Todas as orações que haveis pronunciado, no silêncio noturno e na solidão de teu quarto fechado serão escutadas pelos objetos ao teu redor, dela se nutrirão e guardarão sua lembrança. As coisas possuem memória, a psicometria pode provar. Saibam que vossos livros, tuas pequenas coisas, as árvores de vosso jardim ou do campo, sentem vossa presença, compreendem um pouco do que lhes ocorre e esperam de vós uma luz e uma direção.

Dá-lhes esta luz, não buscando iluminá-los por vós mesmos, pois vossa luz própria é demasiadamente pouca coisa. Mas se esforcem para ter em vossos corações a própria Luz do Verbo e será para todos estes seres um guia seguro. Para ter Jesus em vós, já sabem o que fazer.

Sejamos aplicados nas tarefas cotidianas, nos deveres imediatos, nos trabalhos que podemos compreender e deixemos as tarefas longínquas, abstratas, demasiadamente difíceis, para aqueles que acreditam ser capazes de realizá-las.

OS FANTASMAS NOTURNOS E AS VISÕES SOBRENATURAIS

**“Tudo se diz em parábolas a fim de que ainda que vejam,
não percebam; ainda que ouçam, não entendam”
(Mc 4,12)**

Durante aproximadamente um terço de nossa existência, nosso ser consciente é condenado ao repouso. O discípulo, que tem um cuidado escrupuloso de não perturbar nada na Natureza e de utilizar todos os recursos que esta nos oferece espontaneamente, transforma estas horas em trabalho espiritual. Explicarei hoje o método desta transformação.

Os materialistas ensinam que os sonhos são ou de origem fisiológica: má digestão, má circulação ou de origem mnemônica: recordações conscientes ou inconscientes, associações à ideias por vezes discordantes. Há, com efeito, sonhos produzidos por estas causas e que não possuem nenhum valor espiritual, mas há muitos que possuem uma origem objetiva, exterior a nós e que contem um sentido

profético iluminador e taumatúrgico. Estes são os sonhos propriamente ditos; estudaremos os efeitos dos sonhos, seus significados e ao final a maneira de se preparar para recebê-los verdadeiramente.

*

É inútil detalhar todos os sistemas complexos, elaborados pelas diferentes escolas esotéricas, sobre a constituição do homem. Vejamos os mais simples.

Além do corpo físico, que por si só é uma matéria inerte, três princípios se reúnem no composto humano:

- a vitalidade, o od, o magnetismo, o duplo;

- o espírito, intermediário em parte consciente pelas faculdades sensoriais e mentais, em maior parte inconsciente por todos os órgãos de relação com o Invisível; é o assento do EU, da vontade, do livre-arbítrio;

- a alma, centelha eterna, não criada, luz do Verbo, atualmente atenuada, mas que toma todo seu esplendor no momento de nosso novo nascimento místico.

Durante o dia é o espírito consciente quem governa mediante a força nervosa cérebro-espinhal; durante a noite, esta força se esgota, o consciente repousa, enquanto que os acumuladores se recarregam pelo cérebro; o espírito inconsciente, se é que podemos chamar assim, se separa do corpo, as vezes até mesmo se divide; os atos que efetua, os encontros que tem, as cenas que assiste, só se transmite à consciência se cai no corpo e, sobre tudo, no cérebro, bastante força nervosa para registrá-los. Assim, se sonha constantemente, mas raramente se recorda.

Este espírito, intermediário entre a alma e o corpo, não é um halo, uma aura, um ovo fluídico; é um verdadeiro organismo, mais complexo e delicado que o corpo de carne e cujas numerosas propriedades se assentam em localizações diferentes. Possui funções de nutrição, respiração, inervação; órgãos de locomoção e percepção; uma inteligência, livre arbítrio e cada uma destas faculdades se corresponde com partes do corpo físico. Inclusive o músculo aumenta em razão do trabalho medido que se impõe; também esse espírito se desenvolve através dos exercícios que lhes são próprios; ambições, inquietudes, esforços volitivos, virtudes, vícios. As práticas artificiais do esoterismo também o incrementam, mas de uma maneira precipitada e anormal. De todos os trabalhos do espírito, só a luta contra o egoísmo o afina e o purifica.

Igual que no corpo de carne, entram pela alimentação e respiração moléculas de toda ordem, assim, no espírito entram, se repartem, se instalam, vivem e morrem toda classe de espíritos subordinados. Estas visitas produzem na consciência as instituições, ideias, sentimentos, descobrimentos, tornando possível os acontecimentos da existência, as doenças, os reencontros, participando na produção dos sonhos.

*

Durante o sonho, o espírito se aventura mais ou menos longe. Quando vai a um país desconhecido, se vê estranho, pois nem seus próprios elementos, nem as células corporais tem afinidades com as coisas desta região. É bonito observar, instruir-se, ir e vir, mas o cérebro não pode levar nada a consciência destas investigações, pois suas moléculas são incapazes de registrar as mensagens que não as fazem vibrar.

Quando o caminho é curto, ao contrário, os objetos são mais familiares, a experiência se registra.

É preciso dizer que estas excursões podem muito bem ocorrer durante o dia, mas neste caso não se percebe, porque a força nervosa está quase toda empregada nos atos da consciência e também porque nosso cérebro não é robusto o bastante para suportar uma dupla tensão, nem nossa vontade tão calma para resistir aos novos desejos que farão nascer esta nova vida.

O sonho substitui vantajosamente todas as invenções pelas quais a ciência esotérica estabelece as relações voluntárias do homem com o Invisível. É um fenômeno normal, sano, ao alcance de todo o mundo, não exige um gênero de vida especial. Ademais, a Natureza lhe prepara com cuidado as melhores condições, o meio é organizado tendo em vista nossa instrução noturna como é organizado para nossa subsistência corporal. Durante a noite a circulação magnética-telúrica muda, a atmosfera é despejada de certos elementos muito ativos, a lua substitui o sol amarelo, outras ordens de gênios se aproximam da terra; o solo, o mar, as árvores, os animais emanam uma aura especial e exercem uma influência propícia na claridade do espírito.

Tudo pode se tornar causa de um sonho: anjos, deuses, demônios, defuntos, clichês, imagens do passado, fluidos sendo substituídos em espaços interiores, os espíritos das coisas e dos seres vivos, as imagens que acontecem nesse momento e tudo o que ocorrerá até o fim, em uma palavra, a Vida inteira pode ser refletida no espelho translúcido da imaginação.

Mas, os fatores mais frequentes do sonho são os clichês do destino pessoal e as visitas dos membros da família espiritual.

Nosso eu central volta a se unir ao coração do Universo, ao plano do Verbo. Estamos agrupados por famílias. Cada um destes grupos, nos quais todos os membros se parecem, inclusive corporalmente e, por conseguinte, fazem trabalhos idênticos, seguindo a mesma rota. Assim, por exemplo, o maior da família a que pertença possuí, com mais perfeição as mesmas faculdades que eu; ele encontra clichês diversos, porém mais rápido; pode ter recebido o clichê da tuberculose há trinta ou cinquenta anos, enquanto eu encontro há dez anos. Do ponto de vista de Sírio, esta diferença é insignificante, mas se eu estou já sobre a terra quando meu chefe de fila se torna tísico, posso em sonho sentir uma dor no pulmão para prevenir-me da prova, todavia longe.

Não se sonham coisas que não possuam em nós uma delegação, uma célula física ou psíquica da mesma natureza. Para que um clichê me afete, é preciso que encontre em mim um ponto onde agarrar-se; sonho é este contato. É por isso que o simples fato de ser advertido de uma prova diminui o rigor e aumenta nossa resistência; o olhar de pequenos gênios cujo trabalho nos faz viver se inquietam, preparando-me para a defesa e buscando ajuda por todos os lados.

Assim o ser do homem guarda os germens de todas as alegrias, todas as desgraças e todas as prerrogativas. Sua dignidade é muito alta, sua missão séria e sua responsabilidade pesadas.

*

O sonho, observado do ponto de vista físico, tem três valores: profecia, instrução, taumaturgia.

É profético quando é produzido pelo clichê de um acontecimento futuro. Sobre o que dissemos dos clichês, acrescentamos que nosso espírito pode ou recebe-los ou simplesmente vê-los. No primeiro caso, será um presságio pessoal; no segundo uma indicação fortuita que só interessará ao dormente de forma leve.

O sonho pode instruir, proporcionar uma informação, inclusive de ciência positiva, revelar segredos naturais, resolver uma dificuldade mecânica, dar uma iluminação. Mas um sonho não nos informa jamais sobre a moral de alguém, antes de que sejamos mestres de nós mesmos e conservar, a pesar de tudo, os sentimentos de indulgência, justiça e benevolência. Com efeito, a traição, a duplicidade só nos atacam quando merecemos por nossa conduta anterior. Escamotear uma prova é um mal cálculo, pois será preciso sofrê-la mais cedo ou mais tarde.

A atividade do sonho se transmite às vezes ao plano físico. A força de controlar os impulsos nervosos, passionais ou mentais, a força de submete-los à Lei de Cristo na esfera da consciência, o poder volitivo chega às raízes secretas, na esfera do inconsciente. Se consegue autonomia em meio aos sonhos mais agitados, é possível refletir, julgar, atuar, como no físico, com toda presença do espírito.

Então, o homem interior se torna responsável e os limites de sua ação se estendem singularmente. E como este estado físico não é acessível a não ser que nosso coração tenha penetrado o coração universal: o Verbo, as ações do sonho repercutem sobre o físico, por causa do poder que lhe confere esta penetração. Estabelecem-se relações com os anjos, se lhe dirige, se ordena com a permissão do Céu; se pode curar, dar sorte, evitar um acidente. Tal é a primeira escola da teurgia.

O cérebro é aparato nervoso por inteiro, a vida física se afina progressivamente, a matéria pesa menos e chega o dia em que o sonho não é indispensável para registrar na consciência as atividades espirituais. Acaba-se por se perceber simultaneamente o mundo físico e um dos mundos invisíveis, se é então, como dizem os brâmanes, um *dwidja*, um nascido duas vezes, um homem de dupla consciência. No entanto, saiba bem, só o discípulo perfeito do Evangelho percebe o reino central do Invisível, onde realmente habita o Verbo Jesus.

O cumprimento dos preceitos cristãos é a única porta desta morada misteriosa e a humanidade mais profunda é o único alimento que pode sustentar o organismo submetido a esta dupla tensão; nenhum regime, nenhuma droga, nenhuma disciplina humana permite à Luz eterna penetrar o ser do discípulo e regenerar até a medula de seus ossos. No entanto, quando um aviso é urgente, o Céu se empenha para nos transmitir, inclusive durante a vigílias ou no turbilhão dos assuntos, não importa onde. Assim ocorre com alguns fenômenos de telepatia, clarividência ou aparições.

*

Como interpretar os sonhos? Compreendemos o que vem do Espírito puro?

São ajudas, é preciso tentar compreendê-los para poder utilizá-los. Talvez pudéssemos perguntar por que o Céu não nos dá estas informações de forma mais inteligível. Para nos fazer trabalhar, aprender uma lição ignorada e que nos seria indiferente se a curiosidade não nos estimulasse, para levarmos a Vida, já que a tendência orgulhosa do mental nos desvia insensivelmente. A linguagem do sonho é universal, é a língua da vida. Os simples a compreendem, pois estão mais perto da realidade, porque estão contentes por viver. De todos os simples, o místico é quem melhor decifra esta linguagem e quem fala, pois é ele quem vive com mais profundidade e mais intensidade.

Os seres complicados, ao contrário, de cultura artificial, embrulhados nos sistemas, nas abstrações, nos jogos metafísicos, não percebem a Vida, senão somente seu reflexo mental.

A ciência dos sonhos é intuitiva, uma ciência do coração, uma arte como o falar. Exercitá-la é um trabalho excelente para a inteligência, para a imaginação, nos faz progredir no conhecimento de nós mesmos. Se a medicina hipocrática anotava cuidadosamente os sonhos dos doentes, a vida do sonho esclarece também a melhor forma os desdobramentos do ser interior e as imagens do inconsciente.

As noites que acreditamos não ter sonhado ou que temos sonhos que não compreendemos, contém quase sempre uma força muito ativa. Não se assimila o que nos está longe, assim, a união divina é difícil, porque estamos longe de Deus. O discípulo de Cristo quase nunca tem mais do que as trevas da fé para se conduzir.

Para julgar bem os sonhos divinos é preciso primeiro viver próximo da Verdade. Nada em nós é puro, nem o coração, nem os nervos, nem o princípio pensante; nenhuma percepção é portanto absolutamente exata. Além disso, o mal que emana de nós vicia a segunda atmosfera ao nosso redor e deforma os objetos. Na maior parte dos casos, o adormecido não vê com exatidão, não ouve bem as palavras de seus visitantes espirituais; os meios que separam os espíritos dos homens do plano da Verdade sempre falham e nossos sentidos, corporais ou espirituais, só nos procuram certezas aproximadas.

Por conseguinte, ao interpretar os sonhos, é preciso se guardar dos temores supersticiosos e recordar que somos velados pelo Cristo com a solicitude mais terna e mais vigilante.

Em segundo lugar, temos que apreciar a profundidade do sonho. Da mesma forma que quando trabalhamos, somente algumas partes do ser trabalham enquanto o resto está distraído, o corpo nunca dorme por inteiro. Além do mais, o espírito pode se dividir, um de seus órgãos pode descender às entranhas da terra e outro ir para a China. O espírito do corpo físico não é mais do que o corpo do espírito total, cada víscera tem seu espírito, o espírito de um braço pode sair de um lado, o espírito da cabeça de outro. Todos os encontros, produzidos em lugares tão diferentes, impressionam o cérebro se encontram uma célula receptiva; se estas impressões são simultâneas, os sonhos se superpõem; o adormecido sonha uma cena e, nesta cena há um segundo sonho. Desta forma, tenho visto até dez ou doze sonhos superpostos. Com calma é possível recordar, senão se confundir tudo em uma mescla incoerente. Não é fácil explicar os próprios sonhos e também vemos quão escabrosos podem ser os sonhos do outro.

Em terceiro lugar, é preciso conhecer as relações biológicas daquele que dorme; discernir as afinidades de cada uma das partes de sua individualidade com os três reinos, com outros homens, com seu país, sua religião, seu planeta. Esta condição é muito difícil de cumprir, mas o homem comum pode, sem ela, adquirir uma intuição suficiente para as necessidades comuns; no caso excepcional de um discípulo destinado a uma missão especial, se encontra sempre junto a ele um mais avançado para instruí-lo.

Há dois grandes tipos de sonhos: os que provem do temperamento e os que respondem a uma preocupação dominante. O homem interior, com efeito, recebe a influência dos elementos e dos planetas, do *Espiritus Mundi*, como diziam os hermetistas, sua vontade imprime ao temperamento uma direção conforme seu ideal: busca de fortuna ou de honras, ciência ou paixão.

Quando um pintor sonha com a mesma cena que um químico, por exemplo, o sentido da visão será diferente; ver um curso de água pressagia coisas distintas a um político ou uma dona de casa. Além do mais, cada pessoa, por causa de sua própria individualidade, por causa da qualidade central de seu eu, comunica-se com um centro diferente do Invisível. Um terceiro fator é a diversidade dos simbolismos. É o bispo Sinésio quem menciona esta importante particularidade. Isto obriga a cada um a construir um dicionário pessoal. Mas se se segue ao Cristo com todas as forças, a parte da Natureza se reduz ao mínimo, nos sonhos como em todas as atividades, enquanto que a parte do sobrenatural aumentará.

Estas anotações são capitais para nós que estamos consagrados ao estudo da Luz evangélica. Porque buscamos à Deus através de nossos trabalhos e nossos temperamentos individuais, não

fugimos dos domínios do natural. Ao ser ardente a nossa busca, sincera e desinteressada, menos poder tem sobre nós as cadeias da matéria, as rotas astrais e os satélites dos deuses. A chama de nossa devoção a serviço de Jesus libera todos os nossos organismos. Por isso, durante a noite, não são mais os habitantes do reino elemental, de tal planeta, que nos vem visitar, senão os servidores particulares invisíveis do Verbo. As forças que recebemos não descendem mais de tal ou qual ordem criada, chega em linha direta do mundo central vivo da Luz, da Verdade e da Vida.

Como consequência, a interpretação de nossos sonhos é especial. Deriva de uma lei primitiva, a saber, que a vida da matéria é sempre oposta à vida do Espírito. Uma é o egoísmo, a luta pela vida, a terrestre, outra é o amor, o sacrifício, o celeste. Assim, aos olhos do discípulo do Evangelho toda felicidade mundana é uma desgraça divina, todo sofrimento corporal é uma alegria espiritual e, inversamente, se se chora em sonhos, se nos apenamos, se nos fazem mal, serão prazeres, sorrisos e êxito para a personalidade exterior.

O soldado do Céu é instruído diretamente pela Verdade, deixe-me contar-lhes. É o Verbo Jesus quem lhe conforta e lhe ensina. Nenhum grão cresce sem que a porção de terra onde foi semeado sofra ao proporcionar-lhe o alimento necessário. O homem natural é a terra; a faísca do Verbo em nós é a semente. Para que esta luz se torne chama é preciso que sua envoltura, a personalidade se deixe consumir.

Para nós que não buscamos satisfazer nem as cobiças do corpo, nem as curiosidades da inteligência, senão somente o instinto sagrado do encontro divino; para nós que só nos preocupam os estremecimentos silenciosos da regeneração mística, que nos esforçamos em renunciar ao eu, que nos nutrimos de um só desejo: Jesus e Seu Reino, os sonhos se revestem de gravidade e profundidade, pois são as visitas dos amigos do nosso Amigo.

Para os sinceros discípulos que queremos ser, é bastante lógico que, por exemplo, os sonhos de cantos, música ou danças sejam presságios de dores morais; os sonhos fúnebres, os mortos, indicam uma transformação interior próxima, mais ou menos completa; os seres baixos, os objetos repulsivos indicam o êxito material; a escola, a igreja, o convento, os sacerdotes, os monges significam uma prova purificadora, iniciação prática. Ver o Cristo, ainda que só em imagem, é um grande sofrimento; aquele que conversa com Cristo em sonho ou que recebem algo Dele, uma moeda, um copo d'água, pode se alegrar: vai dar um grande passo em direção à perfeição, vá sofrer uma das dores que o Cristo sofreu. Ações simples como semear, subir uma encosta, descender, andar num carro, nas vias de trem, receber a chuva, referem-se ao curso diário da existência e se explicam por si só. O automóvel indica um avanço gratuito. Os animais, os homens negros são sempre perigosos, assim como os gigantes ou os monstros. Para o verdadeiro discípulo, o cachorro é um amigo, o cavalo um mensageiro e o leão um protetor.

Estando o discípulo prevenido, como vos dizia há um momento, em guardar plena posse das suas faculdades durante o sono, chega a colaborar em um dos grandes trabalhos místicos, o do Labrador ou o do Soldado. Permita-me dizer algumas palavras sobre estas duas importantes funções, que alguns dentre vós podem um dia ser chamados a cumprir.

*

A grande batalha que se trava desde o começo do mundo entre a Luz e as Trevas tem por árbitro o Pai. O chefe da primeira armada é Cristo, o chefe da segunda é Satã. Tanto um como outro recebem do Pai sua inteligência, seu poder, seus soldados; suas forças são iguais, mas o Cristo tem algo mais que o Adversário, algo muito difícil de conceber, se poderia chamar de uma vantagem: a sabedoria, se compreendemos todo o alcance desta palavra. A arma do Céu é a doçura. Seus soldados dão tudo

o que possuem: dinheiro, amizades, ciências, até sua vida. A arma do Inferno é a cólera, seus soldados ferem, roubam e matam. Esta batalha mística é conhecida em todas as tradições.

Outro aspecto do drama cósmico é a agricultura. Por onde os soldados das Trevas acabam de destruir e em todos os lugares onde os soldados do Céu tem regado com suas lágrimas e seu sangue, aparecem os serventes do trabalho do grande Semeador. Seu trabalho é misterioso, preparam a obra definitiva; João Batista é seu chefe. Por seus cuidados, o Reino de Deus aumenta insensivelmente, os desertos se fertilizam, os campos se cobrem de flores e frutos, as sendas apenas visíveis entre a vegetação se tornam rotas direitas e planas. De tal forma que, no apaziguamento final, o Pacífico poderá mostrar-Se no grande Sol, e que Se manteve escondido durante séculos inumeráveis, quando Ele foi a coragem de todos os Seus soldados e a perseverança de todos Seus lavradores.

Estes dois exércitos, estes dois povos tem seus chefes. Temos dito quais são seus monarcas; cada um é representado sobre cada planeta: Satã pelo Príncipe deste mundo, Jesus pelo Senhor deste mundo. O Príncipe centraliza todo o mal que se comete aqui embaixo, o Senhor colhe todas as orações e todo o bem que se faz. Alguns homens, os de mais mérito e mais humildade, recebem a visita deste Senhor, general entre os soldados, mestre entre os lavradores, amigo de Deus e unido a Cristo de tal forma que tem seu aspecto, as vezes até corporalmente¹.

1. Existe algo análogo no misticismo muçulmano.

O Senhor deste mundo e também o Príncipe se revestem de um corpo físico quando julgam ser útil; eles vão e vem na vida, como um de nós e muitos se relacionam sem reconhecê-los. Felizes os que descobrem a identidade deste Senhor sob a aparência da qual se reveste.

A maior parte dos discípulos de Cristo só se aproxima dele em espírito; ele se apresenta então sob forma familiar, mas com atributos que nenhuma outra criatura poderia carregar, o Céu não lhe permitiria. Ele não toma a figura de Cristo, só em casos muito raros; a imensa maioria das aparições de Cristo a pessoas despertas, extáticas ou durante o sonho, não são verídicas; são servidores que tomaram o manto de seu Mestre.

Nada disse lhes será de utilidade imediata, sem dúvida. De alguns cento de pessoas que me terão escutado, quem sabe uma poderá me compreender, uma só quem sabe se colocará ao verdadeiro trabalho, ao único necessário; é por esta única pessoa que dou estes detalhes e ainda que falasse dez anos ao vazio, o faria com alegria se, no décimo primeiro ano, encontrasse um coração maduro para a ação.

Termino esta longa incursão nos domínios secretos do misticismo.

Para aproveitar estas colaborações celestes o discípulo deve ser simples e uno; habitar o reino da Paz. O fenômeno do sonho não lhe aparece algo excepcional, a seus olhos, é um dos modos da Vida; é a mesma coisa que a vigília, é o complemento, a contrapartida, a prolongação. Ele interpreta as circunstâncias materiais, pois todo o universo é para ele a expressão do poder da vontade divina. Não percebe as divergências, mas sim as concordâncias; não as similitudes aparentes, mas as identidades profundas. Melhor que o ocultista, sabe que tudo se corresponde, que cada molécula de seu corpo possui uma afinidade com tal fenômeno, tal gênio, tal ciência, tal planeta, tal tentação, tal virtude. Sabe que as imagens invisíveis podem entrar no mental por muitas portas: pelo espírito do dedo, do osso, do osso, como pelo cérebro. Quando luta pela noite contra os negros adversários, não se surpreende na manhã seguinte de sentir fisicamente as pontadas e as contusões; se algum Amigo secreto lhe reconforta com algum fermento ou maná, não se surpreende por não sentir fome, nem sede, até mesmo por vários dias.

Assim, já se vê, há uma enorme diferença entre as visões superficiais, naturais, que atravessam as nossas noites e as atividades místicas que ocupam alguns indivíduos de elite. Como adquirir estas prerrogativas conhecidas em teologia sob o nome de visões, êxtases, raptos, como merecê-las? Não se deve buscar adquiri-las, pois o verdadeiro cristão se entrega para tudo a seu Mestre; não se pode merecê-las, pois tudo o que vem do Céu é gratuito, nenhum esforço pode pagar os dons de Deus. O que é possível é colocar-se nas condições menos desfavoráveis para receber estas ajudas.

*

O sonho é um fenômeno bastante importante para ser digno de alguma precaução. É o momento de atividade interior mais alta. O espírito do homem piedoso sobe até às regiões mais elevadas que é capaz de alcançar, descendendo no despertar; mas, sem preparação, não subirá até o limite de sua força ascensional.

Primeiramente, como dormir?

É preciso dar ao corpo o tempo de repouso necessário. O sonho antes da meia noite é melhor. A cama deve estar disposta com a cabeceira ao norte ou este. A cor geral do quarto, cortinas, mantas que dão mais calma são o azul e o violeta; para dar mais força a cor dominante deve ser o amarelo imperial. É bom deixar as janelas abertas e as cortinas fechadas. Não dormir com luz que dê direto na cabeça. Alimentação leve e uma boa higiene antes de nos metermos na cama. Tudo isso no material.

No espiritual, há duas preparações; uma geral: a boa conduta segundo o Evangelho; outra imediata: a oração só à Deus. A oração dominical é suficiente, mas podemos mudar a quarta petição, dizendo: “O pão nosso de cada noite dai-nos hoje”. Então o Pai, Senhor de todos os seres, inclusive aqueles cuja aproximação é temível, nos escutará.

Ele nos envia Sua clemência evitando-nos as contaminações espirituais, que as nossas próprias faltas diárias atraem. Envia-nos Sua proteção, afastando as possíveis ações de certos parasitas invisíveis. Sua misericórdia e Sua ajuda são anjos reais que asseguram a integridade de nosso espírito vital e o intercâmbio com a Luz de nosso espírito psíquico.

O “pão de cada dia” comporta todas as demandas possíveis, pois tudo o que se pode receber espiritualmente nutre algum de nossos corpos invisíveis. Mas, para que nossos sonhos sejam mais sãos, mais úteis, mais frutíferos, não os peçam nada extraordinário, nem que tratem de coisas misteriosas. Peçam iluminação sobre as faltas do dia, sobre os trabalhos do dia seguinte, lhes sejam mostrado o melhor método para realiza-los bem. Esta é a sabedoria prática, pois estamos aqui para cumprir o dever cotidiano.

Seguramente vocês já se sentiram como buscadores sem saída, já passaram várias noites buscando encontrar a solução de um problema ou o meio de salvar um obstáculo e que, não encontrando nada, confessaste ante vós mesmos, ou diante de Deus, vossa ignorância e vossa impotência e que a dificuldade se resolveu sozinha, em alguns dias, ou até mesmo em algumas horas. Vossas inquietudes eram uma oração, oração viva e, portanto, oração poderosa. O Céu vos respondeu desde que desejastes alcançar a calma necessária.

Com efeito, somos uns tiranos; é preciso, custe o que custar, que nossas faculdades e nossa vida funcionem segundo as opiniões que temos construído. Acontece que frequentemente elas não podem cumprir essas exigências, como uma locomotiva não circularia por um caminho. É preciso deixar então descansar os nossos órgãos psíquicos. Não querer ter sonhos a todo custo, não tyrannizar

nada em vós. Peça ao Céu, jamais empregue drogas, talismãs, nem ritos mágicos para experimentar sonhos reveladores.

Não somos mestres de nós mesmos durante a vigília, muito menos durante o sonho; precisamos de auxílio contra possíveis inimigos, uma direção, um escudo. Não tentem, sob o louvável pretexto de ajudar aos demais, sair em corpo astral, não inclinem vossa vontade para estes trabalhos. Digam ao Amigo: Toma-me se posso ser bom em algo; se não, deixa-me em minha ignorância e minha torpeza.

Quando, de noite, algum gênio aparece, é preciso acolhê-lo com a cordialidade de quem tem a confiança em Deus; mas esta segurança, já rara no plano físico, é muito difícil de manter durante o sonho. Seja determinado diante de todo visitante que não tenha chamado, peça a ele que reconheça Jesus, Filho de Deus encarnado; não siga seu conselho, não utilize sua informação senão depois de um cuidadoso exame. Pois, é preciso ter prudência extrema em nossas relações com o Mais Além; Lá se encontram usurpadores e simuladores, até mais que aqui. Frequentemente os obreiros das Trevas são belos e sabem seduzir. O Cristo não tem medo de nos propor, com a simplicidade da pomba, a prudência da serpente. E o próprio conselho da prudência me proíbe de dar conselhos práticos: seria abrir uma saída a tais inimigos emboscados.

Para recordar os sonhos, primeiro é preciso pedir ao Céu, antes de dormir; assim, quando o sono termina, você poderá ser acordado alguns segundos necessários para tomar nota em duas ou três palavras. Pouco a pouco a memória se habituará. Mas, se somos negligentes, o anjo não nos despertará mais. É importante ir dormir com a serenidade mais perfeita possível; não se pode obter mais do que pela oração este esquecimento momentâneo das angústias, das cobiças, dos remorsos, dos sofrimentos. A calma é necessária para dormir bem, para acordar dos sonhos e para compreendê-los. Quando temos os sonhos calmos não nos parecem muito naturais e lógicos? Então podemos compreendê-los.

Desta forma nos habituaremos gradativamente a reconhecer se o sonho é pessoal ou alegórico; se se relaciona com a ciência, a religião ou a pátria; se tem um valor profético ou atual; se concerne a um amigo, ao passado ou ao porvir; se é clarividente, telepático ou visão.

*

Mesmo que eu já tenha falado amplamente sobre este tema, que não parece ser muito sério, não pense que o considero essencial. O Cristo ama nos alertar, Ele nos dá a esperança em meio a uma doença, uma alegria ou um sonho, Ele é o Mestre de Sua decisão. Considerar os sonhos como estupidez ou se preocupar em demasia são dois erros. É preciso recebê-los com atenção e reconhecimento, como lições benevolentes e dizer ao mesmo tempo que nossos vícios e nossos defeitos nos impedem de entender perfeitamente estas explicações. Quando se trabalha para realizar o Evangelho, se pode esperar que um ou dois por mês de nossos sonhos sejam verídicos, descendentes do Reino eterno. É um pequeno resultado, mas é um resultado. Somos débeis, o Céu não pode nos oferecer um alimento rico demais, não o assimilariamos. Ele nos administra pequenas experiências, proporcionadas à nossa debilidade, pequenos trabalhos que nunca cansam nossa versatilidade.

Tudo é admirável diante o olhar piedoso do discípulo, todo espetáculo é eloquente, posto que lhe fala de Deus. Admiramos os cortejos dos sonhos; eles nos encaminham para uma adoração mais inteligente e mais profunda.

AS BENÇÃOS DA MORTE

**“Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono”
(Jo 11:11)**

Sendo verdadeiramente espiritualistas, se conformamos nossos atos à nossas crenças, o Reino dos horrores perde prestígio de pavor e sua aura de mistério aos nossos olhos, o que traz consigo um alívio, um passo adiante, a entrada em um mundo novo. Observemos, portanto a Morte com toda serenidade, acolhendo com um sorriso sua inevitável visita, pois é de Deus de onde tem seu poder e sua força é uma das formas da força do Verbo. O medo que os homens sentem em sua presença, se a embriaguez não os tira de si mesmos, é totalmente física e tem sua origem na inércia da matéria. Os velhos sofrem mais do que os jovens, porque os espíritos corporais, habituados a este mundo, a esta luz, a esta atmosfera, aos objetos familiares, temem perder todas estas cercanias habituais, temem o desconhecido que lhes são apresentadas e se agarram desesperadamente a esta casca obscura que é sua casa. O eu conserva mais a calma, geralmente, e as últimas contrações, que impressionam dolorosamente aos espectadores da agonia, não são, em sua maior parte, nada além do que automatismos físicos.

Os fenômenos da morte são praticamente desconhecidos. Tal afirmação parecia, sem dúvida, excessiva a investigadores como os senhores, que estão familiarizados com os ensinamentos das religiões e os mistérios das iniciações. O que quero dizer é que o lugar onde se efetua a partida das almas está escondido, o ar do país dos mortos é insalubre para os vivos. Experimentadores tenazes tem podido se aproximar e perceber algo através de uma fresta de muro, quando os guardas lhes haviam dado as costas; mas o que viram é incompleto, não se pode captar mais do que alguns detalhes isolados, uma silhueta no meio da multidão, uma sílaba entre mil palavras. Apesar disto, a pequena informação parcial, incompleta, tem bastado para construir sistemas admiráveis, de onde tanta gente tem tirado coragem para morrer, o heroísmo mais difícil para viver e que nós, ainda hoje, estudamos todos eles com respeitosa surpresa.

Não quero incitar o desdém por estes velhos rishis, patriarcas, hierofantes cujo grande trabalho impõe a deferência, mas somente dizer que a descrição exata e completa da morte não está escrita em parte alguma. Foi dito que as provas dos mistérios antigos consistiam na passagem consciente do neófito através das portas das ombras; sim, o iniciado conhecia a morte como se conhece uma cidade a partir da visão de uma fotografia. Só pode falar sobre o que se passa no reino das sombras quem já entrou pela porta e só entra legitimamente quem recebeu a chave da vida; é o homem livre.

Esta tarde vos escutarão apenas as noções elementares, ainda que eu acredite que sejam exatas. Não vos peço que as aceitem sem controle, ao contrário; e isso é possível, pois é verificável por qualquer um que peça ao Cristo que lhe instrua diretamente.

*

Há diferentes espécies de mortes, pois há inumeráveis formas de vida que se sucedem, se substituem e se transformam todas mutuamente. Enquanto que os homens podem distinguir as mortes interiores, espirituais, psíquicas e as mortes exteriores, fisiológicas. As “noites” do misticismo católico são mortes, uma iniciação, um batismo comportam uma morte prévia, pois são renascimentos. Porém, enquanto a morte corporal consiste unicamente na partida do espírito.

Assim, certos indivíduos vão e vem, exercem sua profissão, parecem viver em uma palavra, mas seu espírito abandonou o corpo há muito tempo; é a vida inteligente da matéria que faz a máquina funcionar. Quando sobrevinha a morte física, quando o espírito corporal se vai de uma vez, apenas seus pais e amigos ficam afetados; seu eu apenas compreenderá.

Outros casos menos extraordinários se encontram quando o espírito de um homem vivo está em parte exteriorizado no Invisível à busca de um ser com o qual quer unir-se. Este deslocamento, que pode se produzir uns anos antes da morte, não tem outros efeitos mais do que uma debilidade física e mental mais aparente que o caso precedente, porque o sistema nervoso vegetativo não pode retomar sua autonomia enquanto o espírito se afasta parcialmente. Sobretudo, é o espírito que fadiga as envolturas físicas e outras, das quais se serve para atuar; se vê frequentemente um grande vigor corporal em seres débeis de inteligência ou privados de razão.

Quando a hora da partida se aproxima, o anjo da morte – Azrael como chamam os cabalistas, Yana segundo os brahmanes – descende na habitação fúnebre. Para dizer a verdade, não é ele próprio quem vem; o taciturno mensageiro só aparece aos raros homens bastante intrépidos para enfrentar o resplendor diamantino de seus olhos nunca fechados, aos seres cujos desdobramentos revolucionam o mundo, aos desconhecidos misteriosos cujo olhar está possuído pelas magnificências da eterna Luz. Em geral, é um gênio subalterno que fica na cabeceira do moribundo. Depois outros dos espíritos se apresentam e anotam o bem e o mal que se fez em ideias, palavras e ações; chegam todas as criaturas com tudo que foi bom e mau; todas estão ali, desde a pedra até o deus, as ervas, os animais, os humanos vivos e mortos, os invisíveis, todos dispostos a testemunhar ou a clamar por justiça.

É por isso que a agonia dos malvados é tão penosa. O espírito se espanta sobretudo em suas regiões corporais; corre enlouquecido por todos os lugares do corpo, buscando ajuda e, desgraçadamente, o amor dos que ficam é demasiadamente pessoal, utilitário demais, no melhor dos casos, para oferecer o auxílio que necessita. O moribundo não pode ser ajudado a não ser por uma força mais tranquila e mais elevada; ele a encontra no socorro da religião, geralmente.

Um dos efeitos notáveis das cerimônias religiosas é justamente estender uma ponte entre certo lugar do visível e tal círculo do invisível. Todas as religiões prescrevem ritos funerários e, se tivéssemos tempo de analisar estes numerosos códigos, juntaríamos rapidamente um monte de documentos bastante curiosos. Mas, como separar o verdadeiro do falso?

Em vez de estudar os usos dos povos distintos de nós, pela época, distância ou mentalidade e a natureza de sua evolução, habituados a esforços que a diferença dos meios invisíveis nos faria impossíveis, observemos o que está à nosso alcance, o que tem sido organizado para nós, para nossos pais, para nossos séculos e por homens da nossa raça.

Examinemos os ritos do sacramento católico da Extrema Unção, tentando extrair seu sentido e compreender seus efeitos sobre o pobre espírito desorientado que se escapa da prisão deste corpo ao qual havia acabado por se acostumar tão comodamente.

*

Primeiramente, o sacerdote chama a paz sobre a casa e sobre seus habitantes; depois dá o crucifixo para ser beijado pelo enfermo e recita sobre ele a fórmula conhecida de mundificação: “Asperges me, Domine, etc.”. Se possível, o faz confessar e lhe dirige algumas palavras de exortação. O versículo iniciático: “O Senhor seja convosco e com vosso espírito” abre uma longa súplica à Jesus Cristo para a felicidade, alegria, saúde, ajuda dos anjos, afastamento dos demônios e santificação. Depois, outra fórmula pede ao Pai o envio dos anjos protetores. Recita-se os sete salmos de penitência, cujo nome indica suficientemente o uso, e as litânias correspondentes. Aqui, o sacerdote, através de três sinais da cruz e imposição das mãos, caça as forças diabólicas do doente, no nome da Trindade e com a ajuda dos santos. Ele molha o polegar no óleo santo e untando em cruz os olhos, as orelhas, o nariz, a boca, as mãos, os pés, os rins, chama a misericórdia do Senhor

sobre a função de cada uma dessas partes do corpo. Em seguida o Pai Nosso, seis Resposos para o socorro divino e três Oremos, que pedem a saúde interior e exterior.

Na agonia, se o moribundo não pode falar, o sacerdote o substitui e reza em voz alta em seu nome. Estas orações compreendem, entre outras fórmulas, litânias especiais que invocam o socorro de Cristo pelas circunstâncias análogas de Sua vida: Sua paixão, Sua morte, Sua sepultura, Sua ressurreição, Sua ascensão. Depois, uma ordem dada à alma do paciente em nome das pessoas divinas, dos anjos e santos, de partir deste mundo para um lugar de Paz; uma petição de clemência ao Pai, mais quatro orações reiterando esta petição e apoiadas sobre os fatos análogos da história santa e da história da igreja; depois se recitam os capítulos 17 e 18 de João; ao final uns salmos e outras três referências ao Cristo pelos méritos de Sua agonia.

Quando a morte se aproxima, o sacerdote invoca, em voz alta, perto do ouvido do moribundo, a Jesus e Maria, rogando-lhes que recebam a este espírito, dando-lhe o repouso e para que tenham misericórdia dele.

Reparem que a administração do último sacramento comporta três fases. Uma preparatória, onde se purifica o lugar e o sujeito; uma segunda evocatória onde o sacerdote chama à Jesus, os anjos e os santos; a terceira está esticada de cima a baixo; em terceiro lugar vem o sacramento propriamente dito que consiste em uma magnetização superior. Ao final, o sacerdote se volta para Deus, recapitula suas demandas como um todo e depois eleva seus agradecimentos, seu reconhecimento e sua confiança.

Um homem tem necessidade de uma força: o doente; outro homem possui a chave deste tesouro: o sacerdote. O primeiro permanece passivo, não faz mais do que se colocar, pela confissão e arrependimento, na atitude moral da receptividade. O segundo lhe ajuda a tomar esta atitude e lança um fio de transmissão à força demandada: é a oração; ele a une ao próprio lugar de onde nasce, ou seja, à Jesus; ajuda para tê-la por intermediários benévolos, os anjos e os santos; o fixo ao polo negativo, o doente; a força passa e o operador faz com que o paciente a absorva. Depois agradece os auxílios, os faz retornar e volta a colocar tudo em ordem, ou seja, nas mãos de Deus.

O procedimento pelo qual a Igreja assiste aos agonizantes se pode resumir assim: um homem treinado a viver espiritualmente, pela contemplação no despertar invisível de Jesus – o sacerdote – tenta mediante a oração levantar o doente que se debate, e sustentar seu espírito desamparado neste mesmo despertar. Para isso utiliza a imagem luminosa e viva que cada um dos atos que Jesus deixou na segunda atmosfera, ele aplica o sofrimento corporal do Salvador ao sofrimento corporal do doente, a inquietude de Jesus à inquietude do doente, o poder psicológico deste antigo profeta ao desenvolvimento do doente; evoca os triunfos de Jesus: ressurreição, ascensão, para tentar que o doente sinta algum alívio pela Sua presença invisível.

Assim, a Igreja reconhece a antiga teoria de um mediador plástico e vibrante onde se conservariam as imagens de todos os acontecimentos passados. Na medida em que o protagonista de um ato qualquer encarna a Verdade neste ato, a Vida descende para animá-lo, devolvendo à sua existência física frutuosa e perpétua seu reflexo nesta “imaginação” da terra onde os viajantes pode reencontrá-lo, séculos mais tarde. Quando o fator deste ato é perfeito e poderoso como Jesus, os reflexos se multiplicam e possuem uma energia particular, de maneira que os homens que se inclinam a este modelo reencontrem mais rapidamente estas imagens, beneficiando-se mais profundamente.

Tal é, de forma geral, o arcano da virtude dos sacramentos. Estes atuam em proporção à profundidade com a qual o fiel e o sacerdote entram no oculto do ato crístico que é sua raiz. A forma sacramental contém sempre duas forças: uma central, proveniente de Jesus, toda espiritual,

mas assimilável segundo a fé prática do sacerdote e do receptor; uma exterior, fluídica, que não é mais que a soma das vibrações acumuladas por todos os que realizaram os mesmos gestos e pronunciaram as mesmas palavras. Para que a primeira destas virtudes penetre a substância da alma e cure inclusive o corpo, é necessário a santidade do pontífice e o humilde e ardente desejo do devoto.

Mas, voltemos ao nosso tema.

*

Para compreender o que ocorre na morte, recordemos que no homem certas forças vêm da terra, outras do cosmos, outras vem diretamente de Deus. A morte nada mais é do que a coleta pela alma da terra do que nos emprestou no nascimento. Se lhe restituímos de bom coração, não se sofre. Em caso de recusa, haverá desprendimentos inevitáveis, feridas e arrependimentos até que o defunto compreenda a sabedoria de uma resignação confiante. As pessoas de bem sofrem bem pouco, os que, ao contrário, idolatram a si mesmos e suas qualidades, experimentam o vazio de suas glórias. O corpo, o duplo, os sentimentos, as funções mentais, a memória, a habilidade profissional, os gostos particulares, tudo isso é retomado pelos deuses terrestres, para uma purificação, uma reparação para ser colocado em reserva, em um lugar especial, a fim de servir mais tarde, seja para aquele que já havia recebido o depósito, seja alguém da mesma família espiritual.

No que concerne ao corpo físico, o enterro é preferível à cremação. Vejamos o motivo: cada individualidade humana, posto que deve administrar um dia uma parte da Natureza, recebe, entre outros trabalhos, uma porção determinada de matéria terrestre para evoluciona, fazendo-a conhecer pela experiência o modo humano da vida. Um átomo de carbono, por exemplo, trabalha como mineral, depois como vegetal, depois como animal, segundo as qualidades diferentes da vida terrestre em cada um destes três reinos. Acabará seu ciclo entrando em uma individualidade humana, seja pela alimentação, respiração ou outra porta funcional, ou seja, por outras vias hiperfísicas.

Todo um sistema de canais e de fios está estabelecido para aportar a cada um de nós, de todos os lugares do mundo, as partículas materiais que nos estão destinadas. Assim, quando entro na casa do padeiro, este comerciante me dá, entre todos os seus pães, aquele cuja matéria prima foi escolhida para mim, entre todos os campos de trigo e entre todas as espigas. O mesmo vale para tudo o que se incorpora à minha individualidade.

No nascimento, cada homem recebe uma parte da massa total de substância terrestre que lhe é atribuída desde a origem e que deve retornar à terra, afinada pelo trabalho próprio da vitalidade humana. O quadrado de solo que receberá o cadáver está fixado também antes que nasça. Os motivos que determinam o lugar da morte, o cemitério e a localização da tumba são só aparentes. É como ver imigrantes, que passaram toda a existência longe, voltar ao país natal para que seu corpo repouse ali onde lhe pedem as partes ocultas da matéria.

Além do mais, cada homem está ligado magneticamente aos minerais, às plantas e às bestas. Nascem e morrem juntos, não se deve dispensar o que Deus reuniu. Ao queimar o cadáver, além de ser brutal a liberação dos elementos psíquicos, se dobra a angústia e o sofrimento; uma enorme quantidade de partículas espirituais recebe uma morte violenta e as do solo, onde deveria ocorrer o sepultamento, esperam em vão o trabalho previsto e ficam frustradas de ter uma evolução legítima e uma recompensa: a luz própria da vitalidade humana, que as células do cadáver deveriam comunicar-lhes. Ocorre um duelo entre a atividade natural e mal estar em um pequeno espaço de plano físico.

O embalsamento deve também ser evitado por motivos contrários. Retarda a evolução, imobiliza o duplo; impede o jogo normal do retorno das almas. Se o tempo não fosse curto eu teria algumas piadas bastante curiosas para lhes contar sobre as múmias egípcias.

Algumas medidas poderiam ser tomadas enquanto o sepultamento propriamente dito, na fabricação do ataúde, na construção do sepulcro. Mas tudo isso está previsto pelos regulamentos administrativos, e como só há leis injustas em aparência, nosso primeiro dever é nos submeter, ainda que sofram um pouco.

É bom fechar os olhos do defunto: isto o separa deste mundo; talvez no momento de dar o último suspiro, pode entrever algum espetáculo que nenhum indiscreto deve descobrir no fundo das pupilas a partir de então imóveis.

Os gênios dos quais temos falado acompanham o comboio; outros seres também, passantes invisíveis e defensores; com frequência estes últimos são cães: é o que haviam entrevisto os bárbaros, que degolavam sobre a tumba do chefe os seus animais domésticos; e o que haviam visto perfeitamente os sacerdotes do Egito e da Índia. O cão é o amigo do homem.

O duplo flutua ao redor do ataúde e busca avidamente as emanções fluídicas dos incensos, as aspersões, os gestos sacerdotais e as palavras rituais. É sempre útil celebrar um serviço religioso, ao menos fazer alguma oração sobre o corpo. O ritual católico dos funerais é extremamente instrutivo. Com o enterro cumprido, o duplo fica junto à tumba e a guarda, a menos que um poderoso interesse o chame a outra parte. É assim como os fantasmas das vítimas aparecem nos lugares onde perderam a vida, onde o avaro guarda seu tesouro, e o inventor suas fórmulas. Tais manifestações, sobretudo quando tomam um caráter pavoroso ou desordenado, provem de seres que não fizeram o bem, que só acreditaram na matéria, que não aprenderam sobre a resignação. Suas inquietudes no Além dão início à sua purificação. Pelo pouco que conheceram dos fatos psíquicos, sabem que estes fenômenos são frequentes. Poderia contar sobre um grande número dos quais tenho sido testemunha; só citarei um, que mostrará como o duplo permanece às vezes séculos unidos à matéria.

Trata-se de um caçador de tesouros que conheci no passado e que vivia em La Plata. Ele operava mediante a magia e com a ajuda de uma sonâmbula. Conheceu a existência de subterrâneos, debaixo de um estabelecimento religioso abandonado e enviou sua sonâmbula para descobri-lo. Ela lhe traçou um plano das covas e lhe afirmou que em uma delas se encontrava depositado um tesouro desde o final do século XVII. O homem fez todos os preparativos e numa bela noite, foi com sua vidente até estas ruínas. Encontrou a entrada dos subterrâneos, ascendeu uma lanterna, entrou nos corredores guiado pela sonâmbula adormecida. Em certo momento, ela grita pavorosamente; vê um sacerdote, disse ela, pertencente a uma ordem reconhecida pela forma particular de seu penteado, fazendo-lhe gestos ameaçadores. O magnetizador lhe ordena avançar; a infeliz dá alguns passos tremendo e, de repente, colapsa com um grande grito: “Me mataram”. Ela estava completamente morta. Imaginem o que foi o retorno do mago, no escuro, a duas léguas da cidade, com um cadáver nos braços! Nunca mais voltou a tentar descobrir tesouros.

Na imensa maioria das mortes, o espírito se afasta ao término de alguns dias. Justo depois do último suspiro, ocorre o juízo. Assim como eu dizia há pouco, uma numerosa assistência invisível se situa ao redor do carro fúnebre. Dois destes gênios conduzem durante três dias o espírito do defunto a todos os lugares onde há vivido e o coloca diante de todas as criaturas com que se relacionou e todas aquelas que teria conhecido se houvesse cumprido seu dever plenamente. Esta viagem se termina diante do tribunal do Juiz, nosso Jesus. Geralmente Ele está só; às vezes estão ao Seu lado o Senhor da terra e a Virgem Maria. Ante essas presenças tão puras, mas que ocultam seu brilho segundo a debilidade dos olhos que as contemplam; o espírito desencarnado percebe suas

faltas como em um espelho; se confessa espontaneamente, todas as mentiras voltam e os crimes escondidos são descobertos. O remorso e o arrependimento são tais que o espírito reclama de si mesmo a expiação.

Estão também um acusador, o anjo malvado e um defensor, o anjo da guarda e, com ele, a Virgem, que coloca na balança sua poderosa intercessão. Em todo caso, a sentença é sempre visualizada; a Misericórdia se situa sobre a Justiça.

É o espírito inteiro que sofre este juízo: o inconsciente e o consciente, fluídos, mentais e psíquicos; porque cada uma destas entidades compostas possui livre-arbítrio. Pronunciada a sentença, elas retornam à região terrestre respectivas de onde foram tiradas.

A memória e a inteligência não seguem o eu, ficam aqui; não se podem então recordar encarnações anteriores e as paramnésias não vem do cérebro, nem do intelecto, senão do espírito.

Este último se devolve ao lugar onde reside o ideal que adorou por seus atos, suas inquietudes e seus desejos. O espírito de um pintor vai a um planeta de luz; o espírito do músico a um planeta de harmonia; a do mentiroso a um lugar onde tudo é decepção. Cada paraíso, cada inferno, que cada religião descreve, existe objetivamente. O espírito do velho guerreiro escandinavo sobe a um Wahalla real; o espírito do católico fervoroso repousa em uma atmosfera de doçura, de entusiasmo e de reconhecimento; o espírito do falso adepto é encadeado em um espaço imóvel e vazio. Em uma palavra, cada um experimenta a realização de suas mais queridas esperanças.

É exato que se temos sido bons filhos, bons esposos, bons pais, bons amigos, encontraremos do outro lado nossos antepassados, nossos amigos, as pessoas queridas, mesmo que se tenha passado muito tempo desde que as perdemos de vista. Mas, se quiserem evitar decepções ou surpresas do outro lado, não se esqueçam de que, em nossas simpatias e antipatias terrestres, as forças da carne e do sangue são poderosas e que sua influência cessa na morte, pode ser que um ser adorado se torne rapidamente indiferente ou um inimigo, simpático. Às vezes também, devo reconhecer, quando nossos sentimentos são puros, a separação os exalta, os sublima e os conduzem até as imortais claridades do Amor verdadeiro, onde cada sacrifício aumenta seu esplendor.

Tudo se entrecruza no cosmos. Os mortos e os nascimentos se equilibram; ao desaparecer da terra, o espírito passa, por assim dizer, imediatamente a animar outro corpo em outro planeta. Ali tudo está preparado para recebê-lo; pais, amigos, guias lhe esperam, tal qual quando nasceu aqui.

Esperando a ressurreição definitiva no Reino de Deus, a morte nos procura uma ressurreição imediata. Não temos porque nos inquietar, nem nada a temer: todos os detalhes destes deslocamentos são preparados e regulamentados com minucioso cuidado. A única preocupação do Pai é nos fornecer todos os meios, para viver, para aprender e para realizar a obra.

O período de confusão cessa tão logo a alma se desprenda de seus ídolos terrestres e se resigna, entrando então no gozo tranquilo de seu Ideal. Duas categorias de seres não conhecem o repouso do outro lado: os malvados que não quiseram trabalhar sobre a terra e os soldados do Céu. Estes, de fato, não trabalharam para aperfeiçoarem a si mesmos, nem para ganhar o Céu. Estão convictos que verão à Deus algum dia. Para eles é indiferente tornar-se ricos, célebres, poderosos, no psíquico ou no moral: é a Vontade do Pai o que interessa. Não se afligem senão pelos outros, jamais por eles mesmos; o que buscam é oferecer aos outros a alegria verdadeira. Eles se esquecem, não pensam no cansaço próprio e, se ganham uma recompensa, não a guardam, oferecem seus méritos aos irmãos menos avançados.

Os homens comuns, no entanto, descansam, ainda que não por muito tempo. É muito raro que o intervalo entre duas encarnações terrestres alcance mil anos, quando a raça a qual pertencemos se aproxima do fim e o indivíduo mesmo está evoluído, frequentemente voltam as encarnações. Inclusive, há aqui embaixo, um homem que passa sem interrupção de um corpo usado a outro novo; seu espírito jamais tem tempo de ir ao país dos mortos. A lenda judaica de Elias, a lenda cristã de João Evangelista, a lenda muçulmana de El Khadir, provém de uma intuição deste fato. Este homem, verdadeiro Ahasvérus (o judeu errante NT) do Invisível é a pequena semente imperceptível que prepara o futuro distante, quando nosso planeta entrará na alegria do Senhor.

Sobre a terra é onde se trabalha com mais fruto; chegar a uma idade avançada é portanto um grande favor. Em nenhum caso se tem o direito de se dar a morte; o suicídio é um mau cálculo. O espírito sofre do outro lado os sofrimentos dos quais queria escapar e que tem de cumprir, além dos trabalhos suplementares para reparar todas as desordens que seu ato intempestivo provoca ao seu redor. No entanto, não censure os suicidas, ninguém conhece os verdadeiros motivos de um fato, algumas vezes, o suicídio é por assim dizer, fatal.

*

Qual deve ser nossa conduta com a alma dos mortos? De maneira geral, não temos que nos ocupar, não temos dever para com eles. Não é proibido pensar, querer bem ou recordar os mortos. Mas não é para tentar trazê-los de volta, nem pela magia, nem pelos meios mais simples do espiritismo. Se formos bons, se eles foram bons, voltam sozinhos, ou melhor, não nos abandonam.

Em todas as famílias patriarcais, os antepassados estão presentes ao redor do lar; assistem a seus descendentes e rezam por eles, se souberam rezar sobre a terra. De fato, os antepassados, pais e filhos são um único grupo compacto, se se separam fisicamente, permanecem juntos espiritualmente, sob a condição de que todos pratiquem a virtude. O bem reunido se harmoniza sempre. O mal, inclusive quando é o mesmo gênero de mal que vários seres cometem, desune e dispersa sempre. As manifestações psíquicas provocadas, quando não são produzidas por larvas, nem por espírito de animais, são feitas pelo duplo, o astral do defunto, quase nunca o eu imortal participa.

Assim, estamos nas mãos de Deus; Ele dispõe de nós à Seu gosto, mas sempre para nossa melhora. Ele não permite que ninguém abandone um trabalho antes da hora; não permite nenhum deus a explorar o que quer que seja. O Pai vela por todos; quando um ser amado nos abandona, novas simpatias o rodeiam; tem guias, auxílio e quando lhe chega seu justo destino é para seu aperfeiçoamento. Luta, pois contra a revolta e a desesperança. Nossos gemidos atam nossos mortos à terra. Deixemos que partam; eles voltarão, voltam inclusive frequentemente de forma muito material, pois se um avô sorri com uma ternura tão profunda por um neto, é porque seus espíritos se reencontram e recordam os anos desaparecidos, talvez quando enfrentaram dificuldades juntos e junto foram felizes. Mas, respeitemos o véu que a Bondade divina tem felizmente lançado sobre o mistério das existências.

O espiritismo, para o que tem confiança em Deus, é, ao menos, inútil. Ademais não sabem mais do que nós sobre os segredos do universo; podem muito bem se fazerem entender através de nós espontaneamente em caso de urgência. Obedeçamos a palavra de Cristo: “Deixem os mortos enterrarem os mortos”. Tem anjos para se ocuparem deles, ali onde estão como tinham quando viviam na terra. Enquanto ao inferno, nenhum ser permanece para sempre; seu príncipe mesmo um dia virá em arrependimento. Se quisermos ter o cuidado em melhorar a sorte de nossos defuntos, o único procedimento eficaz e normal é dedicar-se com ardor à prática da virtude. Do coração do discípulo a Luz irradia sobre todos os seres com os quais tem parentesco. Formamos famílias e os membros de cada família permanecem juntos, em espírito, sob a condição de que estejam unidos

pelo amor do mesmo Mestre e este amor, creiam, é o único que nada mancha e sobre o qual podemos fundar as esperanças mais certas. Poucos homens o conhecem, amam, acreditando nestes privilegiados, nenhum encantamento se aproxima à suas delícias sobrenaturais.

*

Assim, a morte é doce para quem ama à Deus acima de tudo. Por mais longe que se busque, nas criptas do esoterismo, nos elixires e fórmulas para prolongar sua existência, ninguém deseja adiantar a visita na qual só Cristo sabe vencer. A alegria não está em habitar aqui ou em outra parte, é cumprir a vontade de seu Mestre. Se soubessem que beatitude derrama-se sobre nós com a menor palavra, a simples presença do Amigo; todos os desertos perdem seu horror e todos os infernos sua desolação. Que Jesus habite nosso coração, melhor que qualquer outro lugar ou, ao menos, que não nos oponemos à Sua visita! Que esplendidas recompensas seriam nossas mais tarde! Quantas suavidades são concedidas nos trabalhos de Seus soldados! Para eles a morte se despoja de seus terrores; Os anjos vêm à sua cabeceira, lhes guardam, afastam os hostis de seu corpo, lhes envolvem em seus véus, lhes cobrem com suas asas, lhes levam em seus braços, por cima dos abismos, através dos turbilhões e os colocam adormecidos em um ligeiro sono sobre as escadas do trono onde se assenta Quem os amam. Não, em verdade, o soldado pode não temer nada de tudo o que atua entre os limites da criação. Mas eu não queria que os pusessem a trabalhar na esperança de uma recompensa; mas sim e somente pela inefável alegria do Espírito que lhes desejo em seu caminhar. Quem domina suas paixões e mantém estas mensagens fogosas na carreira do bem, recebe como recompensa tornar-se realmente mestre. A quem venceu seus demônios, o Céu lhes dá depois como servidores, quando são melhorados por seus cuidados. Mas, se se trabalha para tirar qualquer vantagem, se está dentro do egoísmo, não no Amor.

É preciso tornar-se perfeito por simples obediência, para dar alegria ao Amigo. É então quando o Céu nos entrega as provisões; Acima de tudo, o Céu se torna sensível à nós e nos derrama o licor puro da vida eterna. O Céu nos inflama de um ardor sempre crescente. Estas noções místicas não são conceitos filosóficos; são realidades, substâncias ativas, batismos penetrantes. Se o Verbo é a Vida e O possuímos dentro de nós, o único trabalho é fazer crescer este broto precioso, cultivar ao nosso redor as inumeráveis qualidades de toda ordem que surgem continuamente do coração do universo. A morte nos aparecerá tal como é: um fantasma; e só a eventualidade de uma diminuição da Luz em nós nos produzirá alguns temores saudáveis, graças aos quais não deixaremos de subir até os cumes do Imutável.

OS MESTRES DA FORÇA E O CÃO DO PASTOR

**“Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou”
(João 13,13)**

O homem tem necessidade de um guia; auxiliares que a Natureza lhe dá e os indicadores que coloca na sua rota, de trecho em trecho, anjos guardiões delegados pelo Céu para a conservação deste Fogo sagrado, do qual cada um possui uma chispa, todos estes colaboradores não são suficientes para acalmar nossas inquietudes, porque estão do outro lado do véu. Nossos pais, instrutores, superiores nem sempre nos bastam, pois os sentimos normalmente como homens, iguais à nós; não levam na sua frente o signo da Verdade; a claridade de seus olhos, o poder de suas palavras, a bondade de suas ações não derivam sempre de uma certeza imutável das realidades divinas. Desejamos aqueles que dentre nós elevem seu saudoso olhar até à Casa do Pai, desejamos uma presença mais tangível, um braço robusto que nos levante, uma voz que nos comova, um sorriso que reabra no fundo de nossos olhos secos, a fonte das lágrimas sagradas, lágrimas preciosas, lágrimas fecundas de Amor absoluto.

Ainda que sejamos indignos desta graça, ela nos é concedida por Deus, a partir do momento em que nosso espírito está maduro para não correr o temível risco da ingratidão, desde que tenhamos feito o mínimo de esforço necessário para justificar a preciosa visita de um enviado do Espírito.

Situemo-nos como de costume, no ponto de vista da perfeição. Entre os que os homens chamam mestres espirituais há duas categorias: os falsos e os verdadeiros. Todos passam no nível geral; mas os primeiros não são mais do que viajantes do caminho; há os que são célebres, diretores de escolas, fundadores de certas formas religiosas, alguns taumaturgos, alguns teóricos; há os que seduzem um público crédulo; alguns escritores ocultistas do século passado; há usurpadores e os que propagam o mal parodiando os gestos da Luz. Estão também, entre os atletas da inteligência e da vontade, quem prefira o anonimato. São os “refúgios”, os “polos”, os picaretas do islamismo contemplativo; são os chefes secretos do esoterismo bramânicos que mostram às massas do Hindustão, que acodem a Banarés só os brilhos dos tecidos de pedras preciosas com os quais se cobrem seus veneráveis rostos; são os anamitas centenários, de longa barba branca, que perseguem com suas roupas de seda, os pés dos altares perdidos nos bosques, as meditações abstratas que parecem vãs à nossas filosofias; estes descendentes das escolas tebaicas, que passeiam pelo mundo com roupas modernas e aspecto cosmopolita e que, no século XVII se intitulavam Rosacruz; estes magros rabinos, inclinados sob os rolos da Torá, no fundo de qualquer beco escuro e lamacento da Alemanha ou Polônia ou, enfim, este cardeal majestoso que está no fundo de um nobre palácio na Cidade das Sete Colinas ou este monge mudo sepultado em sua cela branca.

Todos eles levantaram o véu que recobre a verdadeira figura do universo; mas somente uma pequena ponta do véu, imenso como a cena que protege. E assim é porque estes homens laicos anônimos, príncipes sacerdotais, vagabundos desnudos na selva, Asekhas, Djivanmuktis, Phaps, Ghutas, Santos, magos, todos admiráveis ainda que por belezas diferentes, estes irmãos maiores podem dar uma indicação, prevenir de um obstáculo. Mas, não são Mestres, no sentido total e simples desta palavra; só possuem parcelas do Poder, fragmentos do Saber, ainda que queiram possuí-lo na totalidade; seus olhos não chegam até ao centro eterno das criaturas, não podem, portanto conduzir a ninguém.

Não mencionarei aqui a outros homens desgraçados que são verdadeiros partidários de algum príncipe das Trevas, que não condiziam mais do que com as prerrogativas da matéria, da artimanha e do orgulho e para quem todos os meios são legítimos se a força se encontra na sua parte.

Como muitas outras coisas belas, nossa época, onde reina o gosto pelo artificial e a histeria da adulação, tem prostituído este grande título de Mestre.

*

O Mestre segundo o Espírito é um homem que possui liberdade plena e total; É aquele que chegou à este estado literalmente sobrenatural, não como os célebres falsos sábios, recusando a vida, escapando da servidão, matando os desejos, forjando cadeias da existência; senão que vivendo com a maior intensidade, aceitando todas as escravidões, levando até ao Incrível todos os desejos, por esta alquimia psíquica que obra a transmutação do material, do natural, do corruptível em espiritual, em divino, em perfeito. Nada é livre se não escapa à opressão do tempo, se não desborda os limites do espaço. A lei da justiça, as relações inexoráveis de causa e efeito, as restituições inevitáveis, as obrigações individuais, não podem alcançar-lhe: este é o homem livre.

Agora compreendem porque este homem tem poder sobre si mesmo e sobre aqueles a quem foi chamado a dirigir.

Não se torna livre por se declarar como tal em virtude de alguma teoria stendhaliana ou niezstcheana; é preciso sofrer provas nas quais os poços de Raquel, os subterrâneos das pirâmides ou as criptas das pagodas só esconderiam benignas imitações. É preciso triunfar em múltiplos combates; é preciso vencer a todos os adversários, suportar todas as tiranias, perdoar todas as injustiças, cumprir todos os sacrifícios, esquecer, por fim, todos os sofrimentos. Somente então se recebe o batismo do Espírito, se entra no Reino de Deus, se toma o lugar no banquete da beatitude eterna.

O verdadeiro Mestre é um destes homens livres, um destes reintegrados, que aceita voltar a descer para cumprir uma missão. Desconhecido do mundo se permanece no Céu, só revela sua identidade sobre o planeta onde se encarna quando quer; é necessário inclusive que se cale a maior parte do tempo, para não comprometer o êxito de seu trabalho. Ordinariamente, preside o nascimento de um mundo e assiste a seu fim, porque tudo nele vem do sobrenatural, porque seu ser inteiro não contém uma só molécula emprestada da Natureza, permanece o mais desconhecido dos homens, o mais enigmático, verdadeiramente, segundo o temporal, o menor. Ele pode dizer com exatidão: “Eu não sou nada”.

É verdadeiramente Mestre de seu corpo, tem o direito de impor-lhe todas as fadigas e todas as privações; pode toma-lo e abandoná-lo; nascer e morrer quando quiser; se transporta instantaneamente de um lugar a outro, aparece em vários lugares ao mesmo tempo. Estas aparições não são como as que contam a hagiografia, à vezes duram vários dias; não são fluídicas, em cada lugar onde se produzem as testemunhas tocam um corpo perceptível, como tem ocorrido recentemente na França, Itália, Rússia, América; eu tenho tido em mãos provas irrefutáveis.

O homem livre justifica tudo o que os teólogos nos ensinam sobre o corpo glorioso, mas aplicando suas descrições ao organismo material purificado que é o próprio deste missionário celeste. Um biólogo não encontraria nada de particular na análise química de um organismo assim; apenas algumas funções viscerais, algumas particularidades anatômicas, lhe distingue dos organismos comuns; são os sinais das faculdades excepcionais do Espírito divino que o anima. Este Espírito Santo comunica a tudo o que toca sua vida sobrenatural, pelo corpo do homem livre se opera esta infusão.

Quando se cumpre um ato de caridade, por exemplo, nosso corpo coopera, mas as células dedicadas a este esforço são, em geral, obrigadas pela vontade ou estão sujeitas a uma contaminação do interesse pessoal, fechando o que é tão difícil de abrir, inclusive quando se determina exercer a virtude.

Dos milhares de células que me ajudam a depositar uma moeda na mão do pobre, duas ou três somente tem trabalhado com retidão. Estas são as boas operárias; tendo cumprido seu trabalho, abandonam o ser coletivo do qual formavam parte – meu corpo – e são dirigidas, por agentes especiais do plano de reserva, a um armazém onde esperam que todas as demais vitalidades celulares, das quais minha individualidade receberá a administração no curso de sua encarnação terrestre, as tenha reunido, depois de ter cumprido integralmente suas funções. Neste momento, eu mesmo, enquanto espírito humano, estarei disposto a receber o verdadeiro e definitivo batismo; admitido na casa do Pai, reencontrarei, em caso de missão, todos estes milhares de minúsculos espíritos purificados, que me pertenceram, enquanto que, durante meus trabalhos temporais, só tinha o usufruto.

Assim é o gênesis do corpo glorioso e por isso está fora do alcance das leis da Natureza. Na realidade, o homem livre não tem necessidade de alimento, nem de sono. Quando come e dorme é para comunicar uma virtude nova aos alimentos; é para melhorar o mundo dos sonhos. E todos os atos de sua vida terrestre, todos, sem exceção, constituem curas, cultivos e combates.

*

Isto nos conduz a tratar daquelas missões que o Pai encarrega especialmente a Seus enviados que são o objeto de nosso estudo atual.

Um Mestre segundo o Espírito é apenas aquele que ensina. As lições que dá por mais vivas e frutíferas que sejam, permanecem quase sempre silenciosas. Todas as manifestações da vida, na esfera na qual descende, recebem seus cuidados. Vigia a organização das camadas geológicas, canaliza as influências interplanetárias, em virtude das quais uma gema desconhecida cristalizará lentamente nas entranhas da mina. Vigia as plantas, confere ao espírito de tal espécie vegetal uma virtude nova; melhora outra família venenosa. Vigia os animais, seguindo seus destinos, utilizando suas faculdades, extraíndo do fundo de seu espírito as sensibilidades mais finas, limitando o crescimento das raças híbridas, cuidando do repouso das raças desaparecidas. Vigias as numerosas hierarquias invisíveis, regula os fogos subterrâneos e as correntes atmosféricas, os intercâmbios dinâmicos entre planetas e prepara, séculos antes, as grandes modificações da biologia geral.

De ordinário se limita a retificar insensivelmente o trabalho de todos estes seres, como o cachorro do pastor faz com o rebanho. Raramente ele manda, mas é obedecido de imediato. Com um gesto o mar se acalma, o vento cessa, a chuva cai ou a tormenta se instala. Porque possui a vida eterna, tudo renasce ao seu contato e, se toca com o pé um tronco podre no bosque, esse reverdece novamente.

Este Mestre não é um juiz; não vem mais que para ajudar e reparar; inventa sempre o meio de dar novos prazos para que os preguiçosos e desobedientes encontrem a oportunidade de emendar-se. Quantos cataclismos tem visto suspender-se pelo gesto poderoso de certo desconhecido! Quantos dragões justiceiros adormecidos no fundo dos oceanos, quantos monstros encadeados sob os assentos das montanhas, este homem mantém em um sonho e com cadeias a fim de que tal cidade prevaricadora encontre o tempo do arrependimento! Mas, quantas vezes, devemos confessar tristemente, seus cuidados permanece estéreis! E para que sua paciência não se esgote é necessário que este homem viva na permanente e serena bondade onde só o Verbo é a fonte inesgotável!

Quanto ao gênero humano, a enfermidade é submissa à voz deste Mestre. Ele cura como vimos que curava o Cristo, consola o desesperado, põe de pé os que caem ao chão, faz avançar os valentes, controla a descida das almas e sua ascensão, pois as ideias vivas lhe obedecem. Olhando um ser, pode ver: vícios, virtudes, possibilidades, passado, presente, futuro; em um abrir e fechar de olhos precipita ou retarda os acontecimentos; riquezas, quebras, condenações, matrimônio, mortes, nascimentos, tudo desfila diante de seus olhos e se ordena ao seu comando. Os diversos ramos da indústria, da ciência teórica e aplicada, da arte, não tem segredos para ele, que as diminui, aumenta, transforma, as envia para outros planetas, segundo julga necessário. Fornece o descobrimento útil ao inventor cujo cérebro está apto para coloca-lo em prática, afasta o descobrimento prematuro, faz descer novos conceitos do seio da Sabedoria eterna; é assim como se aperfeiçoa a filosofia. Repara o universo mental, as injustiças e os estragos que os soldados das Trevas tem cometido. É assim que à vezes anuncia uma proposição notoriamente errônea, e porque é um homem revestido do Espírito, afirmando como verdade uma ideia hoje falsa, que muda desde então, acaba por tornar-se uma verdade.

Estas coisas são difíceis de entender e impossível de admitir para qualquer um que tenha situado a razão em um trono e a ciência sobre um altar. Só os príncipes da ciência e da filosofia suspeitam da vaidade dos ensinamentos que se devem a elas. Nada está fixo no mundo; a borracha não tem hoje as virtudes que tinha no século XVIII; acreditas que no próximo ano, no mesmo dia, na mesma hora, esta sala ocupará no espaço o mesmo ponto que agora? No tempo dos cézares a fórmula da

gravidade era a mesma de hoje? A linha direita só é o caminho mais curto entre os pontos em uma geometria de três dimensões; dois e dois são quatro só na matemática quantitativa.

O homem livre vigia as raças, os povos e as civilizações, intervém às vezes nos poderes políticos e o Espírito sabe abrir-lhe, quando necessário, os palácios mais fechados. A história verdadeira, a história informal nos mostra alguns exemplos de laicos desconhecidos introduzidos perto de um papa ou imperador; estes ilustres desconhecidos recordam-lhes, em particular, seus deveres esquecidos ou lhes preparam alguma grande atividade. Faço aqui alusão a personalidades como São Bernardo, Bernaud, Cosmopolite ou o Conde de Saint-Germain. Assim, os ministros e os satélites que olham com inquietude a opinião do estrangeiro prevalecer, lhe encham de acusações e intrigas.

O Mestre ainda olha se uma guerra é indispensável ou se pode ser substituída por outra coisa; deixa que ocorra quando a salvação de uma raça depende disso, apesar de toda dor que implica ver a matança entre os homens; intervém, às vezes, nas batalhas, inclusive evita quando possível as operações cirúrgicas das pessoas.

Enfim, o campo de seus poderes é imenso, e para percorrer todas as vertentes, seria necessário se propor ao estudo completo da vida planetária.

*

Caso nos colocassem na presença de uma individualidade tão extraordinária, não compreenderíamos. Tudo, nos Amigos de Deus, se desenvolve em sentido inverso dos homens comuns. Acreditamos ser livres, mas somos escravos de nossos ídolos, desejos e vícios.

A palavra “paixão” não quer dizer algo que se sofre, sob um império diante do qual nos inclinamos? A palavra “virtude” não quer dizer algo ativo, radiante, efetivo?

O Amigo de Deus possui a verdade, a verdade absoluta e no momento que Ele lhe envia uma missão, O Pai lhe dá um segredo, um meio através do qual esta verdade absoluta se adapta às particularidades do relativo. Tal maestria do Verdadeiro é mais que um simples assentimento intelectual, é mais um hábito, uma vivência, um fazer-se carne. A verdade só aparece diante de nossos olhos à longa distância e através de todo tipo de nuvens; para o homem livre, ela reside nele, até o centro de seus ossos e nenhuma parcela de si mesmo é capaz de receber o erro. O verdadeiro é a lei de nosso ser essencial, o princípio que nos constitui; por ele alcançamos nosso verdadeiro desenvolvimento, fixando-se somente no que é endêmico a toda escravidão. Matéria, erro e cadeias são a trindade de Baixo; se opõe à trindade do Alto: espírito, verdade e asas.

Por estas razões, o homem livre tem o direito de mandar em si mesmo e mandar no resto do mundo. Se seu olhar obriga a toda criatura a mostrar seu coração despido, sua força lhe confere uma autoridade suprema sobre todos. Ele pode saber instantaneamente de tudo: o que acontece na Síria, em que ponto do deserto há uma estrela oculta preciosa, assim como o mais secreto ou o mais fugitivo dos pensamentos que palpitam em vossa frente. Basta um olhar sobre uma planta e reconhece todas as suas virtudes. Uma pergunta muda e a pedra do monumento mais antigo lhe dirá o nome do operário que a colocou ali. Todos os seres materiais levam uma inscrição, escrita com tinta em uma língua que só compreendem e decifram os que têm uma visão clarificada pelo Céu; Ele comunica este arcano muito mais aos que se tornaram incapazes de julgar mal a alguém.

O homem livre possui esta inocência, recebeu o segredo da própria boca do Pai, no entanto, nunca toma uma atitude de mestre na frente dos outros, nunca faz uma cura, nem um milagre, nem se permite a menor iniciativa ordinária, da vida cotidiana, sem pedir primeiramente a permissão de Deus. Esta liberdade que engloba os resultados espirituais de todos os seus trabalhos anteriores, se

entregou como a mais bela homenagem entre as mãos de seu Rei e se comprometeu a não ter outra vontade além da Sua.

Os movimentos pelos quais um ser tão sublime se determina, por mais lógicos que sejam, ficam incompreensíveis diante de nossa vista estreita e se pudéssemos nos elevar ao nível de seu juízo, não faríamos mais do que discerni-los, sem compreendê-los. É uma das razões pelas qual um Mestre normalmente é silencioso. Ele deseja perceber os aspectos mais exteriores de sua atividade, mas esconde com cuidado todos os meios que poderiam permitir a descoberta de seus recursos íntimos ou que colocariam os curiosos no rastro de sua identidade real.

Quanto maior o homem, maior a necessidade de calar; quanto mais sábio, mais está obrigado a calar; quanto mais poderoso, mais a fraternidade lhe ordena calar. Não sempre, mas sim em muitas ocasiões. Grandeza, solidão e silêncio marcam os corações excepcionais. Para o comum dos mortais a verdade absoluta é incomunicável, a beleza suprema invisível, a bondade perfeita impossível. Só estão, de maneira real e eterna, no Ser que pode dizer legitimamente a Si mesmo: “Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida”. Elas residem por comunicação imediata, nestes servos-amigos, totalmente identificados com o Verbo por meio de seu Amor. Os demais homens, filósofos, artistas, santos, qualquer que seja a elite, se matam se esforçando para perceber os anjos radiantes do Absoluto, o rosto do Pai: a Verdade; a forma do Senhor: a Beleza e as mãos do Criador: a Bondade.

Neste ponto culminante das forças eternas, o Mestre que compreende exerce uma atividade incessante. Seu corpo não sente a necessidade do repouso, pois é puro; para ele o cumprimento da vontade de Deus lhe sustenta; seu coração deseja mais trabalho, pois serve para combater tudo o que abandonou; o trabalho é uma beatitude perto da qual as delícias de qualquer paraíso não tem sabor.

Por que parar? Ele vive em um lugar sobrenatural onde nada se opõe ao resplendor, onde as forças crescem à medida que se dão, onde os seres crescem sem interrupção e se aperfeiçoam sem limites. Imaginem, Senhores, o que contém estas três palavras: a vida eterna? Vida toda em progressão ininterrupta, onde a inteligência e o poder jamais percebem barreiras, onde as demais criaturas só pensam em ajuda-los a crescer, onde só se alimenta o cuidado de fazer os outros felizes. Vida cujo princípio, alimento e fim são uma mesma substância: o Amor. Vida onde cada palpação é um sacrifício e cada sacrifício, uma felicidade inédita. Vida onde todos os participantes se elevam juntos em um movimento contínuo, com a certeza de uma ascensão sem fim, em uma atmosfera mais e mais vivificante.

Assim é o estado da alma do homem livre. Guarda no fundo do seu coração, até mesmo no mais desolado dos infernos, não a recordação, senão a clara sensação do Céu.

Compreendem que uma alma assim pouco liga para os sofrimentos, que seu aspecto se altere pela imutabilidade interior que revela; que seu olhar pode revolucionar; que sua palavra seja capaz de tocar o centro de quem a recebe, de uma forma que vai além do entendimento?

Compreendem que um homem assim atue fora, aqui ou além do tempo, do espaço e de suas condições? Ele lança as chamas que levam mais longe a muralha do Criado. As leis não lhe impedem, nem a ele, nem ao que lança de seu coração incandescente. O que faz não se inscreve nos livros do Destino, seus atos não entram nas contabilidades do universo, são sempre graças e misericórdias; a Justiça não interfere, por outro lado não é prejudicada. O homem de Deus sobrecarrega a si mesmo quando alivia o fardo de alguém e não gera fardo a outro; quase sempre carrega o fardo sobre seus próprios ombros.

O Mestre, enfim, pode escrever sobre o livro da Vida, pode modificar os destinos individuais ou coletivos; ele exerce às vezes o terrível privilégio ao qual estas palavras do Cristo fazem alusão: “Aquele que nada tem, ainda assim lhe será tirado”. Alguns realmente recebem do Céu luzes, faculdades especiais, um pouco mais de inteligência e às vezes não fazem bom uso ou usam estas vantagens para oprimir seus vizinhos, ocupar um lugar melhor, glorificar-se, como se tivessem adquirido estas superioridades por seus próprios esforços. Chega um dia, neste caso, que o Cristo, por ministério de um de seus amigos, retira estes dons, que não usaram mais do que para seu orgulho e os transmite a algum outro que com humilde fará com que frutifiquem na Luz, para o bem geral e os levará para o reconhecimento e a glória de Deus.

*

Quando o Mestre vem aqui embaixo naturalmente conhece apenas uma pequena parte da humanidade. Entre os que o conhecem alguns “que tem olhos, mas não veem”, não percebem nada em particular. São os indiferentes, estão espiritualmente atrasados, o sentido do divino está adormecido neles.

Outros se dão conta de algo, mas como amam suas paixões, como este lugar é opressivo por sua conduta, sentem ódio e tentam prejudicar o enviado.

Outros enxergam um mistério, mas são preguiçosos, não querem se levantar, nem sequer abrir os olhos. Outros veem esta luz como não é, tomam este homem por um mago, um hipnotizador, um adepto, segundo os estudos que seguem ou sua própria mentalidade.

Outros, por fim, uma infinita minoria, presentem neste ser algo extraordinário, o estudam, entram em sua rota pela prática da virtude e acabam por descobrir um pouco de sua verdadeira identidade. Eles são os discípulos e chegarão a ser os soldados.

Os indiferentes, os ignorantes, inclusive os adversários, não são os mais culpados, são os preguiçosos. Pecam essencialmente porque se recusam a agir, pesada é a dívida que contraem e penoso o pagamento.

Mas o Mestre é magnânimo, tem a eternidade diante de si, sabe que sua rogatória ao Pai prolongará, se necessário, a duração da criação para dar a um só de Seus filhos pródigos a oportunidade de recuperar-se. Ele iria com seu grande coração até o fundo dos infernos, apesar do sofrimento, para buscar um desencaminhado. Ademais, o Verbo em pessoa Se reencarnaria antes de deixar perder-se a menor das criaturas.

Estes pedidos nos comovem. Digamos que para nos tornarmos menos indignos, temos que redobrar a coragem e atenção. Utilizemos os auxílios dispostos no nosso caminho a fim de que, se todos os nossos irmãos devem ser salvos, não sejamos para nenhum deles motivo de atraso em sua felicidade.

Por exemplo, se um demônio se apresenta frequentemente temos pavor, porque o vírus que destila sua vontade corrompida será pressentido por nossos organismos fluídicos. Se um anjo se apresenta com frequência, da mesma forma seremos prisioneiros do medo porque tudo, neste ser inocente, é estranho à terra; seria verdadeiramente um desconhecido para nós, ele mesmo por outro lado, não nos compreenderia, a menos que esteja encarregado de uma missão especial, neste caso, o Pai lhe dá todas as informações úteis.

Então o Mestre aparece, é como um sol que se levanta no coração do discípulo. Todas as nuvens se desfazem; todas as pedras se desintegram; uma nova claridade se expande, parece ser sobre o mundo; ressentimentos, desesperanças e ansiedades são esquecidos; o pobre coração as lança na

direção das radiantes paisagens entrevistas, sobre as quais o suave esplendor da Eternidade estende suas glórias; não há nada apagado que obscureça a Natureza, tudo se une em uma admiração, adoração e amor.

Nenhum discípulo entra no Céu sem voltar a ver ao homem que lhe deu, sobre a terra, o sabor do divino; são as mãos veneráveis deste Iniciador supremo que lhe derramaram a água viva do batismo do Espírito. É o mesmo homem, o único digno deste título, que lhe lavará a mancha indelével do mal; é ele que arrancará definitivamente este coração do transitório para implantá-lo no imutável, por inteiro no Verbo. É ele que apresentará este coração purificado ao Verbo Jesus para receber a coroa da eleição, porque foi ele quem, diante de cada juízo, lhe defendeu, lhe desculpou e implorou indulgência ao justo Juiz. É a ele que este coração feliz oferecerá esta coroa em homenagem por todos os trabalhos, solicitações e inquietudes que a ovelha custa ao pastor e esta assistência aclamará o duplo triunfo.

Não encontro palavras para dizer a vocês que embriaguez vivificadora, tão pura e tão doce, leva o discípulo. Não se pode imaginar nada parecido. A música, nossa música, expressaria mal as delícias refrescantes destes colóquios inefáveis. Só o silêncio celebra dignamente estes mistérios, porque favorece em nós o desenvolvimento do indizível, do sobrenatural, do sobre-humano, porque apresenta ao desnudo, ao nosso coração, o que as palavras vestem e escondem, porque é somente em suas trevas que visualiza o desejo inextinguível do Céu.

Vós, Senhores, que valentemente deram início à exploração do Mistério, contempla estas cenas no silêncio e pelo silêncio; vossas orelhas perceberão, sem dúvida, o que me estaria proibido, por respeito, falar bem alto, se a língua humana pudesse traduzir as palavras fulgurantes do Verbo.

*

O mais seguro dos sinais, pelos quais o discípulo reconhece seu verdadeiro Mestre, é uma evidência interior mais forte que todas as dúvidas do mental. É preciso calar os outros sinais físicos, alguns bastante evidentes. Na pessoa do homem livre e em suas obras tudo é supraterebre.

Vive aparentemente, como todo mundo, quem sabe está casado, pode ser um artesão, vagabundo ou um investidor. É pelo seu ensinamento que o mestre se afirma como filho de Deus; ele testemunha não por ter ouvido falar, mas por ser espectador das realidades sobrenaturais.

A divindade de Jesus, Sua ressurreição, a caridade, o universo invisível não são para eles artigos de fé, ou de instruções, como para nós, são fatos. Ele situa o amor fraternal acima de todas as iniciações e de todas as penitências. Por fim, ele se afirma enviado de Deus porque, como o verdadeiro Pastor, sempre “entra pela porta”. Nunca há nada extraordinário em suas formas de atuar, jamais um juramento exigido, jamais nada que ofenda os costumes, as conveniências ou as leis; nunca há nada prematuro, violento, fanático; não reclama, não busca aprovação, não perturba a ordem estabelecida. Nada resiste à sua vontade, espera em silêncio que o curso natural da vida lhe ofereça a ocasião de atuar mais discretamente. Esta é uma lição de sabedoria prática do maior efeito frente à nossas pressas e impaciência.

Guarda bem este sinal: “O verdadeiro Pastor entra pela porta” e, em nenhum caso, por uma brecha da cerca.

O Mestre não nos precede, nos acompanha; sua imensa superioridade desce ao nosso nível, pois nos ama. Caminha na fila conosco, fala a cada um em sua própria língua e, sobretudo, age. Ama ao próximo, diz às vezes, mas começa por dar aos pobres tudo o que humanamente possui. Trabalha, diz também, mas ele consome seus dias e suas noites nas ocupações mais absorventes. Suporta tuas

penas, nos aconselha, mas ele sofre sem chorar todas as dores do corpo e da alma e não apenas as dores do homem, mas as dores de deus. Perdoa, mas ele não se defende jamais de nenhum ataque e responde a seus perseguidores favorecendo sua felicidade material ou a vida de seus filhos.

*

Vejo que acabo de lhes dar as mais fantásticas afirmações e tens todo o direito, do ponto de vista racional, de não me acreditar. Tenho provas em minhas mãos, mas não posso comunica-las. Por outro lado, tais provas só podem convencer aqueles que possuem previamente a semente da convicção.

O Mestre conhece todos aqueles em quem uma voz interior imperceptível lhe afirma as extraordinárias realidades das quais vos falo. Ele os segue desde longos tempos, como também se inquieta por outros que não podem abrir os olhos até mais tarde. Para todos os homens chegará o dia bendito em que ocorrerá o encontro corporal com seu Mestre. Dia único, entre milhões de dias. E, no instante em que estes dois seres troquem o primeiro e definitivo olhar, pelo qual toma posse um do outro, segundo as virtudes recíprocas do reconhecimento e da misericórdia, neste instante o universo inteiro fará silêncio e, desde o fundo dos infernos até o trono de Deus, todos os seres vão parar de viver, pois uma ovelha perdida terá sido reencontrada.

Podemos apressar este momento, uma vez que está inscrito no livro do Destino? Sim, podemos. Desde Jesus, a Bondade equilibra a Justiça. O Céu mudará Suas paradas por pouco que façamos o pequeno esforço necessário. E são sempre as mesmas palavras as que voltariam a vos dizer para terminar, palavras que resumem toda a Lei e a Vida.

Amai-vos uns aos outros e adiantem o encontro divino. Amai-vos uns aos outros e adiantem este encontro para vossos irmãos. Amai-vos uns aos outros e aliviem este Homem desconhecido de uma parte de seus trabalhos, ele que caminha até nossos corações, desde o fundo dos espaços, desde os séculos, para lhes dar a luz, curar-vos e regenerá-los.

O APOSTOLADO

**“Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.
E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade.
E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que
pela tua palavra hão de crer em mim;
Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti;
que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”
(Jo 17,18-21)**

Chegamos ao fim de nosso rápido exame das principais forças sobrenaturais. Só nos perguntamos, até o momento, sobre os meios de receber. Devemos perguntar sobre os meios para dar. E como o misticismo, nosso misticismo, é inteiramente construído com as substâncias incriadas da fé, como os esforços heroicos que exige são sempre infinitamente menores que os tesouros de suas magnificências, devemos, por nossa parte, irradiar na fé e verter nos corações a água da fonte eterna que equilibra, lava, cura e regenera. Este é o apostolado, tal é a obra do discípulo, que vamos examinar hoje.

O apostolado é a forma de caridade especial do discípulo, porque o verdadeiro culto ao Verbo é a ação. A melhor ação é aquela cuja meta é mais elevada e seu esforço mais intenso. Que obra exige mais cuidados, mais dedicação, mais lágrimas, mais jejum, mais amor, do que abrir à Luz os corações petrificados baixo às torrentes lamacentas dos desejos temporais?

Ninguém é capaz de se tornar um apóstolo de um dia para outro. Primeiro é necessário ter aprendido a conhecer os homens, a discernir suas necessidades reais, a abrir um caminho até seus corações. A caridade é a mestra desta longa escola. No entanto, tudo já foi dito sobre nossos deveres; todos sabem como se deve comportar diante do próximo, dos seres inferiores, das coisas, dos seres intelectuais, dos seres coletivos e diante de nós mesmos; vocês já sabem o que os Céus esperam de nós. Mas o que eu gostaria ardentemente de fazer vocês sentirem é a maneira de apreender este trabalho, com que fogo é preciso arder, que concentração secreta devem ter para que teus cuidados gerem frutos.

Será necessário modificar a atitude, os costumes e a residência dos corações; pode até ficar onde está, seja na ciência, na filosofia, na arte, no trabalho manual, tanto no paraíso como no inferno, mas saibam que é Deus quem o ocupa. Busca somente o ponto por onde tua situação transitória se una ao mundo eterno; ali encontraram o Verbo Jesus que os espera. Suas mãos fortes e doces arrancarão o coração de vosso peito, gastado e manchado; estas mãos cuidarão, reabrirão os caminhos interiores invadidos pelas ervas daninhas, com a permissão da nossa preguiça; deste coração purificado, restituído, recriado, partirão as energias vivas em direção ao intelecto e ao sentido, estes dois polos do ser humano retomarão seu lugar como reguladores e instrumentos. Possuireis a Vida em vós, ao invés de correr atrás de imagens cambaleantes da Vida; Vocês conhecerão diretamente a Vida fora de vocês; como olhos cansados que se reanimam percorrendo os luminosos campos, teus corações palpitarão no êxtase diante do Sol dos espíritos e brilharão em uma incompreensível claridade sobre os demais corações ao seu redor.

A flecha da luz divina golpeará o centro da vontade em vocês, abrirá este centro, desprenderá suas asas, como o primeiro raio de sol matinal impressiona os campos ainda brumosos e desperta seus habitantes. Para isso, só é indispensável que seu encontro com o Mestre tenha ocorrido. É suficiente que saibam que este encontro é possível, certo, inevitável. Tal convicção, mais além do intelecto, é já o encontro maravilhoso. Esta convicção não pode germinar em vós sem uma humildade radical, é a primeira visão direta de Jesus, segundo Sua verdadeira forma; pela primeira vez a alma transmite ao Eu uma palavra eterna.

*

Vejam no apostolado a imitação prática de Jesus. O Amor é ao mesmo tempo o princípio, a meta e o método, porque o Amor arde ao mesmo tempo no centro do homem e no centro de Deus. Escuta esta exortação tão terna do Amigo: “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros”. Tal é a fórmula do apostolado, da vida, dos fins evolutivos; tal é o único grande Arcano do conhecimento total e do poder supremo.

O que dizer deste Amor sobrenatural, que as vozes extasiadas dos Santos, dos Amigos, dos Soldados, dos Operários místicos ainda não disseram? Sem amor, por insignificante que seja, nenhuma criatura pode realizar nada. Se, no oco de uma rocha, o duro granito se torna terra desmensurada, é porque deseja e ama os fermentos químicos do ar, da chuva e do sol. Se, ao longo das rotas do Infinito, o serafim ardente cavalga o cometa, é porque ama ou deseja estas esferas sombrias desconhecidas que o Senhor lhe ordena visitar.

O Amor é o Anjo por excelência dentre as miríades de anjos; vindo de Deus, retorna à Deus, em um voo acelerado, levando em suas asas alguns prisioneiros machucados – as almas – mas totalmente felizes por estarem cativas. Como o Cavaleiro Tártaro, nos estepes do Turquestão, o Amor se precipita, devasta, provoca o incêndio e o estende em um mesmo golpe, restituindo das estreitas cabanas onde definham nossos corações aos amplos sopros purificantes do Espírito: o Espírito, a voz que chama no deserto.

O Amor é o grande Tesouro, a pérola única, o diamante que tempo algum adulterará. É muito pequeno, está desnudo, é invencível, invulnerável. É forte como a morte, dizia o mago de Israel. Sim, antes que nosso Jesus descesse o Amor não era forte como a morte. Depois, ele superou sua irmã, sua inimiga, sua colaboradora. Desde a grande vitória do Nazareno, não é apenas um ser forte, é a força; está inclusive acima da Justiça de Deus. Inatingível em seus movimentos, os olhos rápidos de Lúcifer não podem segui-lo e as espadas de aço de Satã se enfraquecem contra seu peito nu. Que pincéis molhados nas essências radiantes da vida eterna e em seus fluídos deslumbrantes não serão necessários para expressar as cataratas de luzes, nas quais este Amor submerge aos eleitos?

O Amor é a doçura, a alegria, o impulso, o supremo, o infinito; é a loucura divina, o realizador das esperanças absurdas, o verdadeiro Cristoforo, o vigilante sem sono, o cativo cujas correntes mais pesadas não pesam nunca. Não há nenhuma prisão que não se abra com sua oração, nenhum casulo que não floresça em sua cercania, nenhum arcanjo que não se apresse com seu chamado.

O Amor não vê nada além daquilo que ama, em todo o universo, ou melhor, vê todas as coisas Naquilo. Esquece, se lança, se transforma, se faz nada e se identifica. Em certo grau de união, o Verbo propaga assim Sua inefável totalidade desde o coração até o limite extremo da individualidade do discípulo. O intelecto, o juízo, a sensibilidade se revestem então da forma que tomariam, na mesma circunstância, o intelecto, o juízo, a sensibilidade do Filho do Homem. O próprio corpo do discípulo renuncia a sua vida para escolher as essências puras que constituíram em outro tempo a vitalidade física do Salvador e assimilá-las. Milagres? Não, resultados naturais de uma causa sobrenatural. Para aqueles do mundo, para os sábios das escolas e dos templos, são milagres, porque estes idólatras negam o sobrenatural, adorando o maravilhoso. Para aqueles do Céu, que conhecem a existência do sobrenatural, para a sabedoria Crística, que ensina a inanidade do maravilhoso e a perpetuidade do milagre, as iluminações e as alquimias interiores são fatos lógicos e familiares.

Agora Senhores, imaginem o estado de exaltação silenciosa em que vive o discípulo. O discípulo: homem que, apesar de ainda vivo, abraçou seu ideal. Recorda em teu coração as emoções inesquecíveis da adolescência; purifica, sublima, aumenta estas ebriedades, aviva estas luzes com todas as púrpuras e todas as pedrarias: representa-os sobre o azul sem fundo das perspectivas zodiacais a imensa figura do Verbo, transpassando os limites do mundo e, no entanto, continua por inteiro no coração de Seu amigo. Vejam os sois deslumbrantes, os incêndios cósmicos, os raios assassinos de divindades; tudo isso não passa de alguns carvões incandescentes, através da glória cintilante que serve de vestes ao Senhor. Concilia o imenso e o infinitesimal, uni em vossa alma o sabor do todo poderoso e a ternura mais vulnerável. Quem sabe então vossa imaginação, tensionada ao limite, refletirá uma imagem fugaz da atmosfera onde respira o discípulo. Quem sabe poderão respirar estas fragrâncias sutis. Compreendereis então porque alguns homens parecem imutáveis, porque não se surpreendem com nada a ponto de parecerem insensíveis, porque seu rápido olhar vos penetra até o fundo, e se pousa sobre vossos olhos lhes causarão vertigens. São seres excepcionais, acostumados ao inesperado, buscadores do impossível que, voltando-se para Jesus, assumem os martírios sempre novos que o mundo reserva aos apóstolos do divino. Eles são completas antíteses, onde rimos, choram e o que nos desalenta, lhes entusiasma. Há neles uma atração simpática que desperta nossa confiança, mas há também ao seu redor uma barreira que descarta as indiscrições e familiaridades. Enxergam as coisas sob um ângulo desconhecido e sua contemplação incomunicável lhes fornece motivos de piedade, indulgência e fraternidade, sem descanso. Nós somos de pedra, eles de fogo; eles se consomem e incendiam ao seu redor com zelo incansável. Permita-me retomar uma palavra de Jesus para desejar, com todo o fervor que sou capaz, que este incêndio chegue até vocês, levados pelos sopros do Espírito e que ardam prontamente em chamas vivificadoras e regeneradoras do Amor.

O apóstolo quer convencer, depois arrastar. Para convencer, tem a palavra; para arrastar, ao exemplo, tem a ação. Este dois modos de propaganda se resolvem no trabalho interior mais profundo e mais elevado: a oração. O discurso é uma oração, o ato é uma oração; a oração verdadeira, por sua vez, é palavra e ação.

Vejamos primeiro o discípulo em sua propaganda pela palavra.

A linguagem precisa ser tratada com precaução. Há algo por trás das palavras e da escrita; é preciso saber que este oculto existe e compreender que não pode ser prostituído sob pena de confusões e desordens de toda natureza nos ouvintes, leitores e nos outros. A dúvida de nosso tempo será pesada, pois se imprime muita conversa mal sana; muitas palavras nefastas e vazias são lançadas desde o alto das tribunas e palanques.

A palavra é um dom de Deus, um dos mais altos; esta terra é um dos lugares do mundo onde este dom desceu com mais abundância. Não quero examinar nem a origem, nem a essência da palavra; é suficiente sentir sua beleza, sua virtude profunda, sua majestade, para conhecer ao mesmo tempo os cuidados que devemos dar-lhe.

Qualquer homem preocupado com sua dignidade vigia sua palavra, muito mais o discípulo que aspira a ser uma influência decisiva sobre as almas. Não deveria então exercer um controle severo sobre sua língua? Cuidar de cada palavra, evitar toda palavra malvada, maliciosa ou simplesmente inútil. Deve evitar qualquer palavra injuriosa ou ofensiva para com os seres inferiores, inanimados, abstratos ou invisíveis – tudo isso é ensinado em nossos estudos e palestras.

Hoje contemplem melhor a misteriosa correspondência entre estas duas palavras: a palavra e o verbo; sigam suas ramificações, melhor ainda, busquem-nas, procurem a síntese. Esta contemplação leva até onde? Até Deus. Aqui o ser da palavra cresce tanto que escapa de nosso olhar, confunde-se com o ser do mundo, ultrapassa os limites do Relativo. Aproxima-nos do oculto no Silêncio, pátria de todas as línguas de todos os sinais e todas as harmonias e em cujo palácio se desenrola todas as maravilhas da vida interior.

O silêncio não é apenas não falar, é um ato positivo, uma força afirmativa, um gênio, um deus, um reino oculto; ele progride como toda criatura, entre dois conselheiros, um anjo de Luz e um anjo de Trevas.

Tudo fala no Universo, mas também tudo escuta. Normalmente se procura saber o que as criaturas dizem, mas os sábios se inquietam muito mais por conhecer o que elas calam; o Dakshinamurti bramânico e o sábio de Samos, situados ao começo e ao final da cadeia de ouro das antigas iniciações, demonstram o valor do silêncio no cultivo sistemático da vontade. Se o mundo dos sons contém o alimento intelectual de nosso espírito, o mundo do silêncio contém o alimento do mistério, no lugar das reservas ideais, o reino original da Verdade, da Beleza, do Bem. Ali as portas são estreitas e não são encontradas antes de se ter errado por longo tempo nas ervas daninhas da palavra. É necessário ter experimentado o justo do provérbio persa: “A palavra que reténs é tua escrava; a que lhe escapa é tua Mestra” Quem pode prever as consequências de uma palavra? Em um ato tão simples, quantos componentes escapam ao nosso controle!

O discípulo fala pouco; antes de falar se refugia no seio do silêncio e se encerra novamente ali depois de ter falado. A palavra está entre dois silêncios, assim como o tempo está entre duas eternidades; o espaço entre dois infinitos. Falar é semear. Mas no silêncio se celebram os mistérios, os deuses trabalham as almas. Senhores façam com que vosso silêncio seja vivo e para isso ascenda

uma chama: a chama do Amor, a fim de que o Mestre mesmo venha conduzir o arado nos vastos campos de vosso espírito.

Neste silêncio precursor da palavra, é possível verificar a lei universal da evolução. Nada sobe desde o inferior sem que duas forças superiores descendam previamente. As tradições religiosas ensinam, a histologia demonstra. Para que a palavra do discípulo chegue em maior grau ao espírito dos ouvintes, é necessário que uma das energias profundas de seu ser se sacrifique e que uma centelha do Verbo venha a habitar nele. Percebemos aqui porque a vida do discípulo é um jejum contínuo.

Compreendam inclusive porque os mestres da vida interior possuem o silêncio em tão alta estima. Para o adepto, constitui uma grande economia de forças, transmutáveis em forças mais altas. Para o cristão é a evocação de Deus, o lugar da presença celeste, uma barreira para todo tipo de vertigem.

Antes de todo cataclismo se produz um segundo de silêncio. Jesus foi encarnado no silêncio ansioso do Universo inteiro. Só descende em nós quando todas as vozes da carne e o orgulho forem mortos. Jesus colocará sobre nossa cabeça, a coroa da beatitude no silêncio extasiado dos mundos. O discípulo não começa nada sem a oração; esta oração é o silêncio vivo e fecundo, porque o amor verdadeiro, o amor supremo, o amor eterno sobrepassa toda expressão; semelhante à grande águia das solenidades milenares, plana, com suas vastas asas expandidas, imóvel, mais alta que as montanhas, mais alta que as nuvens, sustentada pelo olhar incandescente que fixa sem piscar sobre a esfera, em seu esplendor insustentável, sobre o sol dos espíritos.

As grandes dores são mudas, dizemos; as grandes alegrias também. Em meio ao mundo, as reputações nascem e vivem no ruído; mas a glória germina no silêncio. Do Ser dos seres, Deus, que a escolástica definiu muito bem: o Ato puro, quem entendeu Sua voz? Os mais angélicos entre os homens jamais escutaram além de alguns ecos ao longe. O constante hábito do silêncio físico pode fomentar em nós as brasas ainda frias, onde algumas centelhas do Fogo incriado se avermelham aqui e ali. E, quando esta chama imortal for elevada, devorará em nós o que houver de perecível, nos aliviará, nos levantará até o mundo surpreendente onde as vozes criadas se juntarão no infinito clamor silencioso do êxtase e da adoração.

Tudo o que se faz deve ser feito completamente. Se for para falar que se fale com todo cuidado, todo talento e todo ardor possível; se for para calar, que se leve o segredo para a tumba, junto com as faltas e intimidades de outro, as ideias de duplo sentido, as ideias prematuras. Estas são as lições do silêncio passivo; do silêncio ativo, não é o homem quem pode ensiná-lo, somente Deus.

O apóstolo se vê, quase sempre, forçado a ter as mãos fechadas, cheias de segredos; os porcos e os cachorros, a quem o Evangelho proíbe jogar as pérolas, se apresentam ao redor do homem interior. Quem dá a um espírito um alimento forte demais o envenena e isto é mais grave do que matar seu corpo. Rezemos antes de revelar os mistérios.

Por conta de sua própria humildade, o místico está seguro de receber sem intermediário, a visita do Verbo. Tem necessidade, para este encontro, de dispor todas suas forças, desde as intuitivas até as corporais, em atitude de atenção mais profunda. A atenção é a espera, é o amor, é a forma mais acessível do silêncio. Então as palavras do Apóstolo não serão mais que a tradução em linguagem humana de suas conversas com Jesus; mas, quem necessita de conversas? Aqui e ali os homens sabem por experiência que uma palavra do Verbo é suficiente para preencher toda sua solidão, para fecundar o vasto deserto de seu espírito, para ascender em seu coração um fogo imortal, para dar-lhe o inestimável poder de propagar este fogo em outros corações. O que desejaria eu senão que percebam prontamente, sobre as oliveiras da Paz, nas pendentes das colinas eternas, a sublime

silhueta do Pastor, lançando sobre os ecos do pequeno vale, ainda que escondido nas brumas da aurora, a chama iluminadora, o grito inquieto do Amor.

O discípulo conhece a impotência da palavra, não chegou ainda na plenitude do Espírito; seus discursos não contêm a plenitude da Vida. Está ainda em ascensão e pode dar passos em falso. É por isso que deve exercer sobre si mesmo a vigilância mais rigorosa; temerá constantemente não oferecer a seus ouvintes o exemplo vivo do Ideal que mostra. A preocupação de não ser um arauto demasiadamente indigno lhe perseguirá dia e noite. E seus escrúpulos são legítimos, seus temores admiráveis, seus esforços dignos de todo nosso respeito.

O exemplo influi de outra maneira que o livro e a palavra; chega aos corações pelas avenidas da vida real e não pela inteligência. Seus ensinamentos são claros; não há como se enganar diante do exemplo; não podemos sofrer as distorções dos comentaristas que surgem no discurso ou na escrita. O fato, que é vida, fala à vida em linguagem indubitável. Mas, sobretudo, a realização das teorias, a qual o soldado se submete pela disciplina mais estrita, confere à sua obra, ao seu entendimento, à sua intuição uma saúde vigorosa; é um sangue rico e generoso; fixa suas ideias, lhe dá um equilíbrio mental imperturbável; mantém em seu lugar este bom sentido precioso e indispensável no misticismo.

O apóstolo fará então duas partes em sua vida exterior; uma é o fundamento da outra e ambas lançam suas raízes profundas na vida interior; na noite desgarrada pelos fulgores onde se desenvolvem os colóquios indizíveis do Mestre com Seus amigos e de estes Amigos entre eles.

Ainda que a vida interior exija mais tempo e cuidados que a vida exterior, a realização da vida exterior pede mais esforços e custa mais lágrimas que a propaganda propriamente dita. Lance um olhar à ontologia e se convencerão rapidamente que, por toda parte, que aquilo que não se percebe é infinitamente mais importante e mais difícil do que aquilo que salta à vista.

Para o apóstolo, o ensinamento público é a flor da beleza e o perfume ao qual todo mundo está convidado; o que se oculta é o lento combate da semente no sulco, os penosos crescimentos da raiz e do talo, as resistências desesperadas ao granizo e furações.

Por isso o discípulo toma tanto cuidado com seus atos, porque escolhe com prudência, porque sua vida prática inteira se resume em uma só palavra: caridade.

O ato é a vida, a vida é a energia; o melhor ato é aquele onde a energia é mais intensa e mais pura. A energia mais intensa não seria lutar contra si mesmo, despojar-se em proveito de outro? A energia mais pura não é a que se lança ao movimento mais alto? Este movimento é o serviço a Deus.

A fonte da caridade é profunda, como o coração de Deus de onde emana; sua extensão é imensa como o universo do qual é objeto. O discípulo a recebe diretamente e distribui suas ondas puras em seus trabalhos cotidianos; não lesiona nenhum ser; abandona o supérfluo, oferece por fim o necessário. Levar uma vida prosaica lhe é indiferente. Ele sabe que, segundo Santa Tereza de Ávila, Deus está tanto na cozinha como na capela. Sabe que o ato mais vulgar pode tornar-se a envoltura de uma semente celeste. Ocupe-se dos trabalhos mais simples unindo-se ao Amor de Jesus, que não desprezou nunca cumprir estas mesmas tarefas, rogando-lhe que ilumine por Sua benção os trabalhos análogos do homem interior.

Estas são as bases da caridade, seus exercícios elementares. Não é uma energia que desenvolve seus poderes sabiamente e prudentemente; é universal, como um explosivo, frequentemente explode, em um minuto, abrasa a tudo, ao discípulo e o universo, os homens, os deuses e os demônios.

Quando os moralistas falam, não enxergam o caminho que conduz a esta fogueira; não percebem a plenitude, a totalidade, a perfeição desta figura na qual se realiza a unidade absoluta da verdade, da beleza e do bem. Devemos nos aproximar dela com respeito, quanto maior for uma palavra, mais maravilhoso é o anjo que a cobre. O anjo da caridade conhece todos os mistérios e pode todos os milagres. É por isso que os inimigos se levantam em massa sob seus passos. No entanto, apesar da terna solicitude que lhe inclina sobre as pobres criaturas extraviadas, ele espera sempre, antes de deixa-las sentir sua compaixão, que haviam formulado uma petição e feito um gesto de chamada.

*

Mas, em verdade, não importa se o ato cumprido com o propósito de unir-se à Deus seja um sacrifício real. O discípulo situa mais longe o parecer de sua vida com a humilde vida de Cristo. Jesus, natureza infinitamente delicada, sofreu desmesuradamente. O sofrimento que Seu corpo padeceu quase não conta ao lado da dureza dos homens, sua covardia, hipocrisia, ingratidão. Isto lhe afligiu martírios interiores. Sua alma humana foi torturada todos os dias de uma Paixão mais dilaceradora que os suplícios corporais do Gólgota.

Não se surpreendam ver em Seus fiéis a mesma sede de dores. Mais vale morrer do que não sofrer, gritam. Contudo, não os vejam como heróis tipo Werther ou Manfredo, que se deleitavam com a autossugestão mal sana de suas próprias melancolias ou em uma comiseração platônica das desgraças do outro. São almas muito elevadas cuja sede de expiar as leva ao encontro de todos os martírios.

O apóstolo renova a missão de João Batista e nos ensina sobre o arrependimento e a reparação do mal; mas, não ousaria prodigar suas exortações se não colhesse sua parte destes arrependimentos e destas expiações. Ainda que possua uma serenidade interior imutável, não despreza nem aos ansiosos, nem os despreocupados. Não busca o sofrimento pelo sofrimento, isto é apenas o sílex cujo choque faz saltar o Amor em forma de centelhas; é o sinal de que o Céu não esquece nosso avanço.

O soldado nunca busca consolo ou distrações em seus afãs espirituais; abre um livro só para estudar, visita os amigos apenas para animá-los. Jamais revela suas penas; os homens só vêm seu sorriso; Deus e os anjos vêm suas lágrimas, pois ao Mestre disse: “Tu, quando jejuar, unge tua cabeça e lava teu rosto, para que os homens não saibam que jejuas, mas somente teu Pai, que está no secreto”.

O apóstolo não chora senão diante do mal que vê cometer; é porque suas penas são infinitas, por isso cala. Quanto mais profundas são as trevas interiores, onde está, mais brilhante é a Luz que irradia. É, em seu meio, a vítima expiatória, como o Chefe livre para um planeta e como o Cristo para toda a criação. E, se declina toda ajuda, e com a finalidade de que os anjos mais numerosos fiquem livres para ajudar seus irmãos.

Senhores, quando tal mensageiro vem até nós através da graça contraímos graves deveres para com ele; nos tornamos responsáveis pelas suas fadigas. O fardo que carregam seus ombros é considerável. Ele leva, por um lado, a preocupação com nossas extravagâncias; ademais, para exercer seu ministério, tem necessidade de se comunicar com o reino invisível do Verbo e estas visitas não lhe são possíveis, senão ultrapassando, por um heroísmo constante, o grau normal de perfeição onde está situado.

Cada vez que a conquista de uma alma se deixa prever, o apóstolo oferece sua própria vida em um novo holocausto. Existem mais santos do que os enumerados pelos bolandistas. Tenho visto estes servidores desconhecido, consumindo seus dias em renúncias, suas noites em lágrimas suplicantes

da oração, aceitando com reconhecimento a carne necessária que o destino adverso lhes poupa com parcimônia. Dizem que os malvados tem o coração duro; o coração dos anjos dos Amigos de Deus é adaptável, líquido como uma fonte ardente que se expande, inesgotável e onde a menor gota abranda as petrificações mais sólidas do egoísmo.

Estas vítimas voluntárias jamais amenizam suas penas; elas temem as coisas fáceis; não têm pressa em obter êxito, não se preocupam com as derrotas, têm a certeza de uma vitória definitiva. Apesar de tudo, os testemunhos de suas lutas se perguntam de onde tiram esta tenacidade, esta energia que os reveses, ao invés de abater, intensificam. Aqui está:

*

“O que fizeres com o menor dentre vós, farão comigo”, disse Jesus.

Em verdade, todo sofrimento é uma liberação, contém uma virtude redentora emanada do Verbo. O discípulo, tomando sobre si mesmo a desgraça de seu irmão, força a misericórdia do Cristo a descender, pela santa audácia do Amor.

Nada do que existe foi feito sem o Verbo; tudo o que os homens fazem aos homens e a toda criatura, chega a uma forma particular dele mesmo. O Cristo tem sofrido tudo, mesmo sendo inocente, ainda que Ele jamais tenha tido nada a aprender. Buscando trabalhos análogos, ainda que muito menos vastos, o apóstolo se aproxima de seu Mestre, ou melhor, se incorpora à substância essencial. Por fim, como já sabemos, Jesus continua sofrendo, até que todas as ovelhas estejam dentro do lar. O Calvário de Judéia não foi nada além do que uma localização terrestre do Calvário universal. Cada vez que o apóstolo assume as dores do outro, ou seja, expia uma falta que não cometeu, alivia o martírio espiritual de Jesus.

Talvez vocês possam pensar que tudo isso não passa de imaginações e, conseqüentemente, desanimar. Ao contrário, todas estas coisas são positivas, são fatos de experiência. Mas, para verifica-las, é preciso se submeter às condições necessárias. O Céu permanece sempre ao nosso lado, somos nós quem O buscamos, sem razão, ao longe. Nenhuma das promessas do Evangelho é simbólica. Todas são reais e permanentes, porque Jesus falou no Absoluto. Na maior parte do tempo, é a nossa condição de mornos que faz com que fiquem escondidas nos profundos caminhos circulares do inconsciente. Porém, ao verdadeiro discípulo, ao verdadeiro soldado, ao apóstolo são abertos caminhos no plano do corpo ou inclusive no plano social. Desta forma, o anúncio do Consolador tem recebido outras realizações além da que ocorreu em Pentecostes; todos aqueles dentre nós que já se aproximaram a um Amigo de Deus, receberam fisicamente a visita do Espírito Santo.

Alguns santos católicos encontraram nas escrituras um alimento suficiente para o corpo. Mas a todos aqueles que esqueceram suas próprias necessidades em favor dos pobres; que dão sem contar tempo, dinheiro, inteligência e saúde, a carne de Cristo é um alimento e Seu sangue uma poção. Cada parcela do corpo de Cristo era a cristalização de um sofrimento inocentemente sofrido; cada gota de Seu sangue foi a efusão de um ato de Amor redentor. Na medida em que imitamos este modelo inimitável, as faculdades, os órgãos que efetuam estes sacrifícios se vêm unidos às faculdades, aos órgãos análogos do Homem-Deus, pois Ele é a Videira e nós somos os brotos.

Com seu nascimento, o apóstolo pesou sua cruz e provou seu cálice; os anjos lhe mostraram suas responsabilidades, seus fracassos, seus ataques; mas ele, contemplando o inumerável clamor das dolorosas multidões, firmou o pacto da grande Caridade. Em seguida, uma Luz descende nele, para brilhar mais tarde em um resplendor real a cada sofrimento aceito, e, se os homens não recusarem verão e receberão uma centelha salvadora.

Estejamos atentos, se a voz patética de um Amigo de Deus se eleva na noite profunda, se ele avança, levando nas trevas a tocha das claridades eternas, que não percamos a preciosa visita. Que saibamos diferenciar a chamada do andarilho e a do Pastor. Que conservemos sob a brasa dos vãos desejos agonizantes, a centelha do fogo primordial que o sopro do Espírito voltará a ascender. Tenhamos os olhos abertos para não perder na multidão o Peregrino da eternidade que nos busca com tantas fadigas; busquemos por todas as partes estes homens, não as suas vestes ou os seus discursos, senão seus corações e suas obras; os Apóstolos pareciam ignorantes e grosseiros, haviam deixado já desde antes de seu nascimento, para os atrasados, suas aquisições intelectuais e suas experiências da civilização terrestre. Se avistarmos alguém assim sem enxerga-lo, talvez séculos fossem necessários antes que se reproduza para nós a eventualidade deste encontro maravilhoso.

Senhores, vamos nos separar por alguns meses ou por alguns anos, quem sabe? Não sabemos. Mas, por pálidos que tenham sido meus relatos, por pouco hábil que tenha sido em comover vossos corações, peço encarecidamente que se lembrem de nossas conversas. É possível encontrar um entre vós, no coração de quem esta recordação emergja a cada dia? Este está disposto para o trabalho. Aos que não estão dispostos ao trabalho rogo que façam o melhor, a fim de que o Recrutador da Luz vos recrute prontamente. Hoje, assim como no tempo em que o Messias percorria os férteis campos de Israel, faltam operários para a colheita mística. Peçam ao Pai, segundo o desejo de Seu Filho, que Se lembre de enviar trabalhadores; mas também estimulem em si o humilde e ardente fervor que os fará escolher estes trabalhos pacíficos. Bem sabem como a aurora se comove ao elevar-se sobre os vastos campos do Mestre, como o crepúsculo derrama sua suavidade, que bálsamos flutuam nestes pequenos vales, que perspectivas encantam os olhares, de colina em colina, até as montanhas brilhantes onde resplandece a forma radiante do Bem Amado!

Levantemo-nos logo, Senhores, estejamos dispostos para a primeira lua do sol matinal; como soldados no fronte, que nenhum alerta nos surpreenda e que a aparição sempre repentina do Rei das glórias sobrenaturais nos encontre sobre as armas. Tenho esperança que em nosso próximo encontro, alguns de vocês levarão no roto a permanente claridade que deixa, por todas as partes onde posa, o olhar invencível e mui doce de Nosso Jesus.

FIM